Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social

Nelson de Campos Ramos Junior

Mediador das Luzes: Concepções de progresso e ciência em
António Nunes Ribeiro Sanches (1699 – 1783)

Versão Corrigida

(O exemplar original se encontra disponível no Centro de Apoio à Pesquisa História da
FFLCH)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Iris Kantor

São Paulo, 2013.

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar as concepções de *ciência* e *progresso* nos escritos do médico português António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), tendo em vista o seu papel de mediação entre o Iluminismo europeu e o reformismo ilustrado português da segunda metade do século XVIII. Para tal fim, opera-se uma dupla abordagem, procurando, em primeiro lugar, fazer a reconstituição de sua inserção nas redes de comunicação intelectual europeias, buscando definir sua posição estratégica na comunidade erudita e científica do século XVIII; e, em segundo lugar, analisaremos seu pensamento e orientação política, enfocando as articulações entre as concepções de ciência e progresso em seus discursos de natureza científica e política.

Palavras Chaves: Cultura científica, Iluminismo, teoria do progresso, circulação de conhecimento

Abstract

This dissertation aims the analysis of the conceptions of *science* and *progress* in the texts written by the portuguese physician António Nunes Ribeiro Sanches (1699 - 1783) regarding mainly his role as mediator between the Enlightened Europe and the portuguese reforms at the eighteenth century. On this concern, we approach his intellectual image under a double scope, considering first the reconstitution of his intelletual networks in order to define his position among the scientific community of the eighteenth century early modern Europe, and secondly the analysis of his thoughts and political orientations, focusing on the conceptions of science and progress.

Keywords: Scientific culture, Enlightenment, theory of progress, knowledge circulation.

Résumé

Cet étude a pour objectif analyser les concepts de *sciences* et *progrès* dans les textes du médecin portugais António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), ayant comme base son rôle de médiateur entre l'Europe des Lumières et le réformisme illustré portugais de la seconde moitié du XVIIIe siècle. À cette fin, on fait usage d'une double approche : d'une part, la reconstitution de son implication dans les réseaux européens de

communication intellectuelle, visant à définir sa position stratégique dans la communauté scientifique et universitaire du XVIIIe siècle ; et, d'autre part, faire l'analyse de sa pensée et de son orientation politique, mettant l'accent sur les liens entre les concepts de la science et du progrès dans ses discours à caractère scientifique et politique.

Mots-clés: Culture scientifique ; Siècle des Lumières ; Théorie du Progrès ; Circulation de la connaissance.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sem a qual esta pesquisa não existiria. O apoio concedido foi fundamental para a dedicação integral ao projeto. Devo agradecer também ao Programa de História Social do Departamento de História (FFLCH-USP), por ter me beneficiado com financiamento da CAPES durante o período de dois meses.

Agradeço também à Cátedra Jaime Cortesão e ao Instituto Camões pela concessão de bolsa para estágio de pesquisa em Portugal no período de março a abril de 2012. Esse benefício, para além da experiência que me foi proporcionada diante dos arquivos portugueses, foi essencial para a coleta de obras historiográficas de difícil acesso no Brasil. Agradeço, portanto, todo o carinho e apoio dedicado pela Biblioteca Nacional de Portugal e pela Biblioteca Pública de Évora. Foi à beira do Tejo, também, que pude contar com a contribuição do Profº Drº Diogo Ramada Curto, que muito auxiliou na demarcação dos temas deste texto.

Deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos à minha orientadora, Profª Drª Íris Kantor, por todo o conhecimento que me foi possibilitado adquirir através de seus conselhos e, principalmente, pela enorme paciência perante a lida. Essa trajetória em conjunto, que se estende desde minha entrada na Universidade de São Paulo, hoje é parte integrante de minha identidade.

É com grande felicidade, também, que lembro o contato que tive com o Profº Drº Abílio Diniz Silva, cujo apoio foi de extrema importância e que voluntariamente nos concedeu as cópias manuscritas das cartas de Ribeiro Sanches a Manuel Pacheco Sampaio Valladares.

Agradeço também todos os conselhos, correções e debates proporcionados pelo meu exame de qualificação, no qual pude contar com a leitura atenciosa e os apurados conselhos do Profº Drº Fernando Antonio Novais e da Profª Drª Lorelai Brilhante Kury.

Faz-se necessário, ainda, dedicar meus agradecimentos, para sempre insuficientes, aos meus pais, Nelson de Campos Ramos e Teresa Costrino de Campos Ramos e a toda minha família que, neste árduo momento, estiveram presentes para me confortar.

Agradeço ainda aos meus caros amigos, que tanto escutaram minhas longas ladainhas: Celso Marques Junior, Lucas Legnare, Renan Albino Perondi, Daniel Guinsburg Mendes, Gustavo Giacomini, Matheus Pustrelo e André Sekkel Cerqueira.

Por fim, este trabalho deve ser reconhecido como uma obra a quatro mãos, pois, sem o apoio diário de Barbara Carolina Dias, a quem estimo, por vezes, mais que a mim mesmo, nenhuma linha seria vertida sobre essas páginas.

INTRODUÇÃO:	7
CAPÍTULO 1: A HISTORIOGRAFIA ACERCA DE RIBEIRO SANCHES	13
1.1 VISÕES COEVAS	13
1.2. RIBEIRO SANCHES NA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA	22
1.3. NOVOS TEMAS E PERSPECTIVAS	32
1.4. A INTERNACIONALIZAÇÃO DE RIBEIRO SANCHES	38
CAPÍTULO 2: PRÁTICAS E TRAJETÓRIA	45
2.1: OS ANOS PORTUGUESES (1699 – 1726)	45
2.2: OS ANOS ITINERANTES (1726 – 1731)	50
2.3: OS ANOS NA RÚSSIA (1731 – 1747)	56
2.4: OS ANOS PARISIENSES (1747 – 1783)	65
CAPÍTULO 3: SABERES E REFORMISMO	76
3.1. CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII: ABORDAGENS	76
3.2. OS SABERES EM RIBEIRO SANCHES	82
3.3. A POLÊMICA DA SÍFILIS	87
3.4. PROGRESSO E CONSERVAÇÃO	97
CONCLUSÕES	107
APÊNDICE 1: TRANSCRIÇÃO DE TRÊS MISSIVAS DE RIBEIRO SANCHES	108
1ª CARTA: RIBEIRO SANCHES A MANUEL PACHECO SAMPAIO VALLADARES — 18 DE JANEIRO DE 1733	108
2ª CARTA: RIBEIRO SANCHES A MANUEL PACHECO SAMPAIO VALLADARES — 20 DE MARÇO DE 1735	109
3ª CARTA: COD. CX/1-13 A FL. DITA DE ANTONIO RIBEIRO SANCHES A (GONÇALO) XAVIER D'ALCAÇOVA.	111
BIBLIOGRAFIA:	113
1. FONTES	113
1.1 <i>Fontes manuscritas</i>	113
1.2. <i>Fontes impressas</i>	113
2. OBRAS DE REFERÊNCIA.	116
3. LIVROS E ARTIGOS	116

Introdução:

*"Nec sibi, sed toti genitum se credere mundo"*¹

Assim foi representada a vida do médico português Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699 - 1783) no brasão que lhe foi doado pela Academia Imperial de São Petersburgo, da qual foi membro correspondente. "Nascido para o mundo", o cristão-novo de Penamacor (região da Beira) fora representado como detentor de uma bondade exemplar. Mas, seria possível apreender o sentido de uma vida de forma tão concisa e unívoca?

A princípio, quando de meu ingresso no Programa de Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo, o foco deste projeto reservava-se, somente, à análise dos conceitos de ciência e progresso na obra do médico português. O principal objetivo dessa pesquisa consistia, em um primeiro momento, em compreender os dois conceitos propostos a partir da leitura atenta de seus textos, buscando analisá-los em comparação com os modelos de ciência e progresso reconhecidos como tipicamente iluministas por uma tradição historiográfica que entendia as Luzes como um movimento intelectual coeso, no interior do qual poderíamos precisar claramente os conceitos que se tornam ideias universais comuns a todos os homens de letras do período. Essa abordagem, comumente chamada de História das Ideias — e muito próxima do que se entende por História da Filosofia —, faz-se presente, por exemplo, na *Filosofia do Iluminismo* (1932) de Ernst Cassirer, na qual o autor alemão pretende compreender o século XVIII a partir de ideias universais que possuem como intuito a instauração de um novo modo de pensar, baseado em uma concepção de razão divergente do racionalismo vigente no século XVII e em um novo paradigma cognitivo, nascido do empirismo de Isaac Newton e John Locke². Nessa mesma chave interpretativa, porém com intenções bastante distintas das de Cassirer, Carl Becker publica seu *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers* (1932), no qual possui como finalidade comparar a tradição das Luzes aos preceitos da mentalidade medieval, concluindo que o Iluminismo somente difere do catolicismo europeu do século XIII devido ao processo

¹ Legenda do brasão de Ribeiro Sanches, doado pela Academia de Ciência de São Petersburgo e confeccionado no ano de 1777. A tradução seria: "Não para si, mas para o mundo creu-se criado". As traduções de citações a seguir são de minha autoria, caso não esteja indicado o contrário, e vão inseridas entre colchetes [].

² Ernst Cassirer. *The philosophy of the Enlightenment*. Tradução: Fritz C. A. Koelln; James P. Pettegrove. Princeton: Princeton University Press, 1979.

de secularização que empreende. Logo no princípio de seu texto, Becker expõe seu objetivo da seguinte forma: "*I shall attempt to show that the Philosophe demolished the Heavenly City of St. Augustine only to rebuild it with more up-to-date materials*"³.

A essa tradição somou-se, em um segundo momento, a leitura dos textos de Pierre Bourdieu — os que se referem à configuração e à dinâmica do campo científico — e de Max Weber — que define a ciência como um meio, como um instrumento de racionalização cujo sentido é imputado pelos interesses de esferas extra-científicas⁴ —, que introduziu outras preocupações à mente, ampliando nossa apreensão do objeto de pesquisa. Assim, a partir dessas inquietações, vejo ser possível explorar o pensamento de Ribeiro Sanches em dupla análise: em primeiro lugar, reconstituir sua trajetória de automodelação⁵, buscando entendê-lo como homem de ciências que, através de suas redes de correspondências, de suas nomeações para cargos de Academias europeias e de seus escritos reformistas, legitimou-se em meio a uma comunidade "científica" que se consolidava no século XVIII. Em segundo lugar, conforme já tinha sido proposto no projeto original, busca-se entender como Ribeiro Sanches opera a passagem dos conceitos de ciência e progresso de seus textos científicos para seus ideais reformistas, demonstrando, portanto, que o médico beirão não somente atuou como mediador entre Portugal e a Europa transpirenaica, como também operou a "tradução" de doutrinas científicas para projetos reformistas relacionados com a especificidade da conjuntura portuguesa no século XVIII.

Assim, a preocupação deste estudo repousa muito mais na compreensão da trajetória de Ribeiro Sanches como evidência de uma prática científica dinâmica, que encerra em si o processo de legitimação de sua personalidade intelectual no interior de uma comunidade de homens de ciência que compartilha linguagens, processos de recrutamento e que se reproduz em instituições singulares. Entender a esfera da prática no percurso de vida do médico cristão-novo permitirá, portanto, entender seus escritos não só sob o viés da análise dos conceitos de ciência e progresso em suas relações com os ideais das luzes europeias, mas também como um conjunto de ações,

³ Carl Lotus Becker. *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale University Press, 2ª ed., 2003, p. 31.

⁴ Max Weber. *Ciência e Política: duas vocações*. Tradução: Leonidas Hegenberg; Octany Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 9ª Ed, 1993.

⁵ Sigo aqui o uso do termo empregado na obra de Mario Biagioli, na qual o conceito é entendido como um processo de constituição gradativa — e não necessariamente consciente — de uma identidade que se reproduz no interior das relações sociais do mecenato artístico e científico do século XVII. Ver: Mario Biagioli. *Galileu cortesão: a prática da ciência na cultura do Absolutismo*. Tradução: Ana Sampaio. Porto: Porto Editora, 2003.

compreendendo-os como expressão dessa mesma trajetória de legitimação do homem de ciência no século XVIII. Dessa forma, as concepções de ciência e progresso serão entendidas não somente a partir de um processo de apropriação de uma cultura que aos poucos se estabelece no contexto ilustrado — cuja inteligibilidade não pode ser desvinculada da leitura dos textos cruciais para a definição das principais correntes de pensamento do século XVIII —, mas também como meios possíveis de legitimação e institucionalização de um modelo científico que transcende os limites do escrito.

Tendo em vista, portanto, que os textos reformistas do século XVIII apresentam-se — especialmente no que se refere à obra de Ribeiro Sanches — marcados por visível utilitarismo, acredito que a associação entre a análise das concepções teóricas de Ribeiro Sanches e a compreensão de sua trajetória permitirão rastrear em seus escritos os processos de instrumentalização de modelos europeus na constituição de escritos reformistas ofertados aos dois extremos da Europa: o império russo e o reino português.

Quanto à documentação utilizada para a análise das concepções de ciência e progresso de Ribeiro Sanches, baseamo-nos principalmente nas edições da Universidade de Coimbra das obras do médico português⁶, nas quais encontram-se os três principais textos reformistas do autor: *Cartas sobre a educação da mocidade*, *Método para aprender e estudar a medicina* e *Tratado sobre a conservação da saúde dos povos*. Além disso, como principais referências à relação entre o médico português e a Rússia, utilizamos o texto *Sur la Culture des Sciences et des Beaux Arts dans l'Empire de Russie* (1765)⁷ e o escrito *Plan pour l'éducation d'un jeune seigneur* (1766)⁸, ambos parte do espólio de manuscritos do médico português intitulado *Colecção de Autographos ineditos do célebre médico portuguez Antonio Ribeiro Sanches*, conservado no Arquivo Distrital de Braga. Do mesmo grupo documental são provenientes os textos de carácter económico publicados por Victor de Sá e que são de suma importância para compreender as propostas reformistas de Ribeiro Sanches quanto à política e à economia do governo português⁹. Ainda quanto ao ideário político-

⁶ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Obras*. Org. Joaquim de Carvalho; Coimbra: Universidade de Coimbra, vol. 1, 1959. Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Obras*. Org. Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Coimbra: Universidade de Coimbra, vol. 2, 1966.

⁷ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. "Sur la Culture des Sciences et des Beaux Arts dans l'Empire de Russie". In: David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. Suplemento da Revista Janus, vol VI. Leiden: E. J. Brill, 1966.

⁸ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. "Plan pour l'éducation d'un jeune seigneur". In: Fernando Augusto Machado. *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa: Ribeiro Sanches*. Porto: Campo das Letras, 2001.

⁹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. Org. Victor de Sá. Lisboa: Livros Horizontes, 2ª ed., 1980.

econômico de Ribeiro Sanches, deve-se dar destaque à publicação, impressa pela Câmara Municipal de Penamacor e incentivada pelo segundo centenário da morte do médico português, de *Sobre a Agricultura, alfândegas, colónias e outros textos*¹⁰, cujo material fora recolhido na Biblioteca Municipal de Madri, mais especificamente do fundo *Miscellanea Medica*, em 5 volumes, com a cota de 18370 a 18373, que pertenceram a D. Pascual de Gayangos Iarce (1809-1897).

Quanto ao aspecto científico da obra de Ribeiro Sanches, nossas principais fontes são: o *Tratado sobre a Conservação da Saúde dos Povos* (1756), cujo conteúdo entrelaça projeto reformista no campo da higiene pública e a difusão de teorias correntes na comunidade científica europeia, como as hipóteses sobre os miasmas; a *Dissertação sobre a paixão das almas* (1753) que, publicada na *Encyclopédie Pancoucke*¹¹, aproxima a teoria empirista da origem das ideias com a formação das paixões e seus processos de somatização, demonstrando a interdependência entre corpo e alma; e, quanto à polêmica sobre a origem da doença venérea, utilizo, principalmente, a *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne*¹², primeiro texto de Ribeiro Sanches concernente à história da sífilis e que contraria a ideia de que a *lues venerea* originou-se na América, sendo transportada para a Europa através das primeiras navegações de Cristóvão Colombo.

Quanto aos textos manuscritos que me foi possibilitado consultar, destaca-se, principalmente, as cartas de Ribeiro Sanches a Manuel Pacheco Sampaio Valladares, morador da vila de Benavente, e que fazem parte do espólio documental da Biblioteca Municipal de Évora¹³. Essas cartas foram publicadas uma única vez por Maximiano Lemos no *Archivo de história da medicina*, consistindo no principal texto autobiográfico referente aos primeiros anos da vida de Ribeiro Sanches. O texto que nos serve de base para as transcrições que apresentamos em anexo a este relatório consiste em uma cópia feita à mão a partir do original, digitalizada e que nos foi amavelmente

¹⁰ António Nunes Ribeiro Sanches. *Sobre a Agricultura, alfândegas, colónias e outros textos*. org. Faustino Cordeiro; pref. António Borges Coelho. Penamacor : Câmara Municipal, 2000.

¹¹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Affections de l'âme*. In : *Encyclopédie méthodique, médecine, par une société de médecins*, Paris, Panckoucke, 1787, vol. I A-ALI. pp.247 - 177. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?07410xM01> Acessado em: 27 jul. 2009

¹² Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une epidémie*. Paris: chez Durand et Pissot, 1752. Disponível em: <http://books.google.com> Acessado em: 24 mai. 2011.

¹³ Biblioteca Pública de Évora. Cod. CX/ 1-13 — Cartas a Manuel Pacheco Sampaio Valadares. — Trata-se de três cartas endereçada ao Dr. português Manuel Pacheco Sampaio Valadares, escritas por Ribeiro Sanches quando de sua estadia no Império Russo (Moscou, 18 de janeiro de 1733; São Petersburgo, 20 de março de 1735; São Petersburgo, 15 de julho de 1735).

cedida pelo Professor Abílio Carlos Diniz Silva¹⁴. Proveniente do mesmo arquivo eborense é a carta de Ribeiro Sanches ao secretário perpétuo da Academia de História Portuguesa, Gonçalo Xavier d'Alcaçova¹⁵. Seu conteúdo diz respeito à tentativa, por parte de Ribeiro Sanches, de vender sua biblioteca em Portugal.

Em minha estadia em Portugal foi possível, ainda, consultar as obras manuscritas de Ribeiro Sanches presentes na Biblioteca Nacional de Portugal. Dentre elas devemos destacar uma versão manuscrita da primeira parte das *Cartas sobre a educação da mocidade*¹⁶, assim como o microfilme de *Mon Journal* — diário de Ribeiro Sanches cujo conteúdo lança luz aos aspectos cotidianos das práticas de sociabilidade e da manutenção do capital simbólico adquirido pelo médico português¹⁷.

Tendo em vista, portanto, a compreensão da trajetória de Ribeiro Sanches no contexto da emergência de um campo científico autolegitimado no século XVIII. O nosso primeiro capítulo — *A Historiografia acerca de Ribeiro Sanches* — busca compreender, em primeiro lugar, as principais representações historiográficas que encontramos no nosso caminho. Partimos, para isso, do seguinte ponto: as menções ao médico português consistem, antes de tudo, em tentativas de atribuição de sentido a sua imagem. Dessa maneira buscamos demonstrar como sua figura se constitui com o passar do tempo através das diversas apropriações que vai sofrendo. Essas apropriações, por sua vez, permitem-nos mapear as diversas facetas do médico cristão-novo.

Vistas as representações concernentes a sua imagem, o segundo capítulo, *Práticas e Trajetórias*, tem por objetivo não só traçar a trajetória biográfica de Ribeiro Sanches, mas compreendê-la como espaço para entendimento das práticas de manutenção de capital simbólico perpetradas pelo médico português. Dessa forma, o foco do capítulo repousa sobre as relações pessoais mantidas por Ribeiro Sanches durante sua trajetória, assim como sobre o processo de formação da figura do médico português em seus itinerários, aspectos entendidos como processo de acúmulo de

¹⁴ Entretanto, quando do estágio desenvolvido em Portugal, foi possível constatar que o texto manuscrito que utilizamos como base corresponde às devidas cartas guardadas pela Biblioteca Municipal de Évora no códice citado na nota acima.

¹⁵ Biblioteca Pública de Évora. Cod. CX/1-13 — Dita de Antonio Ribeiro Sanches a (Gonçalo) Xavier d'Alcaçova. Paris, 2 de novembro de 1772. — A transcrição dessa carta segue como anexo a este relatório.

¹⁶ Biblioteca Nacional de Portugal. COD. 10896 — *Cartas sobre a educação da mocidade portuguesa*.

¹⁷ Biblioteca Nacional de Portugal. F. 381. *Mon Journal*. Microfilme. Esse diário, cujo original se encontra na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris, inicia-se em 11 de novembro de 1768 e tem, como última entrada, uma nota de 1782.

experiências e contatos, e que, reinseridos na lógica das práticas da *República das Ciências*, atuam como mecanismos de legitimação da imagem de Ribeiro Sanches.

Por fim, o terceiro capítulo — *Saberes e Reformismo* — tem como proposta central compreender como Ribeiro Sanches instrumentaliza as concepções iluministas dos diversos saberes em seus discursos. Seja demonstrando o caráter pragmático de cada disciplina em um novo currículo dos estudos menores, seja utilizando a argumentação histórica na refutação da tese americanista da doença venérea — ou ainda delimitando como a concepção empírica da origem das ideias delimita a relação entre corpo e alma, assim como a saúde de ambos os pólos dessa dualidade —, percebe-se que, de maneira geral, a ciência em Ribeiro Sanches possui caráter instrumental. Essa concepção fica bastante clara quando percebemos que o discurso pedagógico de Ribeiro Sanches possui como fim último a conservação do Estado e como principal preocupação a formação do cidadão que correspondam às necessidades do governo em tempos de paz e de guerra.

Capítulo 1: A historiografia acerca de Ribeiro Sanches

A difusão de textos sobre Ribeiro Sanches e as menções à sua personalidade, durante o tempo, impõem-nos uma impossível tarefa: catalogá-las em uma análise historiográfica concisa. Se os livros explicitamente dedicados ao médico cristão-novo são escassos, o mesmo não acontece com os artigos (notas biográficas, descobertas de documentação, dentre outros). As menções são ainda mais inumeráveis, uma vez que sua figura é interpretada, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX, como pertencente ao rol de contribuições à reforma pombalina, mormente no campo da pedagogia e da medicina. Para além dessa interpretação, na década de 1920, Antonio Nunes Ribeiro Sanches passa a ser representado como um dos diversos sinônimos para o conceito de "estrangeirado". A seguir, tentaremos demarcar as principais contribuições à historiografia sobre Ribeiro Sanches com intuito de mapeá-las cronológica e geograficamente.

1.1 Visões Coevas

A primeira notícia referente a Ribeiro Sanches, em texto publicado, trata-se de um curto verbete inserido na *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado (1682 - 1772)¹⁸. Muito menos preocupado com a biografia do médico português, ao menos neste verbete específico, o autor dedica alguns poucos parágrafos a episódios da vida de Ribeiro Sanches. Para além do nascimento em Penamacor, no dia 7 de Março de 1699, e de sua filiação, o verbete dá atenção à formação intelectual do médico beirão: aos doze anos de idade, já conhecia o latim e o castelhano com perfeição; no ano de 1716, cursou filosofia em Coimbra, dedicando-se posteriormente ao estudo de Direito Civil e, em seguida, à Medicina, cursada em Salamanca, onde teria se formado em 1725¹⁹; no ano seguinte, para aumentar seus conhecimentos, Ribeiro Sanches deixou Portugal e passou por Piza, Montpellier e Londres; estudou, por dois anos, em Leiden, sob a supervisão de Hermann Boerhaave (1668 - 1738) e de Bernhard Albinus (1697 - 1770); mandado por

¹⁸ Diogo Barbosa Machado. *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, e Chronologica, na qual se comprehende a notícia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*. Tomo IV, Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, p. 56 - 58.

¹⁹ Na verdade, o registro de Salamanca publicado por Maximiano Lemos explicita a data de encerramento do curso de medicina em 5 de abril de 1724. Ver: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. Porto: Editor Eduardo Tavares Martins, 1911, p. 322 - 323.

Boerhaave para a Rússia em 1731, exerceu a profissão de médico do senado em Moscou e, posteriormente, tornou-se examinador de médicos e, por fim, conselheiro de Estado da Imperatriz Anna Ivanovna (1693 - 1740), de seu sobrinho Ivan III (1740 - 1764) e da Imperatriz Isabel Petrovna (1709 - 1762); enfim, "Obrigado de molestias, deixou a Russia, e querendo buscar clima mais saudavel, passou para a Corte de Pariz, onde pelo admiravel methodo com que triunfa das enfermidades mais graves, tem conciliado as estimações das mayores Pessoas de ambas as Jerarquias"²⁰. À essa notícia biográfica, segue a menção das três obras de Ribeiro Sanches que até 1759 foram dadas a público²¹ e de uma lista de manuscritos de sua autoria.

É de forma mais exaltada que a dedicatória da tradução portuguesa das *Instructions succinctes sur les accouchements en faveur des sages-femmes des provinces*, escrita originalmente por Josph Raulin (1708 - 1784) em 1770, representa o médico cristão-novo. Tal tradução, produzida por Manoel Roiz de Almeida²² e datada de 1772, foi dedicada "Ao sábio e insigne portuguez o senhor Antonio Ribeiro Sanches", a que se segue "Doutor em Medicina pelas Universidades de Coimbra, Salamanca e Leyde, Medico que foi da Camara e dos Exercitos das Emperatrizes de todas as Russias, Aana Iwanowna, e Isabel Petrowna, Membro da Sociedade Real de Londres, da Academia Imperial de Petresburgo, e das mais célebres da Europa, etc. etc."²³. Essa curta epígrafe, dedicada à enumeração de eventos da formação e do reconhecimento obtidos por Ribeiro Sanches, é ainda acompanhada de um texto no qual as virtudes pessoais do homenageado são exaltadas:

"Se eu pertendesse buscar para Protector desta pequena Tradução hum Sabio, cujo nome se visse gravado nos Annaes das mais celebres Academias, e Universidades da Europa; se eu quizesse enobrecer o fronthespicio desta Obra feita por hum grande Medico, como o nome de outro. que pela extensão dos seus vastos conhecimentos tivesse a fortuna de ser discipulo, e amigo do Grande Boerhaave; e a incomparavel honra de ser escolhido por ele mesmo para Medico da Camara, e dos Exercitos das Emperatrizes de todas as Russias; se finalmente eu determinasse dedicar este breve Tratado, feito para

²⁰ Diogo Barbosa Machado. *Bibliotheca Lusitana(...)* Op. cit., p. 57.

²¹ A *Dissertation sur l'origine de la maladie venerienne* (1752, com tradução para o inglês feita a partir do manuscrito e datada de 1751), o *Tratado sobre a conservação da saúde dos povos* (1756) e a *Observação da paralyia do intestino cego* (comunicada à Royal Society de Londres por Jacob de Castro Sarmiento e publicada no número 494). Ver: Diogo Barbosa Machado, Op. cit., p. 57.

²² O autor da tradução foi identificado por David Willemse a partir de carta que o próprio Manoel enviou a Ribeiro Sanches em 16 de dezembro de 1772. Ver: David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. Op. cit., p. X.

²³ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. Op. cit., p. 357.

utilidade pública, e bem da Sociedade, a hum homem, que penetrado do verdadeiro amor da patria, só estimasse aquilo, que pudesse ser-lhe proveitoso, e capaz de promover a sua gloria, os seus interesses, e a sua verdadeira felicidade, que outro me poderia lembrar, senão o insigne Portuguez Antonio Ribeiro Sanches?"²⁴

O "patriota" Ribeiro Sanches, cujo "(...)nome he proferido pelos Sabios, entre os quaes posso contar o Filosofo Naturalista Conde de Buffon", deveria aceitar, portanto, essa dedicatória "como effeito daquelle sentimento de virtude, e humanidade, que tantas vezes se dignou communicar-me(...)". Treze anos após a notícia biográfica de Barbosa Machado, o nome de Ribeiro Sanches apareceu, pois, como sinônimo do sábio ilustrado, do médico reconhecido não só pelo seus "vastos conhecimentos", mas por sua virtude, humanidade e patriotismo. Essas marcas, profundamente laudatórias, configuram a tônica sobre as representações de Ribeiro Sanches no século XVIII.

Assim, é com a preocupação de louvar tanto os feitos científicos quanto os aspectos morais da vida de Ribeiro Sanches que Charles Louis François Andry (1741 - 1824) escreve, pelo motivo do falecimento do médico português, o *Précis Historique sur la vie de M. Sanches*²⁵. Membro da Sociedade Real de Medicina de Paris (1778) e amigo pessoal de Ribeiro Sanches, Andry inicia seu relato biográfico percorrendo, brevemente, sobre o lugar do "elogio", enquanto gênero discursivo, nas instituições acadêmicas:

"On a fait des éloges funebres avant qu'il y eût des Académies. Des Orateurs & des Ecrivains distingués ont de tous le temps honoré la mémoire des hommes qui laissent après eux un long souvenir des services qu'ils ont rendus, ou des decouvertes qu'ils ont faites. Mais les Académies, en donnant plus d'éclat a cet usage respectable, semblent avoir consacré les éloges par des leçons utiles.

C'est là que tout homme qui laisse un nom célèbre dans les sciences est jugé, sinon par ses égaux, du moins par ses confreres: c'est là sur-tout que ses travaux son appréciés, & qu'on lui assigne la portion de gloire qu'il a méritée. Les Sociétés savantes, en faisant l'éloge d'un Académicien, pénètrent dans tous les secrets de son talent, rendent compte de ses veilles, développent dans chacun de ses ouvrages le caractère particulier qui le distingue, & saisissent dans l'ensemble de ses oeuvres le esprit général qui y domine, c'est ainsi que

²⁴ *Idem*, p. 357.

²⁵ Charles-Louis-François Andry. "Précis Historique sur la vie de M. Sanchès". In: _____ *Catalogue des livres de feu M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès*. Paris: Chez de Bure, 1783. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5500059t.r=Ribeiro+Sanches.langPT> Acessado em: 13 set. 2009.

l'on transmet à la postérité des exemples sur lesquels se formeront un jour de nouveaux modèles.

*Un éloge de ce genre utile à la fois & à la mémoire d'un homme célèbre, & à l'instruction publique, est sans doute le seul qui me paraisse digne de M. Sanchès*²⁶.

Mesmo afirmando não se tratar de um elogio formal, Andry deixa claro que o principal objetivo desse gênero é a utilidade, mais precisamente a instrução do leitor a partir do exemplo do homenageado. Seu relato biográfico, parte integrante do catálogo de venda da biblioteca de Ribeiro Sanches — da qual o médico parisiense ficou responsável, além de ter herdado a maior parte dos manuscritos de seu amigo —, constitui-se nos moldes típicos da biografia de "vida e obra". De forma cronológica, a evolução intelectual do médico português, mensurada a partir de suas relações pessoais com outros homens de ciência, de sua formação universitária, de seus escritos e, principalmente, dos cargos obtidos durante sua trajetória, entremeia-se a descrições de sua conduta individual perante a sociedade letrada. Deixemos de lado as minúcias de sua biografia, que serão tratadas no capítulo seguinte, para dedicarmo-nos à atenção que Andry destina à sua descrição física e à sua conduta:

*"M. Sanchès étoit d'une taille médiocre, avoit une physionomie spirituelle, des yeux petits mais vifs, un sourire fin qui sembloit dans la conversation être garant de son intelligence, ou l'interprète de sa pensée. Il a toujours été simple dans ses habits, dans ses meubles; ce goût pour la simplicité le rendoit peut-être injust dans son mépris pour les Médecins qui recherchent le fast & la parure. Il vécut toujours dans le célibat non par indifférence pour les femmes, mais par amour pour la liberté*²⁷.

²⁶ ["Foram feitos elogios fúnebres antes que houvesse Academias. Oradores e Escritores distintos de todos os tempos honraram a memória de homens que deixaram após partir uma extensa lembrança dos serviços que prestaram ou das descobertas que fizeram. Mas as Academias, dando mais brilho a esse costume respeitável, parecem ter consagrado os elogios como lições úteis.

É lá que é julgado todo homem que deixa um nome célebre nas Ciências, se não por seus iguais, pelo menos por seus confrades: é lá sobretudo que seus trabalhos são apreciados, & que lhe é garantida a porção de glória que ele mereceu. As Sociedades eruditas, fazendo o elogio de um Acadêmico, adentram em todos os segredos de seu talento, cuidam de seu velório, desenvolvem em cada um de seus trabalhos o aspecto particular que o distingue e deixam no conjunto de suas obras o espírito geral que o rege, é assim que é transmitido à posteridade exemplos sobre os quais se formarão um dia novos modelos.

Um elogio desse gênero por sua vez útil tanto à memória de um homem célebre quanto à instrução pública é sem dúvida o único que me parece digno do Senhor Sanches."] *Idem*, p. 5.

²⁷ ["O senhor Sanches era de tamanho mediano, tinha uma fisionomia espirituosa, olhos pequenos, porém vívidos, um sorriso fino que, durante a conversa, parecia ser garantia de sua inteligência ou intérprete de seu pensamento. Foi sempre simples em suas roupas e móveis; este gosto pela simplicidade lhe tornara talvez injusto em seu desprezo pelos Médicos que buscavam ascensão e adornos. Viveu sempre no celibato não por indiferença às mulheres, mas por amor à liberdade."] *Ibidem*, p. 25.

Visto por Andry como um homem simples e amante da liberdade (a ponto de permanecer solteiro durante sua vida), teria sido, no entanto, de constituição fraca e saúde delicada. Hipocondríaco, comumente vivenciava "crises" e tornou-se assíduo comprador do ruibarbo chinês. A sabedoria medicinal que possuía servira, de acordo com Andry, como suplemento à sua débil constituição e, portanto, a arte com a qual Ribeiro Sanches conseguiu prolongar sua vida deveria fazer parte de seu elogio. Da mesma forma, a descrição da postura do médico português ao conversar constituiria indício de seu sucesso e, consequentemente, modelo para a posteridade: "*La conversation de M. Sanchès étoit toujours intéressante, quelquefois vive e animée. Il n'aimoit pas la dispute, mais il se prêtoit avec à plaisir à la discussion & citoit toujours à propos des faits intéressants pour appuyer au raisonnement solide. Comme son caractère le portoit plus à l'indulgence qu'à la sévérité; & comme sa prévenance venoit moins du désir que de l'habitude de plaire à ses amis, son commerce étoit facile, doux, égal*"²⁸. Para além, ainda, de sua conversação exemplar, afeita à discussão comedida e não à disputa acalorada e violenta, suas ações demonstrariam a bondade que existia em sua pessoa. De acordo com Andry, em 1765, uma pessoa chegou, levando consigo uma criança de três anos, à casa do médico português para uma consulta: "*Cet enfant, que M. Sanchès avoit beaucoup caressé, ne voulut plus le quitter, & jetta des cris perçans quand on employa la violence pour l'emporter. M. Sanchès offrit de garder la petite fille, l'adopta, en prit soin, & la fit élever dans un couvent; & cette jeune personne vient d'apprendre la perte que elle a faite, & la fortune honnête que son bienfaiteur lui a laissée*"²⁹.

E assim, foi sobre as informações expostas por Andry que Félix Vicq d'Azyr (1748 - 1794), secretário da Sociedade Real de Medicina de Paris, redigiu o elogio de Ribeiro Sanches que consta nas *Mémoires de la Société royale de médecine* (1776 - 1789)³⁰. No período de publicação das citadas *Mémoires*, Vicq d'Azyr redigiu e proferiu

²⁸ ["A conversa do senhor Sanches era sempre interessante, às vezes enérgica e animada. Ele não gostava da disputa, mas se prestava com prazer à discussão e citava sempre fatos interessantes para sustentar um raciocínio sólido. Como sua pessoa se voltava mais à indulgência que à severidade; e como sua complacência vinha menos do desejo do que do hábito de agradar a seus amigos, sua troca era fácil, suave, igualitária."] *Ibidem*, p. 27.

²⁹ ["Essa criança por quem o senhor Sanches tinha bastante carinho não queria lhe deixar e lançava gritos ensurdecedores quando se empregava a violência para lhe levar embora. O senhor Sanches se ofereceu para olhar a menininha, adotou-a, cuidou dela, e a fez se educar num convento; e essa jovem pessoa acabou por aprender a falta que ela fez e a fortuna honesta que seu benfeitor a deixou."] *Ibidem*, p. 27-28.

³⁰ No entanto, o exemplar que usaremos aqui consta das obras de Vicq d'Azyr. Ver: Félix Vicq d'Azyr. "Éloge de Sanchèz". In: *Oeuvres de Vicq d'Azyr*; org: Jacques L. Moreau, Paris: chez L. Duprat-Duverger, T. 3, 1805, p. 217-257. Disponível em: www.europeana.eu Acessado em: 27 jan. 2011.

51 elogios, gênero que se impôs às sociedades científicas do século XVIII. Assim como a biografia de Andry, o elogio de Vicq d'Azyr doa à trajetória do médico português, membro correspondente da sociedade parisiense, aparência e significado unívocos. Nesse texto, a sobreposição da constituição frágil de Ribeiro Sanches e sua conduta exemplar continuam a servir como caracterização definitiva de sua figura:

"Un homme d'une constitution foible et délicate, presque toujours souffrant, d'un caractère timide et doux, qui, plein d'ardeur pour l'étude, n'a aucun désir de la célébrité, qui ne fait nul cas des richesses, et qui sur-tout est très-éloigné de tout esprit d'affaires et d'intrigues: cet homme entre dans une carrière dont il ne connoît ni les fatigues ni les dangers; il parcourt les climats glacés du Nord, y est témoin des guerres les plus sanglantes, s'y distingue par ses services dans le traitement des épidémies les plus désastreuses, est porté par ses succès à une des cours les plus brillantes de l'Europe, y est comblé d'honneurs; et compromis enfin dans la querelle de rois y perd tout au milieu de la tempête; il tremble même pour ses jours: mais la fortune, qui veut plutôt l'instruire que l'affliger, lui rend le calme, dans ses revers lui font sentir tout le prix. Pour cette fois les leçons de l'expérience et du malheur ne sont point perdues. Cet homme estimable, à l'abri de toute secousse, vit tranquille, réunit ses observations, les écrit ou les publie, et ne meurt qu'après avoir été longtemps un modèle de bienfaisance et de vertu"³¹.

Sua trajetória, consequentemente, via-se repleta de eventos exemplares. Na sua estada em Benavente, de 1724 a 1726, Ribeiro Sanches teria visitado os pobres, sempre preocupado com o estado e a instrução desses *"car le pauvre sait gré de tous les instans que l'on passe près de lui: le médecin qui réfléchit beaucoup avant d'agir lui paroît un ange consolateur, uniquement occupé du soin de sa conservation; au lieu que près des riches on ne peut ni délibérer sans paroître indécis, ni demeurer long-temps sans avoir*

³¹ ["Um homem de constituição frágil e delicada, quase sempre sofrendo, de personalidade tímida e doce, que, cheio de ardor pelo estudo, não tem desejo algum pelo sucesso, que não faz questão nenhuma de riquezas e que acima de tudo está muito afastado de qualquer espírito de negócios e de intrigas: esse homem entra numa carreira na qual ele não conhece nem cansaço nem perigos; ele percorre os climas gelados do Norte, é testemunha das guerras mais sangrentas, se distingue por seus serviços no tratamento das epidemias mais desastrosas, é levado pelo sucesso a uma das cortes mais brilhantes da Europa, é coberto de honrarias; e, finalmente, comprometido na querela de Reis perde tudo em meio à tempestade; teme inclusive por seus dias: mas a fortuna, que quer antes de tudo instruí-lo ao invés de afligi-lo, lhe restitui a calma, dando suas costas lhe fazem sentir todo o preço. Dessa vez as lições da experiência e do infortúnio não são perdidas. Esse homem estimável, ao abrigo de qualquer abalo, vive tranquilo, coleta suas observações, as escreve ou as publica, e não morre antes de ter sido durante muito tempo um modelo de benfeitoria e de virtude".] *Idem.*, p. 217.

*l'air d'être oisif*³². Sua formação insuficiente em Coimbra e Salamanca demonstrariam, segundo o elogio, a necessidade da reforma e da atualização. A própria natureza parece sempre jovem devido à sua constante renovação. Dessa forma, os fundadores das repúblicas teriam razão ao exigir a revisão e renovação de suas legislações, assim como deve ser também atualizado o ensino³³. Versado nas mais diversas matérias — religião, moral, política, história, física, medicina —, vê-se quanto seus conhecimentos teriam servido para a redação de textos preocupados com a situação tanto da Rússia, quanto de Portugal. Para Vicq d'Azyr, o médico português seria daqueles raros homens "(...) qui prennent conseil d'eux-mêmes avant d'agir: aussi n'y a-t-il aucun de ses ouvrages où l'on ne trouve quelques-unes de ces idées originales et neuves qui tendent à l'avancement des connoissances, en nous portant hors du cercle de nos habitudes"³⁴.

Em Portugal, graças à pena de Francisco Manuel do Nascimento (1734 - 1819), mais conhecido sob o pseudônimo Filinto Elísio, deu-se a público a tradução do elogio redigido por Vicq d'Azyr. Fugido de Portugal em 1778, o poeta português possivelmente teria conhecido o médico cristão-novo em Paris. A tradução do elogio de Ribeiro Sanches, na edição parisiense dos *Versos* do poeta português, vem acompanhado do poema *Ode ao doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches*³⁵.

Refletido nas representações de Ribeiro Sanches que mencionamos — e, de certa forma, com menor intensidade na curta notícia de Barbosa Machado — vemos a projeção do homem de ciências ideal. Assim, seja na dedicatória, no elogio ou no poema, a imagem total que se transmite tende à legitimação de um estereótipo desejável do praticante da medicina, assumindo assim não só um caráter hagiográfico, mas também pedagógico.

É dessa maneira, por exemplo, que Daniel Roche compreende a prática dos elogios na Sociedade Real de Medicina de Paris³⁶. Esse costume, que se impõe às sociedades científicas no século XVIII, constitui um meio de informação e um fator de

³² ["pois o pobre sabe agradar em todos os instantes que passamos perto dele: o médico que refletiu bastante antes de agir lhe parece um anjo consolador, unicamente ocupado com o cuidado de sua conservação; em lugar que, perto dos ricos, não se pode nem deliberar sem parecer indeciso nem demorar muito tempo sem parecer ocioso."] *Ibidem*, p. 221.

³³ *Ibidem*, p. 222-223.

³⁴ ["(...) que pedem conselho de si mesmos antes de agir: também não existe nenhum de seus trabalhos em que não se encontrem algumas dessas ideias originais e novas que tendem ao avanço dos conhecimentos, nos levando para fora do círculo de nossos hábitos"] *Ibidem*, p. 245.

³⁵ Francisco Manuel do Nascimento. *Versos de Filinto Elísio*. Tomo V. Paris: Typographia de Luis Desveux, 1806.

³⁶ Daniel Roche. "Médecins et Lumières au XVIII^{ème} siècle: talents, raison et sacrifice". In: Daniel Roche. *Les républicains des lettres: gens de culture et Lumières au XVIII^{ème} siècle*. Paris: Fayard, 1988, p. 308 - 329.

unificação incomparáveis, concatenando, assim, três funções: a primeira, retórica, que compreende o elogio muito mais no que concerne aos lugares discursivos que o constituem do que na sua veracidade, denunciando o discurso hiperbólico em favor de uma lição filosófica destinada aos leitores e espectadores; a segunda, documental e cognitiva, que postula a verdade a partir da descrição de uma história exemplar; e a terceira, hagiográfica, que impõe uma visão do mundo, uma ética e uma ideologia³⁷. Dessa forma

*"Pour l'élite médicale des années prérévolutionnaires, les éloges prononcés par Vicq d'Azyr content l'histoire immédiate du progrès des Lumières. Elle s'y contemple telle qu'elle même se veut voir, engagée dans un heroïsme tranquille accessible au plus grand nombre. Soumis à la raison, les médecins de la Société royale plaident la cause des talents au travers de vie exemplaires auxquelles ne manque pas la sincérité du sacrifice final. Ils collaborent ainsi à l'instruction des citoyens et suscitent l'émulation des gens de science"*³⁸.

A atenção recai, dessa maneira, principalmente sobre o caráter fundamental da educação na formação do bom médico. Considerada, por Roche, como fruto das divergências entre a Sociedade Real de Medicina e a "visão escolástica" da Faculdade de Paris, a nova visão do ensino médico proposta pelos membros da sociedade encontram no elogio um meio de legitimação e de difusão. Da mesma forma, a prática laudatória demonstra-se como mecanismo de comunicação de um ideal de postura que se aproxima do estoicismo — ao contrário da imagem do libertino, o médico deve aparentar uniformidade, regularidade dos costumes e o equilíbrio das paixões e dos hábitos, evitando os excessos — e de uma luta mordaz contra o charlatanismo que, consequentemente, visa a institucionalização de uma visão hegemônica de ciência em contraposição às visões consideradas populares. Além disso, os elogios também se dedicam à exaltação da relação entre governo e comunidade médica, comprometimento que pode ser visto no caráter hegemônico assumido pela própria Sociedade Real de

³⁷ *Idem*, p. 311.

³⁸ ["Para a elite médica dos anos pré-revolucionários, os elogios pronunciados por Vicq d'Azyr contêm a história imediata do progresso das Luzes. Ela se contempla tal qual ela mesma quer se ver, engajada num heroísmo tranquilo acessível ao maior número possível. Submetidos à razão, os médicos da Sociedade Real defendem a causa dos talentos através de vidas exemplares às quais não falta a sinceridade do sacrifício final. Eles colaboram assim para a instrução dos cidadãos e suscitam a emulação das pessoas de ciência."] *Ibidem*, p. 314.

Medicina no que diz respeito à elaboração de questionários sobre epidemias e à normatização de práticas preventivas.

As primeiras representações de Ribeiro Sanches inserem-se, portanto, numa lógica específica da prática científica, se compreendermos o século XVIII como espaço de consolidação de instituições de conhecimento e, conseqüentemente, de legitimação de ideologias concernentes à produção e organização dos discursos científicos. Seja o caráter documental da *Bibliotheca Lusitana*, seja o aspecto laudatório da homenagem de Manuel Roiz de Almeida ou dos elogios de Andry e Vicq d'Azyr, a figura de Ribeiro Sanches converge com o estereótipo do homem de ciência e, principalmente, do médico na sociedade do século XVIII. Além disso, o patriotismo do médico Ribeiro Sanches só se faz presente, enquanto virtude, na dedicatória de Manuel Roiz e no elogio do secretário da *Société Royale de Médecine*. Se, no primeiro caso, o amor pela pátria é mencionado sem referências às contribuições do médico beirão à política portuguesa, no caso de seu elogio, Vicq d'Azyr afirma que "*La cour de Portugal, qui connoissoit l'attachement de M. Sanchez pour sa patrie, le consulta sur la manière d'y faire fleurir les sciences, et sur toutes les précautions relatives à la santé publique. Deux ouvrages écrits en langue portugaise furent sa réponse*"³⁹. Referia-se ao *Método para aprender e estudar a medicina* (1763) e ao *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756). As menções em relação às contribuições de Ribeiro Sanches a Portugal nesse período são, no entanto, superadas pelas referências à sua carreira médica no Império russo. No século XVIII, o médico português ficara conhecido, principalmente, pela descrição feita, por exemplo, no primeiro frontispício de uma obra sua que levava sua autoria. Em 1778, Hieronimus David Gaubius (1705 - 1780), discípulo de Boerhaave e correspondente assíduo de Ribeiro Sanches desde de sua estadia em Leiden (1730-1731), publicou uma edição das *Dissertations sur la maladie venerienne* (1752), acompanhada do *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie* (1774). Nessa edição, lia-se no frontispício "*par monsieur A. R. Sanches, M. D., Ancien Médecin de S. Maj. Imp. de toutes les Russies, & membre de son Académie Imp. des Sciences*"⁴⁰.

³⁹ ["A corte de Portugal, que conhecia a ligação do senhor Sanches com sua pátria, consultou-o sobre o modo de fazer florir as ciências e sobre todas as precauções relativas à saúde pública. Dois trabalhos escritos em língua portuguesa foram sua resposta".] Félix Vicq d'Azyr. "Éloge de Sanchèz". *Op. cit.*, p. 252.

⁴⁰ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une epidémie. Suivie de l'examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie par*

1.2. Ribeiro Sanches na historiografia portuguesa contemporânea

Assim, quando Inocêncio Francisco da Silva (1810 - 1876) introduziu no primeiro tomo de seu *Dicionário Bibliográfico* (1858) o verbete *Antonio Nunes Ribeiro Sanches*, pouco era conhecido sobre o médico português para além da nota biográfica de Diogo Barbosa Machado e da tradução, por Filinto Elísio, do elogio de Vicq d'Azyr. Nesta entrada de seu dicionário, no entanto, menciona publicamente, possivelmente pela primeira vez em obra de tamanha difusão, a existência das *Cartas sobre a educação da mocidade*, texto que caracteriza da seguinte maneira: "Ainda mais rara que a precedente [refere-se ao *Método para aprender e estudar a medicina*], e com igual valor no mercado. Não tenho tido nem possuo d'ella exemplar, e apenas conheço um, que vi em poder do sr. Barbosa Marreca"⁴¹.

Dois anos antes do verbete do *Dicionário Bibliográfico*, Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão (1815 - 1888) noticia a descoberta de duas cartas escritas por Ribeiro Sanches e que possuíam como destinatário o Pe. Theodoro de Almeida (1722 - 1804). Interessa-nos, neste momento, a referência que o autor faz ao reformismo pombalino e sua relação a Ribeiro Sanches: "O marquez de Pombal, que á sciencia do dr. Ribeiro Sanches prestou respeitosa homenagem, consultando-o em importantes negocios, e nomeadamente sobre a reformação da universidade, por uma contradicção vulgar nos homens de estado, não só desprezou as grandes luzes do padre Theodoro de Almeida, mas obrigou-o a exilar-se, indo repartir com os estranhos os conhecimentos que poderá liberalisar aos naturaes"⁴².

Mencionado muito brevemente nos textos referentes a Ribeiro Sanches até a segunda metade do século XIX, seria somente com a emergência da historiografia positivista e do centenário de morte do Marquês de Pombal (1882) que se estreitaria, na tradição lusitana, os laços entre o médico cristão-novo e o valido de D. José I. É com a "Questão Coimbrã" (1865 -1866), compreendida como marco de surgimento de uma

Monsieur A. R. Sanches. Leiden: chez Henri Hoogenstraaten, 1778. Disponível em: <http://books.google.com>.

⁴¹ Inocêncio Francisco da Silva. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, p. 213-214.

⁴² Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão. "Um invento portuguez". In: *Archivo Pitoresco*, tomo XI, Lisboa, 1868, p. 139-140 e 147.

nova geração, que se inserem na vida cultural lusitana as principais vertentes da filosofia da história positivista. Segundo Fernando Catroga

"Em suma: os jovens intelectuais descobriam, não tanto a história dos historiadores, mas as interpretações filosóficas da história e, no seu entusiasmo revolucionário, viam o curso da humanidade a apontar para a inexorável vitória final da Justiça (...) A explicação deste ideário patenteia-se melhor se conexionarmos a Questão Coimbrã com as célebres Conferências Democráticas do Casino (iniciadas em Lisboa, em 22 de Maio de 1871). Agora, as intenções dos seus animadores já são explicitamente de natureza política, e a sua realização é inseparável da influência de uma conjuntura internacional, que parecia revelar a iminência da revolução (Comuna de Paris), e de uma situação interna de crise político-partidária; esta dava o alento a minorias intelectuais activas que, seduzidas pela Internacional, lutavam contra o poder político e cultural dominante, em nome da República Universal, Federativa e Social a construir"⁴³.

O positivismo em Portugal, adequado às necessidades teóricas da emergência de um movimento republicano lusitano, permitiu a emergência de um discurso em prol da reabilitação da figura pombalina enquanto precursor de ideias liberais e do progresso nacional, processo que já se encontrava em curso, em princípios do século XIX, na primeira fase do liberalismo português. Sem deixar de admitir o carácter tirânico de seu governo, essa posição historiográfica elevava-o sob os moldes do "grande homem" de Auguste Comte, compreendendo o despotismo como necessidade histórica do período josefino⁴⁴.

Assim, buscando atinar com o reformismo cultural do período pombalino, Teófilo Braga (1843 - 1924), em sua *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa* (1892 - 1902), enxerga Ribeiro Sanches como o principal organizador das reformas da faculdade de medicina, chegando ao ponto de confundi-lo com o Dr. João Mendes Sachetti Barbosa (1714 - 1774), responsável pelas prescrições concernentes ao ensino médico no *Compêndio histórico do estado da Universidade de Coimbra* (1771)⁴⁵.

⁴³ Fernando Catroga. "Positivistas e republicanos". In: Luís Reis Torgal; José Amado Mendes; Fernando Catroga. *História da História de Portugal: séculos XIX - XX*. Vol 1. A História através da História. Lisboa: Temas e Debates, 1998, p.102-103.

⁴⁴ *Idem*, p. 128.

⁴⁵ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 258-259.

Entretanto, o principal vínculo entre o marquês de Pombal e a figura reformadora de Ribeiro Sanches, no período em questão, surge nas páginas de Camilo Castelo Branco (1825 - 1890), dedicadas à acusação feroz da política pombalina em seu *Perfil do Marquês de Pombal* (1882)⁴⁶. Publicado por ocasião do centenário da morte de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699 - 1782), nele afirma-se que o médico cristão-novo foi o maior oráculo do Conde de Oeiras e que, sem ter sido reconhecido pelo "valido do rei", amargou o exílio em Paris por causa de suas origens judaicas, tendo sua pensão suspensa durante anos. Segundo Castelo Branco, essa era prática comum no governo pombalino: o mesmo fim tiveram também D. Luís da Cunha (1662 - 1749), Francisco Xavier de Oliveira (1702 - 1783) e Alexandre de Gusmão (1695 - 1753), "intelectuais" ativos que foram afastados pela perseguição do regime.

Dessa forma, mesmo que contrários no que concerne à caracterização positiva — ou negativa — da política pombalina (1750 - 1777), Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco contribuem para a elaboração de um dos maiores lugares-comuns da historiografia portuguesa sobre o médico cristão-novo: a vinculação direta e incontestada de Antonio Nunes Ribeiro Sanches com as medidas reformadoras de Sebastião José de Carvalho e Melo⁴⁷.

Um segundo lugar-comum que permeia os textos sobre o médico português instaura-se nas primeiras décadas do século XX com a cunhagem, por António Sérgio (1883 - 1969), do conceito de "estrangeirado". Nesse período já era possível perceber, contrariamente à historiografia oficial e institucional que se fortalecia a partir da instauração da Ditadura Militar em 28 de maio de 1926, a emergência de

"(...) uma história geralmente posicionada 'fora' ou 'contra' a historiografia de regime, através da qual se refutam muitas das ideias e dos mitos por esta divulgados.

O papel da historiografia 'não alinhada' com a historiografia institucional ou de regime revelar-se-ia da maior importância, sob três perspectivas. Em primeiro lugar, política e ideologicamente. Com efeito, por ela passavam ideias, aspirações e críticas, dirigidas pelas oposições ou pelos discordantes aos regimes instituídos, desde a I República ao Estado Novo. Em segundo lugar, em tempo de ditadura e de censura prévia, a interpretação histórica —

⁴⁶ Camilo Castelo Branco. *Perfil do Marquês de Pombal*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1982.

⁴⁷ Como veremos mais adiante, é contrariamente a esse lugar-comum que Antonio Rosa Mendes propõe uma análise atenta das *Cartas sobre a educação da mocidade* como catecismo político contrário ao regalismo difundido pelo Conde de Oeiras. Ver: Antonio Rosa Mendes. *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal: Intelectuais e Poder no Absolutismo Esclarecido*. Cascais: Patrimonia editorial, 1998.

cuja relevância, como se verá entretanto, foi sobejamente salientada por António Sérgio — e a memória histórica transmitida constituíam importantes elementos de uma cultura cívica, ajudando a reforçar o espírito e o sentimento de cidadania. Por último — mas não menos importante —, no âmbito da própria investigação e metodologias históricas. Frequentemente, as novas tendências historiográficas, consubstanciadas, por exemplo, na chamada história-problema, na interdisciplinaridade, na diversificação das fontes históricas e na valorização das vertentes não políticas e factuais da realidade — começaram por ser adoptadas, precisamente, pelos historiadores que se identificavam com a referida historiografia"⁴⁸.

Em meio a esse panorama da renovação historiográfica lusitana, a figura de António Sérgio marcava-se por um espírito universalista, idealista e avesso à escrita da história puramente descritiva. Preocupada tanto com a cultura científica quanto com a cultura humanística, sua produção textual permaneceu marcada pela interdisciplinaridade e propiciou a difusão e o aprimoramento de certa "historiografia sociológica"⁴⁹.

É nesse sentido que, criticando a situação cultural portuguesa, António Sérgio confecciona a categoria dos "estrangeirados". Em seu texto "O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal"⁵⁰ — cujo título é uma nítida referência a um manuscrito de Ribeiro Sanches datado de 1777⁵¹ — o termo em questão remete-se a um personagem histórico tido como membro de um movimento distinto — isto é, de uma tradição intelectual, que possui por base as ideias vigentes no exterior e que se destacam enquanto produtores de textos críticos à conjuntura decadente de Portugal —, contrário aos costumes e às convicções dos chamados "castiços"⁵², caracterizados como portugueses defensores do absolutismo e da manutenção do poder da Igreja.

⁴⁸ José Amado Mendes. "A renovação da historiografia portuguesa". In: Reis Torgal; José Amado Mendes; Fernando Catroga. *História da História de Portugal: séculos XIX - XX*. Vol 1. A História através da História. *Op. cit.*, p. 313.

⁴⁹ *Idem*, p.314 - 316.

⁵⁰ António Sérgio. "O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal". In: *Ensaio*, tomo II. Lisboa: Publicações Europa-América, 1928, 2ª ed.

⁵¹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. "Dificuldades que tem hum reyno velho para emendarse". In: Victor de Sá (org). *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. *Op. cit.*, p. 52-54. No segundo parágrafo desse texto, lê-se: "Incómodos semelhantes sucederiam a todo aquele Legislador que de um Reino Velho, instituído com as Leis do Fanatismo, com as leis sem serem fundadas na conservação e amor dos subditos, leis se objecto algum para aumentar a população, sem objecto para a defeza geral do Estado, quizesse de um jacto reformar este cadaveroso Reino, e formar dele um Novo, à imitação daquele da Rússia, de Prússia, de Sardenha, etc., etc. (e não há aqui muitos etc.)".

⁵² Este termo, inspirado na matriz interpretativa de António Sérgio, fora cunhado, porém, em 1750, no seguinte texto: Jaime Cortesão. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Tomo 1. Brasília: Senado Federal, 2001, p. 90.

Combatentes do atraso e arautos do progresso, os “estrangeirados” seriam os detentores do “Espírito Moderno” — marcado pelo senso crítico, pelo método experimental e pela aplicação matemática — que teria “brilhado” em Portugal no período dos Descobrimentos, mas que fora substituído pelo “Espírito Medieval” — apegado ao dogmatismo e à autoridade — devido à Contra-Reforma e à instauração da Inquisição.

Foi como "estrangeirado" e "inspirador de Pombal", por exemplo, que Ribeiro Sanches figurou em *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri* (1950). Segundo Jaime Cortesão (1884 - 1960), no entanto, "Nem tudo em Portugal era decadência e corrupção"⁵³. Contrariamente à recorrente visão decadentista da sociedade portuguesa do século XVIII — discurso que, guardadas as devidas proporções, pode ser rastreado regressivamente até Camões (1528 - 1580) e Sá de Miranda (1481 - 1558)⁵⁴ —, o autor afirma que os portugueses possuíam o conhecimento de sua independência perante as nações europeias, uma vez que seu destino vinculava-se à expansão territorial e à manutenção das possessões coloniais. Sobre o médico português, Cortesão afirma que

"Um português de sangue hebráico, contemporâneo, mas profundamente desnacionalizado pela educação estrangeira, o médico de fama européia Ribeiro Sanches tachava esta peculiaridade do povo português, contrastando-o com outros povos, de anacrônica e absurda. (...) No fim das contas, o que o inspirador de Pombal lançava em rosto ao govêrno português era a maneira de ser de Portugal. E o grande interêsse do seu depoimento está na sua incompreensão. Quando, cêrca de 1759, Sanches escrevia suas Cartas, vivia há mais de trinta anos no estrangeiro. Residira longamente na Inglaterra, na França, na Holanda, na Itália, na Rússia. Hebreu de sangue e estrangeirado pela demorada formação e renovação intelectual nesses países, êle não compreendia, nem podia compreender o seu país de origem. E o que se sucedia com êle, acontecia com muitos outros estrangeirados"⁵⁵.

Para Cortesão, Portugal não era fruto somente de fatores econômicos, mas também "criação do espírito". Dessa forma, sua visão do governo de D. João V tende para a sistematização de um equilíbrio entre os aspectos "castiços" do pensamento e a contribuição daqueles estrangeirados que, diferentes de Ribeiro Sanches, ainda mantiveram seus laços com o "espírito português" — dentre estes, o autor destaca, obviamente, Alexandre de Gusmão (1695 - 1793) e, para além dele, Manuel de Azevedo

⁵³ *Idem*, p. 90.

⁵⁴ Joel Serrão. "Decadência". In: Joel Serrão (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, vol. II, 1992, pp. 270 – 274.

⁵⁵ Jaime Cortesão. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Tomo 1. *Op. cit.*, p. 90-91.

Fortes (1660 - 1749), Martinho de Mendonça de Pina e Proença (1693 - 1743) e Francisco Xavier Leitão.

Na década de 1960, António Coimbra Martins redige, para o *Dicionário de História de Portugal* organizado por Joel Serrão, o verbete "estrangeirados"⁵⁶. Como introdução à definição do conceito em questão, Martins resume o discurso comum da decadência portuguesa: uma vez prósperos na época dos descobrimentos, após 1530 os lusitanos experimentam o declínio cultural e econômico, produto direto da intolerância religiosa perpetrada pela Contra-Reforma e pela implantação da Inquisição no território lusitano. Acirrada com o advento da União Ibérica, fora somente com a Restauração que a situação portuguesa pôde voltar a receber os ares da Europa. É nesse contexto de contato com o mundo transpirenaico que emergem, em maior número, os estrangeirados. Para Martins, o processo de "estrangeiramento" aproxima-se da ideia de estranhamento, assim como possui, culturalmente, maior afinidade com o modelo francês. Educados no exterior, os "estrangeirados" constituíram o grupo colaborador das reformas de Sebastião José.

É também Martins que redige o verbete "António Nunes Ribeiro Sanches"⁵⁷ do mesmo dicionário. Após resumir sua biografia e elencar suas principais obras publicadas, Martins detém-se a significar as ideias do médico português quanto ao campo ao qual são direcionadas: em suas convicções médicas, teria defendido a *heredossífilis* (a possibilidade de contágio hereditário), confundido sífilis e outras doenças venéreas e insistido nos efeitos terapêuticos do mercúrio; quanto à higiene, afirmava ser esta interessante ao Estado, preocupando-se com o problema da poluição do ar e opondo-se aos enterros próximos às igrejas; no campo da instrução, defendeu a secularização absoluta do ensino; em matéria de economia, vinculava a prosperidade da nação à sua situação demográfica, ao estado do comércio e ao fomento industrial; suas concepções políticas poderiam ser relacionadas ao paradigma do despotismo esclarecido, no qual o poder do rei deveria opor-se ao domínio eclesiástico e aos privilégios da nobreza; em questões de moral, mesmo ignorando a possibilidade de igualdade entre as classes, defendia o fim da escravidão e a tolerância; por fim, no

⁵⁶ António Coimbra Martins. "Estrangeirados". In: Joel Serrão (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, vol. II, *Op. cit.*, p. 466 - 473.

⁵⁷ António Coimbra Martins. "António Nunes Ribeiro Sanches". In: Joel Serrão (dir.) *Dicionário de História de Portugal*. Vol. V. *Op. cit.*, p. 434 - 438

campo religioso, opôs-se ao monaquismo, aos privilégios abusivos do clero e à independência deste perante o Estado⁵⁸.

Segundo Martins, Sanches

“Não foi um precursor senão na medida em que Portugal e a Rússia eram retardatários. Abstracção feita de nacionalidades, ocupa uma posição ‘decente’ na cultura de seu tempo, mas não uma posição adiantada, nem muito original⁵⁹.”

Se, por um lado, o médico português representou um papel secundário no contexto das Luzes europeias, por outro, marcou as reformas pombalinas da educação através de seus escritos, dos quais se destacam as *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1760) e o *Método para Aprender e Estudar a Medicina* (1763). Devido à sua trajetória biográfica e à influência de seus escritos na política portuguesa na segunda metade do século XVIII, António Coimbra Martins inclui Ribeiro Sanches no rol dos estrangeirados consultados por Sebastião José de Carvalho e Melo (1699 – 1782).

Ícone português da História Cultural e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, José Sebastião da Silva Dias (1916 - 1994) também dedicou-se a compreender a questão do atraso português perante o restante da Europa. Assim como a tradição que até agora viemos indicando, em seu *Portugal e a Cultura Europeia* (1952)⁶⁰, Silva Dias indica que a renovação da cultura nacional dá-se, "quase exclusivamente", pela influência dos estrangeiros que visitavam Portugal e dos estrangeirados. Estes últimos, segundo o autor, possuíam em comum o combate à Inquisição, à Escolástica e ao provincianismo político e cultural. Quanto ao nosso objeto de estudo, Silva Dias divulga correspondência mantida entre o Cardeal da Mota (1685 - 1747) e o diplomata em Haia D. Luís da Cunha (1662 - 1749), cujo tema diz respeito à proposta de reforma da biblioteca da Universidade de Coimbra — para a qual Ribeiro Sanches contribuiu, a partir de seu contato com o embaixador português em

⁵⁸ *Idem*, pp. 436 – 437.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 436.

⁶⁰ José Sebastião da Silva Dias. "Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI - XVIII)". In: *Biblos*, nº. XXVIII, 1952, p. 204 - 498. Sua tese aparece, de forma resumida, em: José Sebastião da Silva Dias. "O Eclectismo em Portugal no século XVIII: génese e destino de uma atitude filosófica", separata da *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano VI, Coimbra, 1972.

Haia, com indicações das obras mais atuais no campo da medicina —, assim como à possibilidade de que o médico cristão-novo lecionasse em Portugal⁶¹.

Em 1972, o professor Vitor de Sá (1921 - 2003) publica uma coletânea de textos de Ribeiro Sanches, até então inéditos, constituída pelos manuscritos de carácter político e económico que fazem parte do acervo da Biblioteca Pública de Braga⁶². Em sua introdução, Sá menciona o abandono em que se encontravam os estudos de Ribeiro Sanches. Reduzidos aos empenhos de historiadores tanto da medicina, quanto da pedagogia, faltava ainda um estudo exaustivo sobre as obras e a personalidade do nosso reformador. Para além da exaltação e apresentação da coletânea de textos, o autor busca delimitar, em alguns escritos introdutórios, o lugar histórico de Ribeiro Sanches no Portugal do século XIX. Segundo Sá, o ideário desse “estrangeirado” emergiu “quando, na Europa, se espalhava o movimento de ideias da burguesia ascendente, preparação ideológica da Revolução Francesa”⁶³. Dessa forma,

“Ribeiro Sanches foi um dos representantes portugueses mais categorizados do iluminismo, não porque se tivesse ocupado a publicar obras de carácter doutrinário, mas pela influência directa que exerceu sobre os estadistas no sentido de adoptarem medidas e de promoverem reformas económicas e sociais de carácter liberalizador.”⁶⁴

Para definir, portanto, a figura de Ribeiro Sanches, o autor remete-se às estruturas socioeconómicas tanto europeias — o Iluminismo como ideologia da classe burguesa em ascensão — quanto portuguesas — a querela entre “castiços” e “estrangeirados” e o desenvolvimento do “despotismo esclarecido” de Pombal.

Como podemos perceber, a tônica que transparece nos textos posteriores ao trabalho de Camilo Castelo Branco — e que reproduzem, como já afirmamos, os principais lugares-comuns dos estudos sobre Ribeiro Sanches, ou melhor, o paradigma para a representação do médico português — consiste na tentativa de compreensão do atraso português perante a Europa culta e na tentativa de caracterizar a conjuntura portuguesa no século XVIII, mais explicitamente a política — ainda hoje tão controversa — do marquês de Pombal. Dessa maneira, a imagem de Ribeiro Sanches

⁶¹ José Sebastião da Silva Dias. "Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI - XVIII)". *Op. cit.*, 1952, p. 371.

⁶² António Nunes Ribeiro Sanches. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. *Op. cit.*, 1980.

⁶³ Victor de Sá. “O Pensamento Reformador”. In: António Nunes Ribeiro Sanches. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. *Op. cit.* 1980, p. 32.

⁶⁴ *Idem*, p. 33.

encontra-se, na maioria dos casos, submetida a uma esfera maior de compreensão, representada pela relação com sua pátria. Entretanto, o período analisado testemunha ainda uma outra corrente de divulgação do médico cristão-novo, fruto da atividade de nomes provenientes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1836 - 1911), que servirá de base para a instalação, na mesma cidade, da Faculdade de Medicina no ano de 1911.

Ao contrário dos trabalhos até então mencionados, a produção textual sobre Ribeiro Sanches que emerge nesse contexto possui, no começo do século XX, a intenção de divulgar achados documentais que dizem respeito ao médico beirão⁶⁵. Majoritariamente de caráter erudito, essa gama de escritos beneficia-se, possivelmente, da organização dos arquivos levada a cabo pelo governo português no século XIX e princípio do XX⁶⁶, além de seu vínculo com as instituições universitárias.

Esse foi o contexto que deu origem à obra que, ainda hoje, podemos afirmar ser uma das mais completas no que diz respeito à biografia de Ribeiro Sanches. Em 1911, Maximiano Lemos (1860 - 1923) publicou *Ribeiro Sanches: sua vida e sua obra*⁶⁷. Nessa biografia, o autor buscou legitimar a figura do médico beirão entre os grandes nomes da história da medicina portuguesa. Segundo ele:

"Encarregado em 31 de agosto de 1909 de escrever, em comissão gratuita, a historia da medicina em Portugal, pelo meu amigo Wenceslau de Lima, que então geria a pasta do reino, entendi que, de preferencia a refazer trabalhos anteriores, me devia consagrar ao estudo do periodo moderno dessa historia cujo começo se póde datar do advento de Ribeiro Sanches."⁶⁸

Com esse intuito, a biografia de Ribeiro Sanches nos é apresentada por Lemos com considerável riqueza de detalhes, mapeando seus contatos com a comunidade científica europeia e se referindo não somente às suas prescrições ao governo lusitano, como também às suas relações com a corte russa, com quem Ribeiro Sanches manteve

⁶⁵ Como frutos desse conjunto, podemos citar: Arthur Araujo. "Subsidios para a monographia do celebre medico portuguez Antonio Nunes Ribeiro Sanches". Separata da *Gazeta dos Hospitaes do Porto*, nº. 22, 3º ano. Porto: Typographia da Encyclopedia Portuguesa, 1909; Maximiano Lemos. "Notícias de alguns manuscritos de Ribeiro Sanches existentes na Biblioteca Nacional de Madrid". In: *Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Porto*, 1º ano, nº1, 1913 - 1914, p. 143 - 171; Ricardo Jorge. "Cartas de Ribeiro Sanches". In: *A Medicina Contemporânea: Hebdomadário português de ciencias medicas*, nº 29, Lisboa: Livraria João António Rodrigues, 21 de Julho de 1907, p. 229-233; Ricardo Jorge. "Ribeiro Sanches e Soares de Barros". In: *A Medicina Contemporânea: Hebdomadário português de ciencias medicas*, nº 29, Lisboa: Livraria João António Rodrigues, 14 de Novembro 1909, p. 373-376.

⁶⁶ Sobre essa organização dos arquivos, ver: José Amado Mendes. "Desenvolvimento e estruturação da historiografia portuguesa". In: Reis Torgal; José Amado Mendes; Fernando Catroga. *Op. cit.*, p. 188 - 193.

⁶⁷ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*

⁶⁸ *Idem*, p. V.

intensa correspondência a partir da década de 1730. Além disso, o livro é acompanhado de um apêndice documental no qual podemos vislumbrar os processos inquisitoriais pelos quais a família do médico cristão-novo passou, assim como exemplos da correspondência que Ribeiro Sanches mantivera tanto com o corpo diplomático português em Paris, quanto com alguns membros ativos do governo pombalino, como D. Luís da Cunha Manuel (1703 - 1775).

Para além dessa primeira geração, formada por Maximiano Lemos, Ricardo Jorge (1858 - 1939) e Arthur Araujo, a Faculdade de Medicina do Porto formou ainda Luís de Pina (1901 - 1972), que se dedicou à história da ciência e deu atenção não à difusão de fontes sobre o médico português, mas sim a temas diversos, como o caráter higienista do *Tratado da Conservação dos Povos* e a relação do modelo de instituição universitária de Ribeiro Sanches com as propostas de reforma de Luís Antonio Verney (1713 - 1792) e Denis Diderot (1713 - 1784)⁶⁹. A tradição de médicos que se dedicara, principalmente, a um modelo historiográfico de divulgação e legitimação da figura do médico beirão relaciona-se, a meu ver, à necessidade de um discurso de solidificação da "medicina portuguesa", enquanto categoria válida do conhecimento, a partir da elaboração de narrativas historiográficas que a instaurem enquanto tradição do conhecimento medicinal universitário de início do século XX.

Essa tradição puramente documental, indício de um aumento considerável nas descobertas referentes às fontes historiográficas e consequência do fortalecimento da disciplina histórica em fins do XIX e princípios do século seguinte, encontra-se também no artigos divulgados por Artur Viegas na *Revista de História*. Nestes, divulga-se parte da correspondência mantida entre o médico português e os jesuítas participantes da missão chinesa, dentre os quais destaca-se o bispo de Pequim Polycarpo de Sousa (1696 - 1757). Trata-se, com efeito, das cartas escritas pelos inacianos, e que Ribeiro Sanches recebia em São Petersburgo. O intuito do autor desses dois artigos de divulgação era, enfim, responder a seguinte pergunta: "Ribeiro Sanches foi amigo ou inimigo dos Jesuítas?"⁷⁰.

⁶⁹ Luís de Pina. *Verney, Ribeiro Sanches e Diderot na História das Universidades*. Comunicação apresentada à 20ª sessão de estudo do *Centro de Estudos Humanísticos*. Porto: Publicações do Centro de Estudos Humanísticos, 1955; Luís de Pina. "A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da Higiene político-social portuguesa (1756-1956)". Separata de "O Médico", nº 283. Porto: Tipografia Sequeira, 1957.

⁷⁰ Artur Viegas. "Ribeiro Sanches e os Jesuítas". In: *Revista de História*. Lisboa: vol. 9, 1920, p. 81-87, 227-231, 256-270; Artur Viegas. "Ribeiro Sanches e o Pe. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pequim". In: *Revista de História*. Lisboa: vol. 10, 1921, pp. 241 – 263.

Por fim, devemos fazer menção à divulgação documental levada a cabo pelo erudito António Ferrão (1884-1961), sócio-fundador da Academia de Ciências de Portugal, sendo comissionado pelo governo português, de 1914 a 1919, para estudar, no exterior, o serviço de bibliotecas, arquivos e museus. Os documentos que divulgou chamam a atenção por discorrerem sobre um momento delicado da vida do médico cristão-novo: a suspensão de sua pensão por parte do governo pombalino. Os textos de Ferrão configuram, assim, a principal hipótese com relação ao período no qual Ribeiro Sanches não recebeu sua tença⁷¹.

1.3. Novos temas e perspectivas

A partir da década de 1960 intensifica-se, em Portugal, a difusão de novas concepções historiográficas. Gradativamente, a tradição que renovou a história no território lusitano — encontrada, no princípio do século, no exterior das universidades — instala-se nas instituições de ensino superior. Nesse contexto, o fim do Estado Novo (1933 - 1974) permite, com a abolição dos mecanismos de censura e de legitimação de uma história nacional voltada para a exaltação dos marcos históricos da política lusitana, uma maior difusão dos ideais historiográficos provenientes do estrangeiro, principalmente do paradigma francês da "nova história"⁷². É nesse contexto, portanto, que se alargará o horizonte temático português com a emergência de novos campos de estudo, como foi o caso das contribuições de Joaquim de Carvalho (1892 - 1958) e José Sebastião da Silva Dias para a difusão da história cultural portuguesa. Da mesma maneira, começam a aumentar os trabalhos historiográficos sobre a ciência lusitana, assim como emerge um novo campo editorial de divulgação desses novos modelos da disciplina histórica, percebido com o aumento de periódicos dedicados à história nas décadas de 1970 e 1980.

Nesse período — e, no caso das representações sobre Ribeiro Sanches, principalmente a partir da década de 1980—, portanto, os textos que eram, antes, unicamente dedicados à reprodução de fontes documentais para a história do médico

⁷¹ António Ferrão. "Ribeiro Sanches e Soares de Barros: Novos elementos para as biografias desses académicos". Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vol. XX. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1936; António Ferrão. "O Poeta, Crítico e Moralista Francisco de Pina e Melo (1695 - 1773): apontamentos para a sua biografia". Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vol. XX. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1938.

⁷² José Amado Mendes. José Amado Mendes. "A renovação da historiografia portuguesa". In: Reis Torgal; José Amado Mendes; Fernando Catroga. *História da História de Portugal: séculos XIX - XX*. Vol I. *Op. cit.*

cristão-novo dão espaço a sistematizações de aspecto mais teórico, geralmente com a intenção de categorizar Ribeiro Sanches em determinados campos semânticos. Dessa maneira, será constante, ainda, a referência ao conceito de *estrangeirado*. No entanto, seu significado cada vez mais variado passa a privilegiar não somente "o reformador", mas também "o cientista", operando, aos poucos, a espacialização da figura do médico português no contexto europeu.

É assim, por exemplo, que podemos interpretar as menções a Ribeiro Sanches presentes nos escritos de Ana Cristina Araújo. Em 1984, a autora dedica um artigo, publicado na *Revista de História das Ideias*, à compreensão da tradição ilustrada no discurso do médico cristão-novo no que diz respeito às suas convicções pedagógicas e científicas. Voltando-se para a análise das representações dessas temáticas no interior das obras de Ribeiro Sanches e comparando-as com as principais temáticas de uma historiografia sobre o Iluminismo europeu, Araújo indica o caráter empírico, de matriz lockeana, da epistemologia do médico beirão, assim como suas relações temáticas com os principais autores ilustrados (Wolff, Hume, Voltaire, entre outros). Nesse sentido, privilegia categorias como tolerância religiosa e anticlericalismo, assim como se prende à delimitação do caráter hierarquizante de suas propostas pedagógicas, aproximando-o dos escritos sobre educação de La Chalotais (1701 - 1785) e das convicções voltairianas⁷³.

Em novo artigo, publicado 16 anos após o escrito supracitado, Ana Cristina Araújo dedica-se à interpretação da utopia em Ribeiro Sanches, compreendendo-a como produto de sua sistematização do espaço público, condicionada por uma crença desmesurada na eficiência científica. A partir desse pressuposto, a análise dos textos "médicos" de Ribeiro Sanches — mais especificamente as obras: *Método para aprender e estudar a medicina* (1763), *Dissertação sobre as paixões da alma* (1753), *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756) e as *Observations sur la maladie venerienne* (1785) — indica a possibilidade de interpretá-los enquanto signos de um discurso de normatização tanto do espaço público, quanto da conduta individual. Além disso, a autora opera aqui, como em seu artigo anteriormente citado, a localização dos conhecimentos veiculados por Ribeiro Sanches na esfera dos discursos científicos europeus, acusando, por exemplo, sua aproximação à polêmica sobre a respiração, que

⁷³ Ana Cristina Araújo. "Ilustração, pedagogia e ciência em António Nunes Ribeiro Sanches". In: *Revista de história das idéias*. Coimbra. vol. 6, 1984, pp. 377 – 394.

se encontra na base do que virá a ser a apresentação de Lavoisier (1743 - 1794) perante a Academia de Ciência de Paris, em 1777⁷⁴.

Com o mesmo embasamento metodológico anteriormente apresentado, a autora publicará ainda, em coletânea sobre o terremoto que assolou Lisboa em 1755, uma consideração sobre a abordagem desta catástrofe na obra do médico cristão-novo. Assim, é enquanto núcleo semântico que a autora entende o Apêndice que Ribeiro Sanches apresenta em seu *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* (1756), denominado *Considerações sobre os Terremotos, com a notícia dos mais consideráveis, de que faz menção a Historia, e dos ultimos que se sentirão na Europa desde o 1 de Novembro de 1755*. Ana Cristina Araújo opera, assim, a análise desse texto não com os olhos voltados para Portugal, mas debruçando-se sobre a possibilidade de inserção do médico português nas discussões sobre a História da Terra e sobre o Otimismo⁷⁵.

Esse processo de desnacionalização da representação de Ribeiro Sanches também se encontra no horizonte de preocupações de Rómulo de Carvalho (1906 - 1997). Em seu *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII* (1979), o autor dedica todo um capítulo para narrar a trajetória do médico cristão-novo durante os anos de 1731 e 1747, período no qual serviu ao Império Russo nas mais diversas funções. Preocupado, principalmente, com uma atualização biográfica sobre os anos russos de Ribeiro Sanches, o autor, ao contrário de Ana Cristina Araújo, não se preocupa com os preceitos teóricos subjacentes aos discursos do médico português. Seu resultado, no entanto, permite-nos atinar com o serviço que Ribeiro Sanches prestou à Rússia durante sua vida, intensificando o processo de autonomização de sua imagem em relação à figura pombalina⁷⁶.

Nessas últimas quatro décadas, portanto, podemos perceber que Ribeiro Sanches tornou-se, aos poucos, um objeto de estudo cada vez mais privilegiado em sua singularidade. Ao atentarmos aos livros e artigos que o tomam por tema, percebemos que os conceitos de estrangeirado e sua caracterização como reformista perdem espaço para análises que se debruçam, principalmente, sobre aspectos pontuais de suas obras. Dessa maneira, podemos fazer referência ao livro de Fernando Augusto Machado

⁷⁴ Ana Cristina Araújo. "Medicina e Utopia em Ribeiro Sanches". In: *Ars Interpretandi — Diálogo e Tempo*. Homenagem a Miguel Baptista Pereira. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 35-85.

⁷⁵ Ana Cristina Araújo. "Ribeiro Sanches e o desastre de Lisboa". In: Ana Cristina Araújo; Nuno Gonçalves Monteir; Walter Rossa; José Vicente Serrão (organizadores). *O Terramoto de 1755: Impactos Históricos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, p. 309-322.

⁷⁶ Rómulo de Carvalho. *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1979.

Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa: Ribeiro Sanches como um dos exemplos dessa perspectiva no que diz respeito à educação. Analisando as propostas pedagógicas do médico português, o autor interpreta-as não como mais um fator na soma de projetos de modernização do período pombalino, mas sim como discurso cuja tônica recai no estudo de suas matrizes teóricas. Dessa maneira, como acontece em Ana Cristina Araújo, trata-se de localizar a influência do pensamento educacional europeu sobre a obra de Ribeiro Sanches, buscando, para além da simples filiação a uma categoria, a sistematização semântica do seu discurso pedagógico⁷⁷.

De forma parecida, Norberto Ferreira da Cunha opera uma intrincada análise do conceito de "tolerância" na obra do médico cristão-novo. Compreendendo-a como fruto de uma postura deísta que, ao mesmo tempo, não poupava críticas ao discurso ferozmente anticatólico de Voltaire, o autor aproxima a concepção religiosa de Ribeiro Sanches à ideia de religião natural, vinculando-a, também, ao conceito de conservação. Para Norberto Ferreira da Cunha, no entanto, a concepção religiosa do médico português aproximava-se de uma visão pragmática por associar-se diretamente, nos seus discursos, às justificativas de suas propostas, feitas em nome da utilidade pública⁷⁸.

A discussão religiosa nos textos de Ribeiro Sanches reaproxima-se, na análise de Maria Helena Carvalho dos Santos, da relação entre o governo pombalino e o médico cristão-novo. Ao analisar o posicionamento deste quanto à questão sobre os judeus, a autora afirma que essa problemática relaciona-se diretamente com dois principais objetivos pombalinos: a imposição de uma soberania régia e civil, e a busca de mecanismos de desenvolvimento econômico. Essa relação dá-se, portanto, devido à perseguição aos judeus e cristãos-novos — etnia responsável pelo progresso econômico de Portugal — por parte da Inquisição. A interpretação dos textos de Ribeiro Sanches sobre a questão judaica portuguesa — do *Origem da denominação de cristão-velho e cristão-novo em Portugal* (1735) aos escritos privados, presentes em seu diário, referentes à abolição dessa nomenclatura em 25 de maio 1773 — permite, para Maria Helena Carvalho dos Santos, constatar como Ribeiro Sanches estava em sintonia com a prática política pombalina. Os escritos sobre os judeus do médico cristão-novo

⁷⁷ Fernando Augusto Machado. *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa: Ribeiro Sanches*. Porto: Campo das Letras, 2001.

⁷⁸ Norberto Ferreira da Cunha. Norberto Ferreira da Cunha. "A ideia de tolerância em Ribeiro Sanches". In: *Elites e acadêmicos na cultura portuguesa setecentista*. Lisboa: Imprensa nacional, 2000, p. 151-190.

demonstravam, segundo a autora, a necessidade de formar-se uma base social de apoio às medidas de Sebastião José⁷⁹.

Essa "sintonia" com o governo pombalino pode ser justificada a partir de outro artigo escrito por Maria Helena Carvalho dos Santos. Em "Poder, intelectuais e contra-poder", a autora opera uma comparação entre os intelectuais franceses e portugueses para afirmar que, no segundo caso, não se desenvolveu um discurso contrário ao governo instituído — ou seja, uma tradição bibliográfica de suporte à revolução. Por não conhecerem a independência econômica do escritor do Antigo Regime francês, os autores portugueses esperam que a própria Coroa lhes pague suas obras, uma vez que é ao próprio poder que esses textos se dedicam. Essa relação de dependência justificaria, assim, o decoro nas relações epistolares, por exemplo, entre Ribeiro Sanches e o governo português. Para a autora, "Os intelectuais da época pombalina não contestaram o poder porque ele servia objectivamente os seus interesses e permitia-lhes travar uma certa luta contra o preconceito, a ignorância e a intolerância religiosa e os elevava a uma categoria de apoiantes jurídicos do poder. Eles podiam ser a teoria da prática pombalina"⁸⁰.

No entanto, essa mesma sintonia é colocada à prova pelas análises produzidas, nesse período, sobre as concepções políticas de Ribeiro Sanches. Para Zília Osório de Castro, as teorias concernentes ao surgimento do Estado adotadas pelo médico cristão-novo e pelo regime português distanciam-se na concepção de *secularização*. De acordo com o primeiro, o pacto de sujeição do povo ao soberano dava-se no juramento de fidelidade mútuo entre soberano e súditos. Dessa forma, a origem do Estado resultava do consentimento dos povos. Para Pombal, no entanto, mesmo admitindo a origem pactualista do poder, a submissão dos povos ao soberano provinha, necessariamente, da interferência direta de Deus, ou seja, excluía-se a influência de membros da comunidade constituída na "origem e exercício do poder". Era, portanto, a divindade que concedia o poder diretamente para o rei. Segundo a autora, portanto, a posição secularizante de Ribeiro Sanches pendia para o processo de laicização e, quanto à origem do poder do

⁷⁹ Maria Helena Carvalho dos Santos. "Ribeiro Sanches e a questão dos judeus". In: *Revista de história das idéias*. Coimbra. Vol. 4, tomo I, 1982.

⁸⁰ Maria Helena Carvalho dos Santos. "Poder, Intelectuais e Contra-Poder". In: Maria Helena Carvalho dos Santos (org.) *Pombal Revistado*, 2 vol. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, vol. 1, p. 128.

soberano, distanciava-se das teorias formuladas no seio da prática pombalina como, por exemplo, os discursos de António Pereira de Figueiredo (1725 - 1797)⁸¹.

Atestando a diferença entre as concepções concernentes à origem da soberania na obra de Ribeiro Sanches — mais explicitamente nas *Cartas sobre a educação da mocidade* — e no argumento oficial da política pombalina, Antonio Rosa Mendes admite uma posição diretamente contrária à defendida por Maria Helena Carvalho dos Santos, a saber, a sintonia entre os discursos do médico cristão-novo e do governo josefino. Segundo o autor, que Ribeiro Sanches tenha pretendido ser a teoria da prática pombalina é indubitável. O problema encontra-se na recepção das ditas *Cartas* pelo Marquês de Pombal. Para Rosa Mendes, as divergências teóricas entre a política pombalina e o pactualismo do médico cristão-novo, agravadas por episódios de princípios da década de 1760, levaram ao isolamento de Ribeiro Sanches. Mesmo reavendo sua pensão a partir de 1769, a reivindicação do recebimento dos atrasados referentes ao intervalo de suspensão não foi atendida pela Coroa. Assim, o médico cristão-novo deixara, após a contribuição do *Método para aprender e estudar a medicina*, de figurar entre os principais produtores de escritos reformistas⁸².

Como observamos, maior atenção foi dedicada, após a década de 1980, a aspectos fragmentados da obra de Ribeiro Sanches. Suas preocupações pedagógicas, médicas, políticas e científicas tornaram-se objetos de pesquisa privilegiados pela historiografia que lhe rendeu homenagem nas últimas décadas. Assim, suas concepções econômicas também mereceram uma análise, publicada em forma de artigo por José Vicente Serrão. Segundo o autor, à constatação, por parte do médico cristão-novo, do atraso económico português assomou-se uma quantidade considerável de textos reformistas que possuíam como principal característica a condenação dos privilégios nobiliárquicos. No entanto, mesmo classificado, por Serrão, enquanto teórico que se encontra na transição do mercantilismo clássico para a economia de Adam Smith (1723 - 1790), Ribeiro Sanches não teve, em Portugal, nenhuma repercussão enquanto "economista": "A sua importância e o seu carácter pioneiro, reconhecemo-lhos nós, historiadores do século XX, e não os seus contemporâneos, ou mais imediatos

⁸¹ Zília Osório de Castro. "O Estado e a Igreja pensamento de António Nunes Ribeiro Sanches". In: *Estudos em homenagem a Luis António de Oliveira Ramos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 399-406.

⁸² Antonio Rosa Mendes. *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal: intelectuais e poder no absolutismo esclarecido*. Op. cit.

sucessores, aos quais a sua obra de incidência econômica passou praticamente despercebida"⁸³.

Assim vemos que, para além das preocupações puramente biográficas ou voltadas para uma sistematização do período pombalino, testemunhamos, nos últimos anos, a emergência de estudos que privilegiaram a figura de Ribeiro Sanches enquanto objeto singular de compreensão. Debruçando-se sobre a análise os discursos escritos pelo médico cristão-novo, esses estudos possibilitaram certa autonomização de Ribeiro Sanches, permitindo a inserção deste em outros campos de estudo, como a História das Ciências, do pensamento econômico, entre outros. Sem perder de vista a relação mantida com o período pombalino, essas análises permitiram uma melhor localização do médico cristão-novo nessa discussão, autorizando interpretações como as de António Rosa Mendes, que resignificam as relações mantidas entre o regime pombalino e Ribeiro Sanches.

1.4. A internacionalização de Ribeiro Sanches

Por fim, devemos ressaltar os principais estudos produzidos fora de Portugal que se dedicam — ou se referem — a Ribeiro Sanches.

Em alguns casos, pode-se notar a difusão das representações recorrentes do médico português como "oráculo pombalino" ou "estrangeirado". Charles Boxer (1904 - 2000), por exemplo, discute num artigo, de forma geral, essa figura da Ilustração Portuguesa. Segundo o autor, Ribeiro Sanches e Sebastião José de Carvalho e Melo, mesmo possuindo pontos de vista diferentes, faziam parte do grupo dos estrangeirados: *"These men, formed a small group of individuals who, either through travel and residence abroad, or though the intensive study of foreign — mostly French — books at home, had come to recognize the relative backwardness of Portugal in comparison with the more advanced European countries — France, England, the Netherlands and Italy"*⁸⁴. Após uma breve introdução biográfica, Boxer dedica-se a demonstrar algumas influências de trabalhos de língua inglesa sobre as concepções de Ribeiro Sanches —

⁸³ José Vicente Serrão. "Pensamento económico e política económica no Período Pombalino. O caso de Ribeiro Sanches". in: *Ler História*, nº 9, Lisboa: Edições Salamandra, 1986, p. 28.

⁸⁴ ["Estes homens formaram um pequeno grupo de indivíduos que, ou através de viagens e do estabelecimento no exterior, ou ainda do estudo intensivo de livros — em sua maioria franceses — estrangeiros em casa, chegaram a reconhecer o relativo atraso de Portugal em comparação com os países mais desenvolvidos da Europa — França, Inglaterra, Países Baixos e Itália."] Charles Ralph Boxer. "An enlightened portuguese: Dr. Ribeiro Sanches". In: Charles Ralph Boxer. *Opera Minora*. Vol. III. Org.: Diogo Ramada Curto. Lisboa: Fundação Oriente, 2002, p. 203.

como, por exemplo, o caso da influência do *Some thoughts concerning education* (1693), de John Locke (1632 - 1704), sobre os preceitos pedagógicos advogados pelo médico português, ou o pioneirismo do médico naval James Lind (1716 - 1794) na difusão do suco de limão como medicamento contra o escorbuto. Por fim, o autor elenca os principais temas que preocuparam Ribeiro Sanches, dando maior atenção ao processo laicização do ensino português.

Ribeiro Sanches também é lembrado por Kenneth Maxwell em seu *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Sem associar diretamente a figura do médico cristão-novo com o conceito de *estrangeirado*, o autor inglês faz somente algumas rápidas menções sobre este personagem. Uma primeira vez, indicando que Sebastião José teria conhecido Ribeiro Sanches e o médico holandês Gerard van Swieten (1700 - 1772) quando de sua missão diplomática em Viena⁸⁵. A segunda menção que destacamos tem a finalidade de inserir o *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756) entre as obras que colaboraram para a reconstrução de Lisboa após o sismo de 1755⁸⁶. Uma terceira referência demonstra a diferença entre os preceitos políticos presentes nas obras de Ribeiro Sanches, no que concerne ao papel da Igreja na sociedade civil, e as concepções que determinavam a prática política do Marquês de Pombal⁸⁷.

Há também uma tradição de estudos produzidos por historiadores brasileiros que se referem ao médico cristão-novo. Nos casos que citaremos, entretanto, a representação de Ribeiro Sanches coloca-se no interior de iniciativas de sistematização da conjuntura portuguesa em finais do século XVIII e, mormente, de suas consequências visíveis na conformação do Brasil em princípios do século XIX.

Em “Aspectos da Ilustração no Brasil”, de 1968, Maria Odila Leite da Silva Dias define como seu objetivo “[...] estudar certos aspectos da mentalidade de uma geração que participou da independência e que tem raízes nas primeiras tentativas dos brasileiros de adaptar às condições de seu meio, a cultura ‘ilustrada’ da Europa no século XVIII⁸⁸”. Para tal fim, a autora envereda por uma análise minuciosa da formação intelectual dos memorialistas luso-brasileiros de finais dos setecentos, demonstrando a preferência que estes possuíam pelos estudos no campo das “Ciências Naturais”. Armada com o aparato teórico do empirismo concernente a esse campo recente do

⁸⁵ Kenneth Maxwell. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed. 1997, p. 9.

⁸⁶ *Idem*, p. 26.

⁸⁷ *Idem*, p. 102.

⁸⁸ Maria Odila Leite da Silva Dias. “Aspectos da ilustração no Brasil”. In: *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 39.

conhecimento, essa geração objetivava o progresso material do Império ao introduzir no ideário reformista já existente os resultados das pesquisas naturais. Neste contexto, Sanches seria um dos ícones dessa ideologia de reformas que está na base da literatura memorialista:

“Em suas ‘Cartas sobre a educação da mocidade’, procurou o ilustre filósofo português elevar os valores chãos da burguesia, o trabalho, a indústria e o comércio ante o predomínio, extemporâneo em Portugal, do culto às tradições heróicas, dos valores aristocráticos da espada e da honra, voltando-se contra os privilégios dos nobres e eclesiásticos; queria promover o progresso da agricultura contra as leis ‘góticas’ do reino, que a destruíam⁸⁹.”

Francisco Calazans Falcon, em *A Época Pombalina* (estudo publicado pela primeira vez em 1982, mas concluído em 1975), opera uma apropriação semelhante da figura de Ribeiro Sanches, sendo que o autor se vale do médico português para traçar um panorama estrutural do período pombalino. Incluindo-o no capítulo sobre o ideário pombalino, Falcon vincula-o ao paradigma reformista assumido pelo valido de D. José I, ao mesmo tempo em que afirma ter sido Ribeiro Sanches “(...) um verdadeiro estrangeirado, e ausente, no sentido físico apenas, porquanto colaborou ativamente com várias das reformas do período pombalino”⁹⁰. Imerso, portanto, no contexto da política pombalina (marcada pelo “Mercantilismo” e pela “Ilustração”), Ribeiro Sanches é visto como colaborador do governo do Conde de Oeiras a partir da análise de alguns de seus textos.

A tradição memorialista institucionalizada na Academia de Ciências de Lisboa (1779) também é vista por Fernando Antonio Novais como o ápice da teorização político-econômica do século XVIII português. Preocupado com a compreensão da emergência de uma nova política colonial devido à crise do sistema mercantilista de colonização, o autor menciona os *estrangeirados* como o primeiro movimento de atualização da mentalidade portuguesa no setecentos⁹¹. É entre esses intelectuais, que ao tomarem contato com o exterior buscam “arejar” as conjuntura e mentalidade

⁸⁹ *Idem*, p. 45.

⁹⁰ Francisco José Calazans Falcon. *A Época Pombalina*. São Paulo: Editora Ática, 1982, p. 347.

⁹¹ Fernando Antonio Novais. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Editora Hucitec, 7ª ed., 2001.

portuguesas, que encontramos Ribeiro Sanches, cujo texto *Dificuldade que tem um reino velho para emendar-se* constitui, para Novais, "toda uma síntese"⁹².

Por fim, destacaremos dois trabalhos que se distanciam das abordagens que até agora elencamos sobre Ribeiro Sanches e que foram produzidos na Europa continental, para além dos Pireneus. O primeiro texto, assim, constitui um dos cânones sobre a biografia do médico português em conjunto com a biografia de Maximiano Lemos. Trata-se do livro *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*, publicado por David Willemse, em Leiden, no ano de 1966. Preocupado em demonstrar o contato entre o discípulo de Boerhaave e o império russo, Willemse analisa, principalmente, documentos de Ribeiro Sanches que foram pouco estudados pela historiografia luso-brasileira, como as cartas que dizem respeito às cópias dos manuscritos do próprio Boerhaave que o médico cristão-novo obteve por intermédio de parentes do professor holandês de medicina⁹³. De acordo com Willemse, no que diz respeito à relação entre o "oráculo do Marquês de Pombal" e sua pátria, "(...)Nous avons l'impression que le Portugal du XVIII^{ème} siècle n'a pas su apprécier les services, l'expérience et le talent de cet homme remarquable, bien que le gouvernement portugais lui ait accordé, dans sa vieillesse, une pension annuelle de quelque deux mille livres"⁹⁴. Apesar disso e, ainda, apesar de ter sofrido humilhações por parte de seus compatriotas que lhe forçaram a deixar sua pátria, Ribeiro Sanches teria, segundo Willemse, amado Portugal, o que justifica seu desejo vivo de querer alçá-la à categoria das outras nações europeias. Assim, demarcados esses dois aspectos — a onipresença de Boerhaave na análise da biografia de Ribeiro Sanches e o sofrimento que lhe foi infligido pela própria pátria — David Willemse defende suas duas principais conclusões. A primeira:

"Si, à la base de l'échange d'idées si curieux dont nous avons pris connaissance et qui, à notre avis, souligne surtout l'interdépendance des hommes dans le domaine de la pensée, nous avons pu démontrer la 'présence' hollandaise, cela nous a causé une satisfaction d'autant plus vive que, de cette

⁹² Fernando Antonio Novais. "O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos". In: *Revista Brasileira de História*, nº 7, 1984, p. 105.

⁹³ David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. Op. cit.

⁹⁴ ["(...) Temos a impressão que Portugal do século XVIII não soube apreciar os serviços, a experiência e o talento desse homem notável, bem como o governo português lhe tenha concedido, na velhice, uma pensão anual de duas mil libras."] *Idem*, p. X.

façon, il nous a été possible d'attirer l'attention sur un aspect de la activité de Boerhaave qui, jusqu'ici, avait échappé à ses biographes"⁹⁵.

E a segunda:

*"Cela dit, nous reculons dans le temps et constatons, en nous rappelant les vicissitudes de Sanches adolescent, qu'en dernière analyse l'action déployée par notre auteur dans sa vie ultérieure n'a été que la conséquence directe de l'injustice et de la discrimination dont il avait été la victime dans ses jeunes années"*⁹⁶

A segunda referência feita a Ribeiro Sanches que provém do exterior faz parte dos estudos sobre a troca de correspondências na República das Letras levado a cabo pelo historiador francês Georges Dulac. Promovendo um organizado inventário dos contatos estabelecidos pelo médico português — dando grande atenção às relações que emergiram durante o desempenho da função de membro correspondente da Academia Imperial de São Petersburgo —, o autor chega à conclusão de que

*"(...)l'imbrication des différentes relations internationales que Sanches a entretenues toute sa vie est suffisamment marquée et significative pour que l'on évite d'en isoler certaines de l'ensemble: c'est pourtant ce qui s'est souvent produit dans les études qui lui ont été consacrées, le côté russe et le côté portugais de ses activités étant considéré séparément, tandis que d'autres, français notamment, étaient à peu près négligés"*⁹⁷.

Pensando ainda no estudo das correspondências científicas de Sanches, o autor afirma que, assim como suas redes não podem ser isoladas “geograficamente”, suas

⁹⁵ ["Se, na base da troca de ideias tão curiosas da qual nós tomamos conhecimento e que, em nossa opinião, sublinha sobretudo a interdependência dos homens no domínio do pensamento, pudemos demonstrar a ‘presença’ holandesa, o que nos causou uma satisfação ainda mais viva que, desse modo, nos foi possível chamar a atenção sobre um aspecto da atividade de Boerhaave que, até aqui, havia escapado aos seus biógrafos.”] *Ibidem*, p. 176.

⁹⁶ ["Dito isto, nós recuamos no tempo e constatamos, lembrando as vicissitudes de Sanches adolescente, que em última análise a ação desdobrada do nosso autor em sua vida ulterior foi somente consequência direta da injustiça e da discriminação da qual ele tinha sido vítima em seus anos de jovem.”] *Ibidem*, p. 176.

⁹⁷ ["(...) a imbricação de diferentes relações internacionais que Sanches sustentou durante toda sua vida é suficientemente marcada e significativa para que evitemos de isolar algumas dentre esse todo: no entanto, é o que se produz frequentemente nos estudo que lhe foram consagrados, o lado russo e o lado português de suas atividades sendo considerados separadamente, ao passo que outros, em especial o lado francês, foram quase negligenciados.”] Georges Dulac. “Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)”. In: *Cahiers du Monde russe*, 43/2-3, Avril-septembre, 2002, pp. 251-274, disponível em: <http://monderusse.revues.org/docannexe3970.html>, p. 273.

obras devem ser entendidas sob uma ótica que privilegie as relações entre ciência e política, já que

“(…) lui même a toujours établi de multiples rapports entre eux, même s'ils correspondait le plus souvent, autour de lui, à des réseaux de relations distincts: car, et ce ne sont là que deux raisons parmi d'autres, la médecine dont il traite le plus volotiers est ce qu'il appelle la 'médecine politique' (c'est-à-dire l'hygiène publique, ou la définition de formations médicales adaptées au cadre national); et d'autre part les conditions du développement des sciences dans un pays constituent précisément un des problèmes dont il part pour aborder tous les autres, sociaux, économiques, voire institutionnels, qui se posent à un État, qu'il soit 'gothique' comme le Portugal, ou 'militaire' comme l'empire russe (pour reprendre ses qualificatifs)”⁹⁸.

Em suma, as representações de Ribeiro Sanches que aqui abordamos demonstram como, com o passar dos tempos (principalmente após a década de 1980) e com as vicissitudes dos estudos historiográficos (abrindo vias para a abordagem de novos temas), hoje nos vemos diante de um objeto polissêmico, ou melhor, multifacetado. Em alguns casos, a relação com o governo pombalino torna-se somente o pano de fundo sobre o qual se desenrola a análise seja de sua postura em relação ao governo — ou seja, do seu estatuto de intelectual orgânico, ou não, do reinado josefino —, seja de suas propostas reformistas, vistas, hoje, com maior desconfiança quanto suas concretizações no interior da política de Sebastião José. Em outros, o médico cristão-novo vê-se, enquanto objeto de estudo, extirpado de suas relações com a pátria e passa a ser compreendido sob a ótica da ascensão dos discursos científicos na Europa setecentista, que servirão de matriz para o delineamento de significados nos seus textos. Essa abordagem, no entanto, não se distancia totalmente de uma concepção *estrangeirada* — ou quiçá cosmopolita — do médico português.

Assim, mesmo abordada em suas diversas facetas — as origens e sentidos de seu pensamento econômico, científico, político, pedagógico, médico; seu estatuto enquanto intelectual pombalino, ou enquanto homem de ciência imerso numa

⁹⁸ [“(…) ele mesmo sempre estabeleceu múltiplas relações entre eles, mesmo se eles correspondiam mais frequentemente, ao redor dele, a redes de relações distintas; pois, e são somente duas razões dentre outras, a medicina da qual ele trata mais voluntariamente é aquela que ele chama de “medicina política” (isto é, a higiene pública, ou a definição de formações médicas adaptadas ao quadro nacional); e, por outro lado, as condições do desenvolvimento das ciências num país constituem precisamente um dos problemas dos quais ele parte para abordar todos os outros, sociais, econômicos, e mesmo institucionais, que se apresentam a um Estado, seja ele ‘gótico’ como Portugal, ou ‘militar’ como o Império Russo (para retomar seus qualificativos).”] *Idem*, p. 273.

gigantesca teia de contatos em prol da ascensão da ciências europeia; seja como homem de Portugal, ou um "pedaço de Boerhaave" na Rússia —, a figura de Ribeiro Sanches prende-se, como vimos, a duas formas de enxergá-lo: em sua relação com Portugal e em sua posição diante da Europa ilustrada.

Capítulo 2: Práticas e Trajetória

Uma vez vistas as representações que a figura de Ribeiro Sanches assumiu na historiografia, devemos, agora, dar atenção a sua trajetória pessoal, entendendo-a como conjunto de práticas que concorreram para a formação da imagem do médico beirão como homem de ciência. Dessa forma, damos atenção aos seus períodos de formação — marcados pelos estudos em diversos centros universitários europeus, dos quais destacamos, neste caso, a Universidade de Leiden —, às funções que exercera como médico e como membro de diversas academias científicas, assim como às formas pelas quais Antonio Nunes Ribeiro Sanches estabeleceu sua rede de contatos e os esforços tomados em prol da manutenção de diálogos epistolares constantes com diversos homens de ciência, estadistas e *philosophes*.

2.1: Os anos portugueses (1699 – 1726)

Poucos são os trabalhos que dão atenção aos primeiros anos da trajetória de Ribeiro Sanches. Ainda hoje, a principal fonte de informações sobre a vida do médico português é a obra de Maximiano Lemos denominada *Ribeiro Sanches: a sua vida e a sua obra*, publicada em 1911 e sem reedição. No que diz respeito à reconstrução desse período da trajetória de Sanches, Lemos baseia-se, principalmente, nas cartas destinadas ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valadares, natural de Benavente, com quem o médico beirão se correspondia durante sua estada na Rússia⁹⁹. Passemos, então, à sua trajetória.

Em 7 de março de 1699, nasceu, em Penamacor (região da Beira Baixa), Antonio Nunes Ribeiro Sanches. Seus pais, Simão Nunes e Ana Nunes, faziam parte da grande comunidade cristã-nova que habitava a região das duas Beiras. Ainda na vila em que nascera, Ribeiro Sanches frequentou a escola de latim, mudando-se em 1712, com 13 anos de idade, para a Guarda, onde morou com sua tia paterna, Leonor Mendes. Segundo a biografia de Lemos: "À casa paterna só de fugida volvia, o que póde explicar-se porque foi essa a epocha das violencias inquisitoriaes sobre os seus. O pae

⁹⁹ São três as cartas destinadas a Sampaio Valladares: a primeira data de 18 de janeiro de 1733 e fora redigida em Moscou; a segunda e a terceira foram enviadas de São Petersburgo com datas de 20 de março de 1735 e 15 de julho de 1735, respectivamente. Os exemplares manuscritos dessas cartas pertencem à Biblioteca Municipal de Évora (Cód. CX/1-13). Essas cartas foram publicadas pelo próprio Maximiano Lemos: Maximiano Lemos. "Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valladares", In: *Archivos de historia da medicina portuguesa*, Nova Série, vol. 2, 1911; vol. 3, 1912; vol. 4, 1913.

apresentava-se em 1715 no Santo Ofício em Lisboa e provavelmente já antes lhe inspirava desconfiança¹⁰⁰". Simão Nunes, segundo consta em seu processo, apresentou-se ao Santo Ofício nos anos de 1706 e 1715¹⁰¹.

Em 1716, Ribeiro Sanches matricula-se no Colégio das Artes, em Coimbra, tendo como professor de filosofia o Pe. Manuel Baptista, da Companhia de Jesus, a quem escreveria uma carta em 1747. Ainda desse período de sua vida, temos notícia de um contemporâneo seu, o Pe. Polycarpo de Souza (1696 - 1757), nomeado bispo de Pequim no ano de 1743¹⁰².

Em 1719, Antonio Nunes Ribeiro Sanches deixa Coimbra e, em 1720, matricula-se no curso de Medicina da Universidade de Salamanca, na qual também frequentou as aulas de Artes¹⁰³. Durante os anos em que estudou na Espanha, Sanches passou suas férias na Guarda, onde praticou medicina sob o juízo de Bernardo Lopes de Pinho¹⁰⁴, a quem fora indicado por intermédio de seu tio materno, e também médico, Diogo Nunes Ribeiro¹⁰⁵. Foi ainda na Guarda que Ribeiro Sanches entrou em contato com Martinho de Mendonça de Pina e Proença (1693-1743), membro da Academia Real de História Portuguesa e familiar do Santo Ofício, sobre quem comenta, em carta de 16 de setembro de 1760, a Francisco de Pina e de Melo (1695-1773):

"Quando voltou das suas viagens no ano de 1721 o conheci na Guarda, e na sua terra de Benespera; ali o ia buscar para explicar-me o que eu não entendia em Wolff que me tinha emprestado, e outros livros; naquele tempo me dizia

¹⁰⁰ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*, p. 11.

¹⁰¹ O processo de 1715, nº. 7906, foi publicado em: Maximiano Lemos. *Op. cit.*, 1911, p. 312.

¹⁰² As relações entre Ribeiro Sanches e a missão jesuítica chinesa serão tratadas mais adiante.

¹⁰³ Extratos dos livros de matrícula da Universidade de Salamanca foram publicados em: Maximiano Lemos. *Op. cit.*, 1911, p. 322-323.

¹⁰⁴ Sobre Bernardo Lopes de Pinho, Ribeiro Sanches menciona-o em seu artigo *Affections de l'âme: "C'est un grand mérite dans un médecin d'avoir de la gaîté, et de pouvoir s'en servir auprès de ses malades; il conserve et augmente sa réputation, et le malade a en lui une plus grande confiance, s'il se rend agréable par une conversation décente et intéressante, et par une certaine noblesse dans le geste et dans la manière de s'exprimer; il donne plus d'énergie aux remèdes qu'il prescri. Mon maître, le docteur Pinho, médecin de la ville de Guarda, était doué de tous ces avantages. J'ai été son disciple pendant deux ans (...);"* ["É um grande mérito para um médico de ter alegria e de poder usá-la perto de seus pacientes; ele conserva e aumenta sua reputação, e o doente tem nele uma confiança ainda maior, ele se torna agradável por uma conversa decente e interessante, e por uma certa nobreza no gesto e na maneira de se exprimir; ele dá mais energia aos remédios que prescreve. Meu mestre, o doutor Pinho, médico da cidade da Guarda, era dotado de todas essas vantagens. Fui seu discípulo durante dois anos(...);"] (Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Affections de l'âme*. In: *Encyclopédie méthodique, médecine, par une société de médecins*, Paris, Panckoucke, 1787, vol. I A-ALI. pp.247 - 177. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?07410xM01> Acessado em: 27 jul. 2009)

¹⁰⁵ Diogo Nunes Ribeiro também fora vítima do Santo Ofício, sendo preso em 22 de agosto de 1703. Ainda contra ele foram registradas duas denúncias, uma em 1716 e outra em 1726, ambas publicadas em, Maximiano Lemos. *Op. cit.* p. 329-332.

muitas vezes que pensasse sair fora de Portugal para saber o que jamais se pode aprender nele¹⁰⁶."

Sendo aprovado nos exames da Faculdade de Medicina de Salamanca em 1724, Ribeiro Sanches retorna a Portugal e instala-se na vila de Benavente, próxima a Lisboa. Lá, teria praticado a medicina e residido juntamente com familiares por dois anos. Além disso, foi nessa vila portuguesa que o médico cristão-novo conheceu Manuel Pacheco de Sampaio Valadares (1673-1737), de quem nos restou somente alguns versos à morte da rainha Maria Sophia, duas comédias em espanhol e uma *Arte Rhetorica* publicada postumamente¹⁰⁷. De acordo com os estudos de Georges Dulac, era a Sampaio Valadares que Ribeiro Sanches confidenciava "(...) *les principaux épisodes de son existence depuis son exil, l'évolution de ses opinions religieuses et plusieurs aspects de son activité en Russie*"¹⁰⁸." Este amigo de Ribeiro Sanches, membro da Academia dos Anônimos, ainda facilitou ao médico cristão-novo a obtenção de livros sobre a Universidade de Coimbra, a história de Portugal e a China¹⁰⁹.

Em 1726, Ribeiro Sanches deixa Portugal e, através de Gênova, dirige-se à Londres.

Charles-Louis-François Andry coloca o motivo da viagem do médico português nas seguintes palavras:

*"Malgré sa grande jeunesse, M. Sanchès se concilia par la régularité de ses mœurs et par des cures heureuses la confiance et l'estime publiques, et il aurai pu se flatter de réunir tous les suffrages s'il eût été satisfait de lui-même. Mais son ardeur pour les sciences s'augmentant à mesure qu'il étendait ses lumières, il s'aperçut bientôt que sa patrie manquait des ressources dont sa passion pour l'étude avait besoin."*¹¹⁰

¹⁰⁶ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. "Carta de 16 de Setembro de 1760 a Francisco de Pina e de Melo". In: Antonio Ferrão (org), *Ribeiro Sanches e Soares de Barros: novos elementos para as biografias desses académicos : três cartas inéditas de Ribeiro Sanches (1758-1760) e vários documentos acerca do grande cientista José Joaquim Soares de Barros (1760-1761)*, Lisboa: Separata do Boletim de Segunda Classe, vol. XX da Academia de Ciências de Lisboa, 1936; APUD: Victor de Sá. "A Biografia". In: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. Op. cit., p. 19.

¹⁰⁷ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. Op. cit., p. 59.

¹⁰⁸ ["(...) os principais episódios de sua existência desde seu exílio, a evolução de suas opiniões religiosas e diversos aspectos de sua atividade na Rússia."] Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783). Op. cit. p. 253.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 253.

¹¹⁰ ["Apesar de sua grande juventude, o senhor Sanches se conciliou pela regularidade de seus costumes e pelos tratamentos felizes a confiança e estima públicas, e ele teria podido se orgulhar de reunir todos os sofrimentos se ele tivesse satisfeito a si mesmo. Mas seu ardor pelas ciências aumentando à medida que ele apagava suas luzes, ele percebeu logo que sua pátria desprovia dos recursos que sua paixão pelo

Félix Vicq D'Azyr, fundador e secretário perpétuo da Sociedade Real de Medicina, compartilha a opinião de Andry. De fato, o *Précis Historique sur la vie de M. Sanchès* servirá como matriz para a redação do *Éloge de Sanchèz*¹¹¹, no qual se lê:

*"Ces réflexions, qui s'offraient alors à M. Sanchèz, lui firent pressentir l'utilité d'un ouvrage qu'il a publié long-temps après sur la manière de perfectionner l'enseignement de la médecine, et dès ce moment il se détermina à quitter Benaventi pour voyager dans les villes de l'Europe où les sciences étaient le mieux cultivées. Le voilà donc encore une fois soustrait à une vie douce et heureuse. Il se rendit à Gênes, d'où il partit pour Londres: il y séjourna pendant deux années"*¹¹².

No entanto, à hipótese da motivação científica de sua fuga de Portugal opõe-se, ou melhor, soma-se, a conclusão que Maximiano Lemos apresenta em sua biografia:

"Qualquer que fosse a curiosidade científica de nosso medico — e nós não a pômos em duvida — o motivo que o levou a abandonar a patria deve ter sido o receio de ser alvejado pelas perseguições religiosas de que a sua familia tinha sido victima quasi ininterruptamente durante vinte anos"¹¹³.

Ao processo de Simão Nunes, datado de 1715 e ao qual nos referimos acima, Lemos acrescenta em seu livro vários outros textos que servem como comprovação das perseguições sofridas pela família de Ribeiro Sanches: o processo de Luiz Nunes Ribeiro, sobrinho de Simão Nunes e irmão do boticário António Ribeiro de Paiva, datado de 22 de fevereiro de 1748, no qual o declarante afirma ter vivido, por volta de 1733, com seu tio em Penamacor, onde fora convencido a viver na "lei de Moisés"¹¹⁴; o

estudo tinha necessidade.”] Charles-Louis-François Andry. "Précis Historique sur la vie de M. Sanchès". *Op. cit.*

¹¹¹ Vicq D'Azyr colhe informações sobre Ribeiro Sanches através de notícias biográficas enviadas a Andry por personagens que conviveram ou se corresponderam com o médico português: como o Dr. Alvarez (médico português sobre quem encontramos poucas referências); Marcelo Sanches (1713, cirurgião e irmão de Ribeiro Sanches); e Jakob von Stählin (1709-1785), alemão, professor de eloquência e membro da Academia de Ciências de São Petersburgo. (Félix Vicq d'Azyr. "Éloge de Sanchèz". *Op. cit.*).

¹¹² ["Essas reflexões, que se ofereciam então ao senhor Sanches, lhe fizeram pressentir a utilidade de um trabalho que ele publicou muito tempo depois sobre a maneira de aperfeiçoar o ensino da medicina, e a partir desse momento ele decidiu deixar Benaventi para viajar pelas cidades da Europa onde as ciências eram melhor cultivadas. Eis aí, portanto, mais uma vez excluído de uma vida doce e feliz. Ele foi para Gênova, de onde partiu para Londres: permaneceu por dois anos."] Félix Vicq d'Azyr. "Éloge de Sanchèz". *Op. cit.* p. 223.

¹¹³ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.* 1911 p. 68.

¹¹⁴ Processo nº. 7410, APUD: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.* p. 314. O irmão de Luiz Nunes Ribeiro a quem nos referimos, Antonio Ribeiro de Paiva, foi pai de Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752 - 1829) e de José Henriques Ferreira (1740-?), ambos correspondentes de Ribeiro Sanches quando este residia em Paris. Trataremos deles adiante.

interrogatório de Manuel Henriques de Lucena (1641-?), avô materno de Sanches¹¹⁵; o processo de Diogo Nunes Ribeiro, já acima citado, e de sua esposa, Grácia Caetana da Veiga¹¹⁶; a denúncia do capitão Henrique de Baulssay de Amsterdã, datada de 25 de abril de 1726, na qual se afirma o envolvimento de Diogo Nunes Ribeiro na fuga da família de Manuel Rodrigues Sarzedas, cristãos-novos, para a Inglaterra¹¹⁷; o processo de Manuel Nunes Sanches, datado de 29 de outubro de 1726, no qual se lê que este esteve com seu primo, António Nunes Ribeiro Sanches, professo na lei de Moisés¹¹⁸; e o interrogatório de Diogo Nunes, primo de Ana Nunes (mãe de Ribeiro Sanches), datado de 7 de setembro de 1729, que confirmaria a presença de Ribeiro Sanches em Londres, juntamente com seu irmão Manuel Sanches, no ano de 1727 — que seria conhecido posteriormente por Marcelo Sanches¹¹⁹.

Dessa forma, ao atentar à cronologia desses documentos, Lemos conclui que, em 1726, a Inquisição aproximava-se de Ribeiro Sanches. Norberto Ferreira da Cunha compartilha da mesma opinião ao afirmar que Antonio Nunes Ribeiro Sanches,

"Receoso, porém, das represálias do Santo Ofício — decorrentes da denúncia de práticas mosaicas de que o acusara o seu primo Manuel Sanches, preso naquele tribunal — e motivado pela convicção profunda de que a lei mosaica era 'a coisa mais santa que havia no mundo', fora da qual não havia salvação, decidiu emigrar para Inglaterra, para se juntar aos seus novos correligionários¹²⁰."

Se o abandono de sua pátria natal deveu-se, portanto, às circunstâncias às quais as comunidades cristãs-novas foram submetidas pelo Tribunal do Santo Ofício, essa fuga também acarretou o contato com outras estruturas sócio-econômicas e, principalmente, com variados aspectos de uma "comunidade científica" em processo de consolidação.

¹¹⁵ Processo n°. 1953. APUD: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*

¹¹⁶ Processos n°. 2367 e n°. 3054, respectivamente. APUD: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*

¹¹⁷ Referido por Lemos como presente no Caderno n°. 96 do Promotor da Inquisição de Lisboa, fl. 163. Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*

¹¹⁸ Processo n°. 8256. APUD: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*

¹¹⁹ Processo n°. 7488. APUD: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*

¹²⁰ Norberto Ferreira da Cunha. "A ideia de tolerância em Ribeiro Sanches". In: _____. *Elites e Acadêmicos na Cultura Portuguesa Setecentista. Op. cit.*, p. 160-161.

2.2: Os anos itinerantes (1726 – 1731)

Ao deixar Portugal, portanto, Ribeiro Sanches instala-se em Londres, onde vive entre a comunidade judaica de portugueses por dois anos e é circuncidado. No entanto, no que concerne à prática da fé de Moisés, o médico cristão-novo logo a coloca em dúvida, como posteriormente atestará em carta de 15 de julho de 1735, redigida em São Petersburgo e endereçada ao já citado poeta Manuel Pacheco de Sampaio Valladares:

"Passado quasi um anno com muita miseria, porque tinha vergonha, comecei a conhecer alguns defeitos da lei que professava, já não podia soffrer os judeus, com aquelle humor e costumes barbaros misturados com os do Norte; quanto mais vivia, mais aprendia a conhecer as faltas que commettiam os judeus: umas vezes me arrepentia, outras me imaginava que seguindo o que dizia a Biblia e rejeitando o Talmud que me podia salvar, outras enfurecido falava e imaginava como deista. Emfim, doido dos pensamentos da salvação e condennação, sahi de Londres¹²¹."

Se, por um lado, os estudos sobre Ribeiro Sanches insistem em afirmar, no âmbito religioso, o descontentamento professado no trecho supracitado, por outro, sua estadia em Londres demarcou o princípio da confecção de sua rede de contatos em nível europeu, assim como sua aproximação com o ambiente de difusão da física experimental na primeira metade do século XVIII.

Foi em meio à comunidade judaica instalada em Londres que, possivelmente, Sanches conheceu o médico Jacob de Castro Sarmiento (1691 - 1762) e o mineralogista Emmanuel Mendez da Costa (1717 - 1791)¹²². O primeiro foi seu intenso correspondente até meados dos anos 1750, mantendo-o informado das novas publicações que surgiam em terras inglesas e enviando-o livros constantemente. Teria sido ainda por intermédio de Castro Sarmiento que Ribeiro Sanches pôde, em 1747, oferecer aos missionários jesuítas em Pequim dois instrumentos (um transitório e um instrumento de eletricidade) para seu observatório, ambos produzidos sob a supervisão

¹²¹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches "Carta a Manuel Pacheco Sampaio Valladares, de São Petersburgo, 15 de julho de 1735" — Mss. da Biblioteca de Évora. APUD: Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 79.

¹²² Quanto à relação de Sanches com o mineralogista Mendes da Costa há somente uma menção em: Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 255.

de John Bevis (1695 - 1771), médico e astrônomo inglês, e de Peter Collinson (1694 - 1768), botânico e especialista em experimentos com eletricidade¹²³.

Fora ainda durante este período que o médico beirão assistiu às aulas de matemática de James Stirling (1692 - 1770)¹²⁴, estudou medicina na Universidade de Edimburgo e observou o funcionamento da bomba de Boyle¹²⁵. Mesmo após sua saída, no ano de 1728, a Inglaterra continuará um dos principais pólos de correspondentes de Ribeiro Sanches. Como já foi dito, as trocas epistolares mantidas com Jacob de Castro Sarmiento durarão até os anos 1750, quando Ribeiro Sanches, após ter passado 17 anos na Rússia (1731 - 1747), já se encontrava em Paris¹²⁶. Além disso, na Inglaterra, Ribeiro Sanches manteve contato com Peter Collinson¹²⁷, com John Pringle (1707 - 1782)¹²⁸ e com João Jacinto de Magalhães (1722 - 1790)¹²⁹.

Em 1728, segundo o que afirma Andry, Antonio Nunes visitou a universidade de Montpellier¹³⁰ e, em seguida, demorou-se em Marselha, onde conheceu o médico Jean Baptiste Bertrand (1670 - 1752) que, segundo Sanches em sua *Dissertation sur l'origine de la maladie venèrienne* "(...) foi o primeiro que me excitou a ir ouvir o grande Boerhaave, mostrando-me um dia os seus aforismos e aconselhando-me insistentemente que fosse aprender esta doutrina, respeito a sua memória com o mais vivo reconhecimento¹³¹". No entanto, segundo Lemos, não há menção a sua passagem por Marselha na carta que escreveu para Manuel Pacheco de Sampaio Valladares (15 de julho de 1735), e sim referências a um período passado em Bordeaux, onde chegou

¹²³ Arthur Viegas "Ribeiro Sanches e os Jesuítas". *Op. cit.*, p. 261.

¹²⁴ Diogo Barbosa Machado. *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica e Chronologica, na qual se comprehende a notícia dos authores portuguezes, e das obras, que compozerão desde o tempo da Ley da Graça até o tempo presente*. *Op. cit.*, p. 57.

¹²⁵ "Saí fora de Portugal e com uma vista de olhos, pela primeira vez que vi a Pompa de Boyle em Londres capacitei-me, o que não pude alcançar por todas as descrições, nem figuras, nem explicações". Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Carta a Joaquim Pedro de Abreu* (26 de março de 1760). Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, p. 3. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/carta_joaquim_abreu.pdf Acessado em: 15 fev. 2009.

¹²⁶ Segundo Lemos, por volta da década de 1750 Sanches foi nomeado, provavelmente por intervenção de Sarmiento, membro da Royal Society de Londres. Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*, *Op. cit.*, p. 144.

¹²⁷ Ribeiro Sanches, quando da sua estadia na Rússia, enviou para Collinson, por volta de 1744, sementes provenientes de Pequim. Georges Dulac, "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 255.

¹²⁸ Ana Cristina Araújo. "Medicina e Utopia em Ribeiro Sanches". *Op. cit.*, p. 51 - 52

¹²⁹ Médico português originário de Aveiro e que se instala em Londres no ano de 1764, de onde informará Ribeiro Sanches das publicações lançadas na Inglaterra.

¹³⁰ Charles Louis François Andry. "Précis Historique sur la vie de M. Sanchès". *Op. cit.*, p. 9. A essa passagem por Montpellier, Vicq d'Azyr afirma em seu elogio que Sanches passara por Paris nesse período.

¹³¹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Dissertation sur l'origine de la maladie venèrienne*. Leiden, 1778. APUD: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*, *Op. cit.* 1911, p. 81.

acompanhado por seu irmão (Marcello Sanches). Lá, Ribeiro Sanches teria encontrado auxílio na família de um antigo discípulo seu, proveniente de Londres e descendente de Simão Peres Sólis¹³².

Após suas paragens na França, Ribeiro Sanches instalou-se em Livorno. Por essa ocasião, conheceu o padre João Alberto Soria (1707 - 1767) nas suas visitas à Universidade de Pisa. Sobre ele, o médico beirão diz:

"Como amava as mathematicas e eu sabia dellas alguma cousa começamos a ter amizade; elle era agradável por extremo e igualmente douto fallou-me de religião e pelo que eu lhe respondia me disse que eu ou era nascido christão ou que aprendera com christão. Tudo eu lhe negava. Dizia-me que os judeus que não se sabiam defender assim e que eu sabia cousas que elles não podiam saber. Enfim, depois de muitas disputas sem odio nem gritos, depois de ver e ler muitos textos comecei a titubear e por fim a Deus graças a deixar a antiga crença¹³³."

Ainda em Livorno, Ribeiro Sanches teria observado o funcionamento do porto franco dessa cidade, o que serviu de base para a redação do texto *Avantagem que resultaria de hum porto franco na foz do Tejo desde Sacavem até Cascaes, edificado ou de hua, ou de outra parte do Rio ou Barra* (1778)¹³⁴.

De volta a Bordeaux, no inverno de 1729, Antonio Nunes voltou a receber auxílio da família de seu antigo discípulo de Londres. Segundo Lemos:

"Resolveu ella que o rapaz fôsse estudar medicina a Leyde e que Sanches o acompanhasse. Era não só assegurar-lhe a existencia por algum tempo, mas satisfazer-lhe o desejo de ouvir o grande mestre que enchia toda a Europa com o seu nome. O irmão voltaria para Londres onde ficaria amparado pelos parentes. Partiram ambos para a Inglaterra, onde esta combinação encontrou dificuldades. Por fim, Sanches conseguiu que o irmão fôsse para Paris estudar

¹³² "Simão Peres Solis foi queimado vivo em 3 de fevereiro de 1631, depois de lhe terem sido cortadas as mãos, como auctor do roubo sacrilego da Igreja de Santa Engracia. Solis era christão novo e julga-se que estava innocente do crime que lhe era imputado, sendo victima dos zelos do juiz que o condemnou, o auctor da *Ulysseia*, Gabriel Pereira de Castro"; Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*, *Op. cit.* 1911, p. 74.

¹³³ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. "Carta a Manuel Pacheco Sampaio Valladares, de São Petersburgo, 15 de julho de 1735" — Mss. da Biblioteca de Évora. APUD: Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 82.

¹³⁴ Esse manuscrito faz parte do fundo Barca-Oliveira, hoje localizado na Biblioteca Pública de Braga (MS. 640). O mesmo texto foi publicado em: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. *Op. cit.*, p. 99 - 106.

cirurgia 'por favor e outras razões mais' e elle seguiu com o discípulo para Leyde¹³⁵."

Para Maximiano Lemos, o discípulo de Sanches, permaneceu desconhecido. No entanto, David Willemse tenta uma identificação. Segundo ele, a análise do registro de matrículas da Universidade de Leiden não nos deixa dúvida: em 12 de abril de 1731 matriculou-se no curso de medicina, juntamente com o médico beirão, um estudante de vinte anos, registrado como Phillipus de la Cour. Ainda de acordo com Willemse, João Jacinto de Magalhães mencionou com frequência, em suas cartas destinadas a Sanches, novidades sobre o doutor *De la Cour*¹³⁶.

Uma vez em Leiden — onde vive de 1730 a 1731 — Ribeiro Sanches assistiu aos cursos de Pieter Burmann, o velho (1668 - 1741)¹³⁷, Bernard Siegfried Albinus (1697 - 1770)¹³⁸, Gerard van Swieten (1770 - 1772), Hyeronimus David Gaubius (1705 - 1780) e Herman Boerhaave (1668 - 1738). Este último será para Sanches o maior exemplo de professor, médico e reformador do ensino da medicina. Sobre o impacto de seu tutor sobre si, o médico beirão afirma:

"Eu me lembro que antes que ouvisse o grande Boerhaave, o último Livro de Medicina que estudava, sempre me parecia o melhor, e seguia os seus ditames, e prática Médica; de tal modo, que dentro de um ano a mudava tantas vezes, quantos tinham sido os autores que tinha lido naquele tempo, sendo a causa que não julgava do que lia: descansava o juízo no alheio, e nisto consistia então o meu raciocínio. Não obstante que tinha aprendido a Filosofia escolástica em Coimbra e Salamanca, não obstante que tinha estudado a Medicina com algum louvor dos meus Mestres, não tinha adquirido aquela Lógica ou raciocínio, que sabe discernir o falso do verdadeiro, o certo do duvidoso: sendo a causa que de meus Mestres nunca ouvi, nem aprendi até aquele tempo, tal modo de governar o entendimento. Cheguei a ouvir Boerhaave por dois anos, e dele aprendi esta Lógica, e aquele limitado método que possuo para me determinar a fugir ao erro e a abraçar a verdade¹³⁹."

¹³⁵ Maximiano Lemos. *Op. cit.*, 1911, p. 84.

¹³⁶ David Willemse. *Antônio Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie. Op. cit.*, p. 64.

¹³⁷ Professor de história em Utrecht e depois titular de eloquência em Leiden, publicou diversos clássicos latinos. Segundo a biografia de Andry, as obras de Burmann figuravam entre as preferidas de Sanches. Charles Louis François Andry. "Précis Historique sur la vie de M. Sanchès". *Op. cit.* p. 24.

¹³⁸ Albinus, discípulo de Boerhaave, fora professor de Anatomia em Leiden a partir de 1720.

¹³⁹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches, *Método para aprender e estudar a Medicina*. In: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Obras*, vol 1. *Op. cit.*, p. 1 - 100.

A devoção que despendia ao seu tutor foi perceptível também quanto à coleção de manuscritos de Boerhaave mantida por ele e obtida a partir do contato com Jacob Kaau Boerhaave, Abraão Kaau Boerhaave (ambos sobrinhos do professor holandês) e Kruse, médico do imperador Pedro III e genro de Herman Kaau, sobrinho do grande Boerhaave, e que se tornou detentor de alguns manuscritos a partir de seu casamento¹⁴⁰.

Para além da influência pessoal sobre Ribeiro Sanches, os textos de Boerhaave não só formaram a base sobre a qual o *Método para Aprender e Ensinar a Medicina* (1763) foi composto, como também figuraram entre as principais obras a serem introduzidas no curso de Coimbra, a exemplo de seus *Aforismos* (1709) e *Instituições de Medicina* (1708). Ribeiro Sanches louva a iniciativa do professor holandês de fundar o ensino médico sobre princípios demonstráveis, ou seja, sobre o paradigma da física experimental, associando o ensino teórico ao prático.

Hyeronimus David Gaubius e Gerard van Swieten, professores de química e farmácia respectivamente, tornaram-se, após o contato com Sanches nos anos em que este esteve em Leiden, parte importante da rede de contatos que o médico beirão manteve durante sua vida. De acordo com Dulac, este período da vida de Antonio Nunes foi crucial para o estabelecimento de duas de suas redes mais importantes. Segundo o autor, a relação com Gaubius surpreende pela variedade de assuntos tratados em suas missivas, transcendendo as fronteiras do exercício médico:

"(...) par exemple quand Sanches, en 1768, envoie un jeune Portugais, Felix Antonio Castrioto, suivre l'enseignement de Gaubius, puis lui demande de faciliter son engagement au service de la Russie (ce qui d'ailleurs ne se fera pas, le candidat ayant finalement révélé d'autres intentions); ou lorsque Gaubius évoque en 1776 une séance d'expérimentation à laquelle il a participé avec deux autres amis de Sanches, le Prince D. A. Golicyn et Magellan, dans le laboratoire du prince, à La Haye¹⁴¹."

¹⁴⁰ Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*, 1911. p. 95

¹⁴¹ ["(...) por exemplo quando Sanches, em 1768, envia um jovem português, Felix Antonio Castrioto, seguir os ensinamentos de Gaubius, depois lhe pede para facilitar seu compromisso com o serviço da Rússia (coisa que na verdade não acontece, o candidato tendo finalmente revelado outras intenções); ou quando Gaubius evoca em 1776 uma sessão experimental na qual ele participou com dois outros amigos de Sanches, o príncipe D. A. Golicyn e Magellan, no laboratório do príncipe, em La Haya."] Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. Cit.*, p. 257-258.

Assim como Gaubius, Gerard van Swieten¹⁴² foi um constante correspondente de Sanches. Em suas epístolas figuraram os mais diversos temas: o problema de recrutamento de médicos para a Rússia; a transferência de manuscritos de Boerhaave; a denominação de van Swieten ao cargo de médico da imperatriz da Áustria, Maria Teresa, em 1745; as ideias de Ribeiro Sanches sobre a importância da história e das humanidades na formação universitária; o lugar crescente da língua francesa nas trocas científicas; ou ainda as experiências e teorias de Réaumur, Needham, de Buffon ou de Franklin¹⁴³. O médico beirão se correspondeu também com Albrecht von Haller (1708 - 1777), discípulo de Boerhaave e professor da Universidade de Gottingen a partir de 1734. Ao contrário das correspondências com Gaubius e van Swieten, que duraram por longo período de tempo, alcançando fins da década de 1770, a relação com von Haller será interrompida de forma brusca em finais da década de 1740. De acordo com Dulac, *"Plus intéressante encore est la réaction de J.-G. Gmelin, lorsque Sanches lui confie qu'il craint que A. von Haller n'ait décidé de rompre avec lui après avoir appris son origine juive"*¹⁴⁴.

Em Leiden, Ribeiro Sanches ainda manteve contato com D. Luís da Cunha (1662 - 1749). Afirma o médico cristão-novo que, já nessa época, apresentou ao embaixador português, em Haia, um plano para a reforma do ensino de medicina em Portugal¹⁴⁵. Esse plano fora entregue ao Cardeal da Mota em setembro de 1730, mas somente fora divulgado em Portugal a partir da cópia enviada por Sanches em 1735 a Manuel Pacheco Sampaio de Valadares. Sua relação com o diplomata português permitiu-lhe ainda opinar quanto aos livros que deveriam constituir a Biblioteca da Universidade de Coimbra¹⁴⁶. O médico beirão veio a se encontrar com D. Luís da Cunha, novamente, quando se instalou em Paris no ano de 1747. Lá, pôde ler o

¹⁴² Gerard van Swieten encabeçou, a partir de 1759, o comitê austríaco de censura, opondo-se aos autores enciclopedistas e suas teses.

¹⁴³ Georges Dulac, "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. Cit.*, p. 258. Quanto a Benjamin Franklin, Sanches possui em sua biblioteca uma edição do *Experiments and Observations on Electricity*, impressa em Londres em 1769.

¹⁴⁴ ["Mais interessante ainda é a reação de J.-G. Gmelin, quando Sanches lhe confia que ele acredita que A. von Haller não tinha decidido romper com ele após saber de sua origem judaica."] Georges Dulac. "Deux réseaux au service de l'académie des sciences de saint-petersbourg: autour de Ribeiro Sanches et de Johann Albrecht Euler". In: *Dix-huitième siècle: revue annuelle*. n°. 40, 2008, p. 204.

¹⁴⁵ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. Cit.*, p. 101.

¹⁴⁶ José Sebastião da Silva Dias. "Portugal e a Cultura Europeia". *Op. cit.*, p. 370 - 376

manuscrito do *Testamento político* e tentou acudir o embaixador no dia 9 de outubro de 1749, dia da morte de D. Luís¹⁴⁷.

2.3: Os anos na Rússia (1731 – 1747)

Em 1731, a imperatriz russa Anna Ivanovna (1693 - 1740) pediu a Boerhaave que lhe enviasse três médicos de sua confiança para servirem ao Império Russo. Em 3 de julho de 1731, Ribeiro Sanches assinou, diante do notário Schabaaljie, o contrato de serviço como médico na Rússia, onde entrou em outubro de 1731 "Munido de uma de carta recomendação de Boerhaave e sob a proteção do príncipe Kurakine, que fora embaixador da Rússia na Haia, e a quem D. Luís da Cunha, nosso embaixador na mesma cidade, a pedira (...)." ¹⁴⁸

Instalado primeiramente em Moscou, Antonio Nunes desempenhou o cargo — segundo ele mesmo afirma em carta a Pacheco Valladares (escrita dessa mesma cidade em 18 de janeiro de 1733) — de "médico do senado e cidade", recebendo pelo seu cumprimento a quantia de 500 mil réis por ano, além dos honorários da prática livre da medicina. Ao todo, unindo a prática obrigatória e a livre da profissão médica, recebia três mil cruzados por ano, monta que mal pagavam as despesas impostas por seu cargo. Nesses primeiros anos, Sanches foi auxiliado por Nicolaus Bidloo, que foi primeiro médico de Pedro, o Grande, e que exercia a medicina particular após a morte do imperador, em 1725.

Após quase três anos nesse cargo, Ribeiro Sanches foi promovido a médico do exército russo, mudando-se de Moscou para São Petersburgo. Teria sido nesse período que o médico beirão iniciou suas relações com a Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo (inaugurada em 1724). A princípio, a instituição tinha, majoritariamente, membros provenientes dos estados germânicos e seguia o modelo preconizado por Leibniz (1646 - 1716) e seu discípulo Christian Wolff (1679 - 1754)¹⁴⁹. De acordo com Jonathan Israel, o desenvolvimento da academia imperial na primeira metade do século XVIII foi marcado pela tensão entre o bloco ligado aos preceitos de Wolff e o grupo que se vinculava ao paradigma newtoniano — particularmente entre Georg Bernhard

¹⁴⁷ *Idem*, p. 167. Lemos apóia-se em minuta do ofício de Gonçalo Manuel de Galvão de Lacerda, existente no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros e publicada na página 341 da obra citada.

¹⁴⁸ Rômulo de Carvalho. *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII. Op. cit.*, p. 21.

¹⁴⁹ Jonathan Israel. *Enlightenment Contested: Philosophy, Modernity and the Emancipation of Man 1670-1752*. New York: Oxford University Press, 2008, p. 310. Na sessão inaugural da dita academia participaram 16 acadêmicos recentemente apontados, dos quais 13 eram alemães, e nenhum russo.

Bilfinger (1693 - 1750), discípulo de Wolff, e Leonhard Paul Euler (1707 - 1783), matemático protestante de origem suíça. Teria sido somente na década de 1750 que a influência intelectual e cultural francesa começou a adentrar a Rússia. Ainda segundo Israel,

"Prior to 1740, one of the few Petersburg academicians known to have been systematically reading Enlightenment authors in French was a Portuguese of New Christian extraction, Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699 - 1783), later known for his Dissertation on venereal disease which appeared at Paris in 1750¹⁵⁰."

É difícil precisar se Ribeiro Sanches foi nomeado membro da Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo durante o período citado por Israel. O único cargo que temos certeza que ele desempenhou nesta instituição foi o de membro correspondente, que lhe foi legado quando da sua saída da Rússia em 1747, e que ele exerceu em Paris até 26 de Novembro de 1748, quando o título, e a pensão de 200 rublos a este vinculada, lhe foi retirado a mando da imperatriz Elisabeth Petrovna (1709 - 1762)¹⁵¹.

No entanto, a proximidade que o médico beirão manteve com a instituição forjada por Pedro, o Grande, rendeu-lhe a ampliação de sua gama de contatos de maneira considerável. Em 1732, Ribeiro Sanches conhece Leonhard Euler (1707 - 1783), com quem se corresponde com frequência e para quem, em 1740, explica a aritmética política de William Petty (1623 - 1687). O médico cristão-novo ainda o visitaria em Berlim no ano de 1747 e manteria correspondência com Johann Albrecht Euler (1734 - 1800), filho de Leonhard, que assumiu o cargo de secretário de conferências da Academia Imperial de São Petersburgo em 1769 e tornou-se encarregado das correspondências da instituição¹⁵².

O médico português também manteve relações amigáveis com Johann Georg Gmelin (1709 - 1755), naturalista e médico alemão, quando de seu retorno da segunda expedição ao Kamtchatka, organizada por Vitus Bering (1680 - 1741) e que durou dez

¹⁵⁰ ["Antes de 1740, um dos poucos acadêmicos de Petersburgo que se sabe ter sistematicamente lido autores Iluministas em francês foi o Português de ascendência Cristã-nova, Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699 - 1783), posteriormente conhecido por sua Dissertação sobre doença venérea que apareceu em Paris em 1750".] *Idem*, p. 312.

¹⁵¹ No entanto, com a ascensão de Catarina II ao trono em 1762, Sanches tem seu título restituído e acompanhado de uma pensão de 1000 rublos anuais. Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*

¹⁵² Georges Dulac. "Deux réseaux au service de l'académie des sciences de saint-petersbourg: autour de Ribeiro Sanches et de Johann Albrecht Euler". *Op. cit.*, p.193-210.

anos (1733 - 1743). Segundo Dulac: "*Sanches échange avec lui divers services et quelques confidences, Gmelin para exemple s'occupant en son absence de ses commandes de livres tandis que le médecin de l'imperatrice lui propose son aide par sa correspondance avec les jésuites de Pékin*"¹⁵³.

Por volta de 1740, Ribeiro Sanches teria se comunicado ainda com Jean Jacques Dourtaus de Mairans (1678 - 1771), secretário perpétuo da Academia de Ciências de Paris. Segundo Lemos, esse contato rendeu ao médico beirão o título de membro correspondente da academia parisiense¹⁵⁴.

A influência de Ribeiro Sanches cresce gradativamente em relação à academia de São Petersburgo, alcançando seu ápice quando de sua nomeação ao cargo de médico da corte, em 1740¹⁵⁵. Neste momento, segundo Dulac, o médico português via-se em condição de se comportar como protetor de alguns acadêmicos e, inclusive, da própria academia¹⁵⁶.

Ainda quanto à sua relação com a instituição idealizada por Pedro, o Grande, Sanches demonstra o interesse — na carta endereçada a Manuel Pacheco de Sampaio Valladares (escrita em São Petersburgo, no dia 15 de julho de 1735) — de estabelecer relações entre a Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo e a Academia Real de História de Lisboa (1720). A pedido de Sanches, o presidente da Academia de São Petersburgo, Johann Albrecht von Korf, e o secretário da mesma instituição, o matemático alemão Christian Goldbach, comprometeram-se com o envio à academia lisbonense das obras impressas pela Academia Imperial de Ciências de São

¹⁵³ ["Sanches troca com ele diversos serviços e algumas confidências, Gmelin, por exemplo, se ocupava durante sua ausência das suas encomendas de livros enquanto que o médico da imperatriz lhe propunha ajuda para sua correspondência com os jesuítas de Pequim."] Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. Cit.*, p. 259.

¹⁵⁴ Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 125 - 126. Ainda sobre os contatos mantidos por Sanches na Rússia, Lemos identifica: Justus Gottfried Günz (1714 - 1752), alemão, professor de cirurgia e anatomia em Leipzig; Johann Friedrich Schreiber (1705 - 1760), alemão, professor de anatomia e cirurgia de São Petersburgo e discípulo de Boerhaave; Johann Conrad Amman (1707 - 1741), foi discípulo de Boerhaave, auxiliar de Hans Sloane (1660 - 1753) em sua coleção de história natural e professor de botânica e história natural em São Petersburgo;

¹⁵⁵ Como médico da corte, Ribeiro Sanches passa a receber a soma de 2000 rublos, além de moradia, alimentação, carruagem, etc., tudo avaliado em 500 rublos. In: Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.* p. 129.

¹⁵⁶ "(...) Il est en mesure de se comporter en protecteur de certains académiciens (en soutenant par exemple, en 1743, les demandes d'augmentation de salaire de Gerhard Friedrich Müller et de Johann Georg Gmelin), et de l'Académie elle-même, alors privée pratiquement de direction et dans une situation qu'il juge déplorable". ["(...) Ele está à altura de atuar como protetor de alguns acadêmicos (apoando, por exemplo, em 1743, os pedidos de aumento de salário de Gerhard Friedrich Müller e de Johann Georg Gmelin), e da própria Academia, então praticamente privada de direção e numa situação que ele julga deplorável."] Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, 2002, p. 259.

Petersburgo, que consistiam em dez ou doze volumes das memórias produzidas nessa mesma academia e que versavam sobre matemática, botânica, antigüidades de língua chinesa, etc. Os livros chegaram realmente às mãos dos acadêmicos portugueses no ano de 1736¹⁵⁷.

A partir de 1734, o médico beirão passou a se corresponder, por intermédio da caravana russa dirigida por Lorentz Lang, com os jesuítas da missão de Pequim. Segundo Georges Dulac, quando Sanches começou a frequentar o ambiente científico de São Petersburgo, a Academia Imperial acabara de firmar relações com os missionários na China por iniciativa de Gottlieb Siegfried Bayer (1694 - 1738), professor de línguas e história orientais e, sobretudo, sinólogo, e de Joseph Nicolas Delisle (1688 - 1768), astrônomo francês, fundador da escola de astronomia da Rússia¹⁵⁸. Dessa maneira, Sanches manteve contato com o padre André Pereira (1689 - 1743), mandarim e vice-presidente do tribunal de matemáticas chinês, e com o padre Polycarpo de Souza, a quem acima já mencionamos, além de se corresponder com o padre Augustin von Hallerstein (1703 - 1774), presidente do tribunal de astronomia e matemática do império chinês.

O conteúdo dessas correspondências demonstra-se bastante variável e só nos foi possível analisar as cartas recebidas por Sanches que se mantêm na coleção de manuscritos presente em Madrid¹⁵⁹. Em carta de 30 de dezembro de 1736 — escrita em resposta a uma missiva de Antonio Nunes em 12 de setembro de 1734 — o padre André Pereira comunicará ao médico português a situação da missão jesuíta em Pequim, enumerando os missionários portugueses que Sanches poderia ter encontrado em Coimbra quando estudou no Colégio das Artes. Além de mencionar os padres lusitanos, dentre os quais atesta a presença de Polycarpo de Souza (de quem o médico beirão já teve notícia através do próprio encarregado pela caravana, Lorentz Lang), Pereira agradece os livros enviados pelo amigo nas seguintes palavras:

"*Interim* dou a V. M. *affectuozíssimas* graças pelo mimo dos livros, de que me fez merce e muyto estimey. O catalogo está optimo, e tem alguns livros novos, de que eu aqui não tinha noticia. Ainda que ja vi o Gregorio — Astronomia Physica, e Geometria, toda vida não o temos aqui e he mais

¹⁵⁷ Rômulo de Carvalho. *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII*. *Op. cit.*, p. 24-25.

¹⁵⁸ Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 260.

¹⁵⁹ Essas cartas foram publicadas nos seguintes artigos: Arthur Viegas "Ribeiro Sanches e os Jesuítas". *Op. cit.*; Arthur Viegas. "Ribeiro Sanches e o Pe. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pequim". *Op. cit.*

estimada a ultima edição que se fes em Genova no anno 1726. O Wolfio aqui o temos¹⁶⁰."

Além do envio de livros, Ribeiro Sanches recebe dos missionários de Pequim não somente notícias de "mezinhas da China", como também exemplares de plantas e "medicamentos" comumente utilizados pelos chineses, ou provenientes de outras missões do Oriente. Em carta de 10 de maio de 1737, por exemplo, o mesmo padre, André Pereira, informa o conteúdo de um "cayxotinho" que envia ao médico português através da caravana de Lang:

"Pelo senhor Lang mando a V. M. hum cayxotinho com 3 onças de pedras cordeaes, a que chamão pedras de Gaspar Antonio, e se fazem na nossa botica de Goa, e são celebres pelos seus admiraveis effeytos, cujo regimento aqui mando; item algumas Favas q. chamão de S. Ignacio ou Pipitas, q. servem para muytas enfermidades, como V. M. verá no seu regimento, q. tambem aqui mando; item um vazo de Triaga bem conhecida, e poderá ter ahi uzo; item mando algumas pirolas purgativas, e de si inocentes. Tambem vay hum pouco de cachunde, q. V.M. conhecerá, e serve especialmente para quem tem o estamago debil, e fraco, ou para quando o estamago não faz cozimento, tomando na boca alguns granitos delle, deyxando-o desafazer na boca, e engulindo-o. Item mando um poucaxito da raiz gin sen p^a V.M. ver¹⁶¹."

Ainda do punho de André Pereira, Sanches receberá uma missiva de 23 de abril de 1742 na qual, além do comércio de livros europeus e produtos do Oriente, se lê a notícia da passagem de um cometa, no começo do mês de março de 1742. Sob o pretexto desse fenômeno astronômico, Ribeiro Sanches recebeu de seu correspondente um "mapa sinico destrellas, em que vay apontado o curso do ditto cometa", sobre o qual Pereira aconselha comunicar à Academia Imperial, como atesta a carta:

"Esta observação do cometa poderá V. M., se lhe parecer, comunicar a os Senhores da Academia dos quaes não recebemos por esta caravana nem carta nem livro algum, e porisso não nos attrevemos a escrever a os ditos Senhoras da Academia, porque como não sabemos a causa porq nos não fizerão a honra de nos escrever, como dantes fizerão, fortasse lhes não seja grata esta nossa respondencia¹⁶²."

¹⁶⁰ Arthur Viegas. "Ribeiro Sanches e os Jesuítas". *Op. cit.*, p. 262.

¹⁶¹ *Idem*, p. 266.

¹⁶² *Ibidem*, p. 269.

Nesse período, Dulac nota que, devido à lentidão e aos obstáculos presentes na administração da Academia Imperial em relação ao envio de correspondências à China, Ribeiro Sanches ocupa a posição de principal intermediário entre os acadêmicos e a missão de Pequim — como exemplo, podemos citar o pedido de Gmelin ao médico português, em carta de 19 de abril de 1744, concernente ao fornecimento de sementes chinesas¹⁶³. Dessa maneira, o cometa visto pelos missionários foi comunicado à Academia em sessão de 1 de julho de 1743, constando nos *Procès-Verbaux de l'Academie des Sciences* com o seguinte título: *Quas Cl[arissimus] Sanches cum Academia communicaverat Observationes Cometae 1742 Pekini a R. P. S. J. And. Pereyra institutas, hodie in Congressu productae et eorum copia postea in scriniis Academicis reposita fuit*¹⁶⁴.

Nas cartas de Polycarpo de Souza, características pela mesma intimidade apresentada pela correspondência de André Pereira, são também recorrentes as notícias de medicamentos, assim como o comércio de livros e de produtos naturais da China. No entanto, vemos em epístola de 1º de maio de 1742, o envio de notícias sobre a sífilis dentre os chineses nas quais se afirma que "De tempo imemoravel se conhece o galico nestas partes; porque alguns livros de medicina antigos tratão delle¹⁶⁵";. Essa informação corrobora a tese que Ribeiro Sanches veio a defender em sua *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* (Paris, 1750), na qual afirma que a sífilis não fora trazida da América por Colombo, pois já era conhecida na Europa anteriormente às viagens de descobrimento.

Além disso, encontramos também nas missivas do Bispo de Pequim conselhos à Sanches quanto a um possível retorno a Portugal e a intenção dos jesuítas de estabelecer uma missão em Moscou¹⁶⁶, assim como considerações sobre o comércio

¹⁶³ Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)" *Op. cit.*, p. 260.

¹⁶⁴ Arthur Viegas. "Ribeiro Sanches e os Jesuítas". *Op. cit.*, p. 270.

¹⁶⁵ Arthur Viegas. "Ribeiro Sanches e o Pe. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pequim". *Op. cit.*, p. 249.

¹⁶⁶ Em carta de 18 de junho de 1746, lê-se: "Mais: a voltar V. Mce para a patria, ou ha de viver entre Grandes na corte ou entre os parentes em Penamacor Se entre Grandes, não se livrará de alguns imprudentes remoques, trabalhosos de ouvir a quem vive com estimação; espinhos que não achará de Moscovia. Se entre seus parentes e patricios, ou hade tratar-se tão pobre e ordinariamente como elles, ou não! Se não; mas com a destinação que merecem as suas prendas, que materia mais apta para a inveja, unica causa porque sei que muitos e muitos inocentes forão levados áquelle rigoroso tribunal, e catasropje do adro de S. Miguel." Nesta mesma missiva ainda encontramos, quanto às pretensões jesuítas, o seguinte trecho: "O negocio em que assim disse fallaria mais abaixo: He que, visto V. Mce. estar em tal lugar, e com tal entrada, estimava que tentasse o vao, a ver se he factivel que essa S.^a admitta em Moscua hua Residencia da Comp.^a com dous P.es Portugueses, que por tais não serão suspeitosos." Arthur Viegas. "Ribeiro Sanches e o Pe. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pequim". *Op. cit.*, 1921, p. 257-259.

português com a China e a correspondência entre os missionários e outras nações europeias¹⁶⁷.

Convém notar que, para além da comunidade científica e dos padres jesuítas na China (contatos com os quais os interesses eram marcados pela lógica interna da "República das Letras", ou seja, baseados na difusão de informações e na discussão sobre os novos modelos científicos que se estabeleciam na Europa), Ribeiro Sanches mantivera contato frequente com a aristocracia administrativa do Império Russo. Segundo Dulac:

*"Il convient de noter tout d'abord le très grand prestige dont il a joui comme médecin de la cour: déjà bien établie à l'avènement de l'imperatrice Elisabeth en 1740, sa réputation sera encore rehaussée en 1744 lorsque la grand-duchesse Catherine lui devra son salut. Aussi ne faut-il pas s'étonner que la plupart des grands seigneurs russe séjournant à Paris aient recouru à ses services, comme en témoignent abondamment ses agendas, et qu'on lui ait fréquemment demandé des consultations à distance"*¹⁶⁸

O período que Ribeiro Sanches passara na Rússia, no entanto, não fora somente importante para a constituição de sua rede de correspondências. Durante o governo de Ana Ivanovna, em 1735, reacendeu-se a guerra entre os russos e a Turquia. A campanha da Criméia serviria, para o então médico do exército russo, como meio de aquisição de informações valiosas para seus futuros escritos. Fora durante a guerra que o médico português entrou em contato com os banhos de vapor russos, sobre os quais versaria o último escrito que deixará em vida: a *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie*, apresentada no dia 5 de outubro de 1779 em sessão da Sociedade Real de

¹⁶⁷ Em carta de 15 de outubro de 1750, que Sanches já recebe em Paris e à qual não deu resposta, lê-se: "A comp.^a Portuguesa ha 4 annos que se desfes, porque havia mais lucro nas fazendas do Brasil que nas drogas da China, especialmente pela maior brevidade com que cada um dos intereçados sabe quanto lucrou: pois charões, chavanas e cha como só são para os ricos, tem succedido, que em 3 annos se não acabou de vender a carregação de hua so nau. E o ouro, diamantes, assucar, solla, tabaco e fina madeira que vai do Brasil, como são cousas que athe o povo uza, o mesmo he chegar a Portugal, que acharem logo compradores, assim como eu tãobem vi no Rio de Janeiro aonde arribei, que succdeu aos viveres, e mais cousas que levarão sinco navios do porto, os quais brevemente venderão tudo, e voltarão carregados para Portugal. *Additur* que para a China so se tras prata, com damno de toda a Europa e para o Brasil athe se levão legumes, cousas que as nossas terras dão, sem o perigo de perder: antes no azeite, vellas, farinha, presuntos e vinho he que lá se lucra mais. Se as mais nações tivessem a navegação franca para o Brasil, bem me persuado eu, que poucos navios virião a Cantão". *Idem*, p. 262.

¹⁶⁸ ["Convém notar, antes de tudo, o enorme prestígio do qual goza como médico da corte: já bem estabelecido no advento da imperatriz Elisabete em 1740, sua reputação será ainda maior em 1744 quando a grã-duquesa Catarina lhe deverá sua salvação. Assim, não é de surpreender que a maioria dos grandes senhores russos instalados em Paris tenham recorrido aos seus serviços, como pode testemunhar amplamente sua agenda, e que tenham frequentemente solicitado consultas à distância."] Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p.261.

Medicina de Paris¹⁶⁹. O que Ribeiro Sanches viu durante o cerco de Azov, em 1736, também se transformou em matéria para seu *Tratado da conservação da saúde dos povos*, publicado na capital francesa em 1756. Segundo Sanches, a maneira como os soldados feridos e doentes eram amontoados permitia a putrefação do ar e, portanto, o contágio de militares sãos ou a morte rápida daqueles que ainda podiam se salvar. Além disso, o deslocamento das tropas em direção à Criméia permitira que Sanches travasse conhecimento dos povos tártaros, sobre os quais ele acumula informações que farão, mais tarde, parte da *Histoire Naturelle* de Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707 - 1788)¹⁷⁰.

Após seu retorno a São Petersburgo, Ribeiro Sanches foi nomeado, em 1737, médico do Corpo de Cadetes. Segundo Romulo de Carvalho, a atividade médica desenvolvida por Ribeiro Sanches no Colégio dos Nobres de Petersburgo permitiu-lhe apreender com os procedimentos internos à essa instituição, desenvolvendo sobre sua observação uma doutrina pedagógica que procurou difundir em Portugal. Como exemplo, poderíamos citar a relação patente de seu projeto de educação da fidalguia — presente nas *Cartas sobre a educação da Mocidade* e baseado na experiência do Corpo de Cadetes — com o estabelecimento, por iniciativa régia, do Colégio dos Nobres de Lisboa, cujos estatutos datam de 1761. Da mesma forma, a função que Ribeiro Sanches desempenhou no hospital dessa instituição russa serviu-lhe como base para pensar a reforma dos estudos médico portugueses. Sobre este tema, vemos como em seu *Método para Aprender e Estudar a Medicina* (impresso em 1763) o médico português demonstra o método que acredita ser o melhor para a organização e o funcionamento de

¹⁶⁹ Romulo de Carvalho. *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII. Op. Cit.* p. 29.

¹⁷⁰ No capítulo "Variété dans l'espèce humaine", lê-se "(...) il y a même parmi ces Tartares un peuple entier dont les hommes & les Femmes son d'une beauté singulière, ce sont les Kabardinski. M. Sanchez dit en avoir rencontré 300 à cheval qui venoient au service de la Russie, & il assure qu'il n'a jamais vû de plus beaux hommes, & d'une figure plus noble & plus mâle, ils ont le visage beau, frais & vermeil, les yeaux grands, vifs & nois, la taille haute & bien prise. il dit que le lieutenant général de Serapikin qui avoit demeuré long-temps en Kabarda, lui avoit assurpe que les femmes étoient aussi belles que les hommes; mais cette nation si différente des Tartares qui l'environnent, vient originairamente de l'Ukraine, à ce que dit M. Sanchez, & a été transportée en Kabarda il y a environ 150 ans." ["(...) Há ainda entre os Tártaros um povo inteiro do qual os homens e as mulheres são de uma beleza singular, estes são os Kabardinski. M Sanchez diz ter deles encontrado 300 a cavalo que vinham para servir a Rússia, e ele assegura que nunca viu homens mais belos, e de uma figura mais nobre e mais máscula, eles possuem a face bela, fresca e vermelha, os olhos grandes vivos e negro, são altos e bem afeitos. Ele diz que o lugartenente geral de Serapikin que permaneceu bastante tempo na Kabarda, lhe assegurou que as mulheres eram tão belas quanto os homens; mas esta nação tão diferente dos Tártaros que os rodeiam vem originariamente da Ucrânia, pelo que diz M. Sanchez, e foram transportados para a Kabarda há mais ou menos 150 anos."] Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon. "Variétés dans l'espèce humaine". In: *Histoire naturelle, generale et particulère, avec la description du cabinet du roy*. Tomo 3, Paris: Imprimerie Royale, 1749, p. 384. Disponível em: www.gallica.bnf.fr Acessado em: 20 de abril de 2011.

um hospital: a manutenção, por parte do médico, de um diário de cada doença, onde seriam registrados o nome do enfermo, o número da cama, a designação da doença, os sintomas observados, os remédios a serem receitados, assim como o efeito de sua aplicação¹⁷¹.

O período que passou na Rússia, porém, não serviu somente para avivar em Ribeiro Sanches pensamentos de reforma e observações sobre a medicina e a história natural, aspectos que fazem parte dos seus principais escritos. Foi durante sua estadia no Império Russo que o médico beirão terminou, antes de 1735, sua memória *Origem da denominação de christão velho e christão novo no reino de Portugal*, que assina sob o pseudônimo Philopater. De março de 1742 data ainda o escrito *Instructions pour le Medecin, que sera appellé Professeur de Chirurgie, qui enseignera la chirurgie aux disciples des deux Hopitaux de Saint Petersbourg*, destinado a planejar uma escola de cirurgia a ser instalada na Rússia¹⁷². Outros manuscritos datam desse período da vida do médico português, sendo a maioria relativos a anotações sobre medicina e matéria médica¹⁷³.

Em 1747, Ribeiro Sanches deixa São Petersburgo com o fim de instalar-se em Paris. Entretanto, ao contrário da ascensão contínua de sua imagem na corte, sua saída da Rússia não fora pacífica. Segundo David Willemse, a carta enviada por Jakob von Stählin a Andry quando da morte do médico português esclarece as intrigas que levaram o médico beirão a viajar novamente. No caso, certo irlandês de nome Smith — médico a serviço da Guarda Imperial russa e que estudara em Leiden com Ribeiro Sanches —, num conselho de médicos para a apreciação de um caso clínico de um nobre russo, acusou o médico português de judaísmo e afirmou tê-lo visto praticando a

¹⁷¹ A descrição do método proposto por Sanches encontra-se em: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Método para Aprender e Estudar a Medicina*, *Op. cit.*, p. 42-43.

¹⁷² Esse texto foi publicado por Maximino Correia em *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis*, vol. XXXI, nº. 1, Coimbra, 1956. O texto original encontra-se no códice 12713 da *Osterreichische National Bibliothek*, em Viena da Áustria.

¹⁷³ A lista desses textos é a seguinte: *Materia medica in qua nomina, vires, preparationes remediorum continentur* (13 de dezembro de 1736); *Praxis medica interna* (que, segundo Lemos, deva ser da mesma época do manuscrito anterior); *Versurae physicae (morbosae), chemicae, physiologicae et historiae naturalis, anatomiae* (datado de 20 de dezembro de 1736); um manuscrito sobre semiótica, com data de 14 de fevereiro de 1737; *Manuale practicum in usos domesticos concinatum et per symptomata et causas morborum et therapeiam digestum tam auctorum quam diuturnorum morborum* (sem data); *Observations de médecine pratique en Latin* (começado em 10 de agosto de 1739). Todos estes textos fazem parte dos diversos volumes de manuscritos de Ribeiro Sanches presentes na Biblioteca da Escola de Medicina de Paris. In: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 297.

lei de Moisés na sinagoga de Amsterdam¹⁷⁴. Para além da tese de Willemse, Romulo de Carvalho afirma que

"Admite-se que o ataque do irlandês Smith a Ribeiro Sanches tenha origem na má vontade, despeito ou *inveja* da pessoa que era então o primeiro médico da imperatriz Isabel, a qual tinha Sanches por segundo médico. Esse primeiro, de nome Lestocq, fora cabeleireiro da imperatriz, e também cirurgião, função que no passado andava ligada à de barbeiro. Isabel deu-lhe o título de conde e fê-lo seu primeiro médico. É natural que no convívio forçoso dos dois médicos imperiais as relações se azedassem, e que Lestocq, servindo-se de Smith, por via travessa, procurasse desembaraçar-se de Sanches que muito provavelmente lhe faria sombra¹⁷⁵."

Mesmo aceitando a hipótese de Willemse, Romulo de Carvalho admite que, assim como o motivo que levou Sanches a deixar Portugal, a razão do abandono da Rússia por parte do médico beirão permanece desconhecida, da mesma maneira que é impossível saber se ele saiu por livre vontade ou por imposição da corte¹⁷⁶.

2.4: os anos parisienses (1747 – 1783)

Deixando, em 1747, São Petersburgo, Ribeiro Sanches teria passado por Berlim — onde reencontrou Leonhard Euler e entreteve o Rei da Prússia, Frederico II, com discussões sobre a Física e a História Natural¹⁷⁷ —, Potsdam¹⁷⁸ e Estrasburgo¹⁷⁹. Em dezembro do mesmo ano, o médico beirão finalmente instala-se em Paris.

Uma vez na capital francesa, o médico português desempenhou o cargo que recebera da Academia Imperial de São Petersburgo. Assim, como membro

¹⁷⁴ David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. *Op. cit.* p. 16-17.

¹⁷⁵ Romulo de Carvalho. *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII*. *Op. cit.*, p. 42.

¹⁷⁶ *Idem*, p. 42. Ainda sobre o mesmo tema, Maximiano Lemos afirma que Sanches conseguiu, em 4 de setembro de 1747, sua certificação de exoneração dos cargos que exercia na Rússia. Esse documento foi publicado por Lemos na biografia de Antonio Nunes: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 135-136.

¹⁷⁷ Charles Louis François Andry. "Précis Historique sur la vie de M. Sanchès". *Op. cit.*, p. 16.

¹⁷⁸ No texto *Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em Portugal*, redigido em 1771 e que permaneceu inacabado, Sanches afirma: "Eu passando por Potsdam, em Prússia, vi e ouvi que el Rei Guilhelmo Pai do Rei actual fundara e estabelecera nesta vila toda a sorte de Fábricas de Lã, (...)". Antonio Nunes Ribeiro Sanches. "Apontamentos para promover toda a sorte de trabalho em Portugal" In: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. *Op. cit.*, p. 89.

¹⁷⁹ Segundo Dulac, foi em Estrasburgo que Sanches conheceu o historiador Johann Daniel Schöepflin (1694 - 1771), com quem se correspondeu constantemente: Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.* p. 261.

correspondente da citada instituição, o médico beirão exerceu, segundo Dulac, as seguintes funções: coleta das novidades literárias em diversas disciplinas; relatos dos trabalhos desenvolvidos (inclusive dos não publicados) pelos acadêmicos parisienses; adquirir documentos científicos e cuidar das compras e vendas de livros por conta da Academia; divulgação da academia russa¹⁸⁰; e auxílio quanto à questão de recrutamento de acadêmicos¹⁸¹. Seu papel como correspondente teria colaborado, principalmente, no estabelecimento e manutenção de relações com reconhecidas personalidades francesas: Camille Falconet (1671 - 1762), médico e membro da Academia de Inscrições e Belas Letras, cuja biblioteca Sanches frequentou nos primeiros anos em que viveu em Paris¹⁸²; o abade Jean Antoine Nollet (1700 - 1770); René Antoine Ferchault de Réaumur (1683 - 1757); Jean Baptiste Bourguignon d'Anville (1697 - 1782), quem Ribeiro Sanches recomendou como membro estrangeiro da Academia Imperial em 1748; e o conde de Buffon, a pedido de quem o médico português — para além das informações sobre os Tártaros acima citadas — buscou se informar sobre a fauna do mar Cáspio com o governador de Astrakhan (em 1748) e sobre o autor da "*Memoires sur les Samoyèdes et les Lapons*", de 1762, escrita por Thimotheus von Klingstedt, membro da comissão de comércio de São Petersburgo. A função de membro correspondente da academia russa, como acima afirmamos, encerrou-se em fins de 1748. No entanto, com ascensão da imperatriz Catarina II ao trono, em 1762, o título foi restituído, juntamente com uma pensão de 1000 rublos por ano. Nessa época, Ribeiro Sanches retomou sua atividade como acadêmico, entretanto sem a mesma intensidade que no período anteriormente mencionado devido à nomeação de Joseph Jérôme Lefrançois de Lalande (1732 - 1807) como membro correspondente da mesma academia em 1764.

Ainda entre a comunidade científica francesa do século XVIII Sanches manteve contato, segundo Lemos, com os seguintes nomes: Louis Jean Marie Daubenton (1716 - 1800), colaborador de Buffon, tanto em sua *Histoire Naturelle*, quanto no *Jardin du Roi*; o Pe Valart (1698 - 1788), humanista que fora professor na *École Militaire* de Paris; François André Adrian Pluquet (1716 - 1790), eclesiástico autor de *Examen du Fatalisme* (1757), que combatera os enciclopedistas em sua obra *Mémoires pour servir à l'Histoire des égarements de l'Esprit humain* (1762) e teve relações amigáveis com

¹⁸⁰ Segundo Dulac, Ribeiro Sanches consegue publicar o regulamento da academia no *Journal des Sçavans*, em agosto de 1748, com ajuda de Camille Falconet.

¹⁸¹ Georges Dulac. "Deux réseaux au service de l'académie des sciences de saint-petersbourg: autour de Ribeiro Sanches et de Johann Albrecht Euler". *Op. cit.*, p.193-210.

¹⁸² Félix Vicq d'Azyr. "Éloge de Sanchèz". *Op. cit.*, p. 239.

Fontenelle e Montesquieu; Charles Messier (1730 - 1817), astrônomo que fora discípulo de Delisle; Nicolas Joseph Cugnot (1725 - 1804), engenheiro militar francês que teria sido o primeiro inventor da "locomotiva"; Antoine Petit (1722 - 1794), cirurgião que lecionara anatomia no Jardim do Rei e que se tornou membro da Academia de Ciências de Paris em 1760; Louis Anna Lavirotte (1725 - 1752), médico e colaborador do *Journal des Savants*; Anne Charles Lorry (1719 - 1783), um dos fundadores da Sociedade Real de Medicina de Paris (1778); François Thierry (1719 - ?), médico formado na faculdade de Paris; Charles Louis François Andry (1741 - 1829), doutor regente da Faculdade de medicina de Paris e amigo pessoal de Ribeiro Sanches, a quem este confia seus manuscritos após a morte; dentre outros¹⁸³.

O médico cristão-novo correspondera-se também com o grupo dos *philosophes* franceses, mais precisamente com Denis Diderot (1713 - 1784), Jean le Rond d'Alembert (1717 - 1783) e outros membros da *cotterie* de d'Holbach (1723 - 1789). Em carta de 28 de outubro de 1760, Diderot apresenta Sanches à Sophie Volland (1725 - 1784) "*le docteur Sanchez, cy devant premier médecin de la czarine, juif de religion et portugais d'origine*"¹⁸⁴. O médico português só será mencionado novamente nas correspondências de Diderot em 1767, quando este elogiou, a Etienne Falconet (1716 - 1791), o livro *L'Ordre naturel et essentiel des sociétés politiques* de Pierre Paul Le Mercier de La Rivière (1719 - 1794), texto este que teria causado grande impressão ao "*Docteur Sanchez, qui n'est certainement ni un ignorant ni une petite tête*"¹⁸⁵. Dentre os textos conservados na Biblioteca Nacional de Madrid, Georges Dulac afirma existir uma cópia, da mão de Sanches, de um texto de Diderot (de 1761): trata-se de uma longa carta que o *philosophe* escreveu a seu irmão, cujo texto foi retomado no artigo "Intolerância", da *Encyclopédie*. Também segundo Dulac:

"Vien à la suite, datée du 26 mars 1761, la minute de documents destinés à Diderot qui prouvent que c'est ce dernier, et non d'Alembert, comme on l'a cru, qui a engagé Sanches à écrire le seul article qui porte son nom dans

¹⁸³ Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra. Op. cit.*, p. 139-141.

¹⁸⁴ ["o doutor Sanchez, é antes de tudo médico da czarina, judeu de religião e de origem portuguesa"] Denis Diderot, *Correspondance*. G. Roth; J. Varloot; Paris: Minuit, 1955-1970, t. 3, p. 202. APUD: Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 268.

¹⁸⁵ ["Doutor Sanchez, que sem dúvida não é nem um ignorante nem alguém de mente pequena"] Denis Diderot, *Correspondance. Op. cit.*. APUD: Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 268.

*l'Encyclopédie. Une note insérée dans le même volume pourrait même indiquer qu'un autre article avait été demandé au médecin portugais*¹⁸⁶."

Esse único artigo que leva o nome de Sanches, ao contrário do que muitos afirmam, é o verbete intitulado *Vérole*, e não o *Maladie Venérienne*¹⁸⁷. Quanto ao outro verbete que teria sido pedido ao médico beirão, nesses volumes conservados em Madrid e analisados por Dulac encontra-se a seguinte nota: "*Melancholia / Pour écrire l'article dans l'Encyclopédie*".

Ribeiro Sanches teria conhecido Diderot no salão do barão d'Holbach, ao qual comparecera em raras situações¹⁸⁸. A partir de 1768, torna-se constante dentre suas anotações em seu *Journal* a presença de resumos e minutas sobre os textos do barão ateu, como *Le Christianisme Devoilé* (1761), *La Contagion Sacrée ou Histoire Naturelle de la Superstition* (1768) e do *Essai sur les Prejugés* (1770). Em uma nota destinada a Diderot de 26 de agosto de 1772, o médico português afirma que ele recebeu do príncipe Dmitri Alekseevich Golitsyn (1734 - 1803), instalado em Haia, o livro *Le Bon Sens* (1772). Em carta de março de 1775, Mikhail Mikhailovich Scerbatov (1733 - 1790), historiador russo e membro da comissão de comércio do império, agradece a Sanches o envio da *Politique naturelle* (1773) do barão d'Holbach. Dulac chega afirmar que Sanches, juntamente com Dmitri Alekseevich Golitsyn, fez parte da fileira de "agentes" que possibilitavam a entrada das obras proibidas do barão na França¹⁸⁹.

Quanto à correspondência com d'Alembert, duas cartas fazem parte do epistolário de Sanches conservado em Viena, e que reproduziremos a seguir.

¹⁸⁶ ["Vem em seguida, datada de 26 de março de 1761, a minuta de documentos destinados a Diderot que provam que é este último, e não d'Alembert, como havíamos acreditado, que incitou Sanches a escrever o único artigo que leva seu nome na Enciclopédia. Uma nota inserida no mesmo volume poderia inclusive indicar que um outro artigo havia sido pedido ao médico português."] Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 269.

¹⁸⁷ É comum a afirmação de que o artigo *Maladie Venérienne* fora escrito pelo médico beirão, devido à proximidade entre os argumentos do verbete e o texto da *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* (1750). No entanto, segundo Ana Cristina Araújo, o que fora publicado na *Encyclopédie*, se quanto ao tratamento e ao diagnóstico da sífilis assemelha-se à obra de Sanches, quanto ao tema da origem da *lues venerea* vai de encontro com a tese defendida por Sanches, reafirmando o argumento referente à origem americana da doença. Ana Cristina Araújo. "Medicina e Utopia em Ribeiro Sanches". *Op. cit.*, p. 69.

¹⁸⁸ Ainda o mesmo Dulac afirma que Sanches não possuía o costume de frequentar os salões, mas que a correspondência acima citada entre Diderot e Sophie Volland afirma que o *philosophe* conheceu o médico beirão em um dos encontros promovidos por d'Holbach. Georges Dulac. "Deux réseaux au service de l'académie des sciences de saint-petersbourg: autour de Ribeiro Sanches et de Johann Albrecht Euler". *Op. cit.*, p.201.

¹⁸⁹ Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 269.

A primeira é datada de 3 de novembro de 1782, e diz respeito ao recebimento, por d'Alembert, de um livro que lhe foi enviado por Ribeiro Sanches.

"Monsieur

Recevez tous mes remerciements de l'ouvrage que vous avez bien voulu de me prêter. Je l'ai lu avec d'autant plus d'intérêt qu'il m'a tranquilisé à bien des égards sur la crainte que j'avais d'être attaqué de la pierre. Je souffre maintenant très peu, et j'espère, grâce à M. Barthes et à mon régime, être bientôt, sans douleur. Je voudrais bien qu'il en fût aussi tranquille que votre âme. Soyez au moins bien persuadé de l'intérêt vif et sincère que j'y prends, ainsi que du respectueux attachement avec lequel je serai toute ma vie, Monsieur,

vosre très humble et très obéissant serviteur

d'Alembert

Au Louvre

3 Nov. 1782¹⁹⁰

A segunda possui data de 28 de setembro, sem menção ao ano. Nesta carta, d'Alembert indica a Sanches um paciente:

"Mon cher et ancien ami (car quoique nous ne nous voyions guère, je me flatte que vous m'aimez toujours) vous venez de faire un miracle en la personne de M. Sauvin, mon confrère. Je vous demande les mêmes secours pour M. de Chamfort qui vous remettra cette lettre de ma part. C'est un jeune homme de beaucoup mérite, de valeur et d'honnêteté, aimé et estimé de tous ceux qui le connaissent et qui est digne à tous égards de l'intérêt et des conseils que je vous demande pour lui. Je vous en aurai la plus grande obligation, et je charge le porteur de cette lettre de vous renouveler l'assurance de tous les sentiments que je vous ai voués depuis si longtemps.

Tuus ex animo

d'Alembert

Ce 28 sept.¹⁹¹

¹⁹⁰ ["Senhor,/ Receba todos os meus agradecimentos pelo trabalho que você quis me prestar. Eu o li com tanto interesse que me tranquilizei em muitos aspectos sobre o receio que eu tinha de ser atacado por pedras. Agora sofro muito pouco e espero, graças ao senhor Barthes e ao meu regime, estar logo sem dor. Gostaria que ele fosse tão tranquilo quanto sua alma. Seja ao menos convencido do interesse forte e sincero que tomo, assim como do respeitoso vínculo que levarei por toda minha vida, Senhor,/ seu muito humilde e obediente servo/ d'Alembert/ Louvre/ 3 de novembro de 1782"] André Crabbé Rocha. "Um epistolário vienense de Ribeiro Sanches". In: Separata Biblos, LVI, Coimbra, 1980, p. 341.

¹⁹¹ ["Meu caro e velho amigo (pois embora não nos vejamos muito, me lisonjeio sempre de você gostar de mim), você acabou de fazer um milagre na pessoa do senhor Sauvin, meu camarada. Peço-lhe os mesmos socorros para o senhor de Chamfort, que lhe enviará esta carta de minha parte. É um homem jovem de muito mérito, de valor e honesto, amado e estimado de todos aqueles que o conhecem e é digno de todas

Para além da estima mantida por d'Alembert em relação ao Ribeiro Sanches, ambas as cartas permitem vislumbrarmos um curioso aspecto do cotidiano do médico português em Paris: o exercício da medicina e sua posição de autoridade quanto a essa prática.

Por fim, dentre os membros da *cotterie* do barão d'Holbach, Sanches transmitiu um questionário a São Petersburgo sobre o exército russo a pedido de Guillaume Thomas François Raynal (1713 - 1796), assim como procurou uma memória sobre o comércio de Portugal para a composição da *Histoire des deux Indes* (1770)¹⁹².

Em Paris, Ribeiro Sanches manteve contato com os personagens da corte russa, com os quais o médico português possivelmente já havia se encontrado quando da sua permanência em São Petersburgo. Em 1757, o vice-chanceler Mihail I. Voroncov — responsável pelo Ministério de Assuntos Estrangeiros no governo de Elizabeth Petrovna (de 1741 a 1762) — insistiu que Sanches retornasse à Rússia. O mesmo Voroncov e o conde Kirill Rasumowski (que fora presidente da Academia Imperial de Ciências na década de 1740) demandaram ao médico português planos de estudo: o primeiro o fará por volta de 1756, tendo em vista a educação de um parente seu; o segundo, dez anos mais tarde, tem em vista o ensino de seus filhos, confiados a Johann Daniel Schöpflin (1694 - 1771), historiador fixado em Estrasburgo. Ainda quanto à temática educacional, Sanches será constantemente consultado por Ivan Ivanovich Beckoj — General russo, favorito de Catarina II e reformador do ensino — sobre o estabelecimento de instituições de ensino na Rússia. De seu contato com Beckoj surgiram textos preocupados com a educação do império, como o *Plan sur la manière de nourrir et d'élever les enfants trouvés dans l'Hôpital de Moscou* (1764) e o *Sur la Culture des Sciences et des Beaux Arts dans l'Empire de Russie* (1765)¹⁹³. O mesmo Beckoj teria ainda visitado Ribeiro Sanches em Paris quando, em 1756, para lá viajou acompanhado de Dmitri Mihailovic Golicyn (1721 - 1793) — que encabeçou a missão russa na França nos anos de 1760 e 1761, antes de estabelecer-se com representante do império em Viena — e de sua sobrinha, Ekaterina Dmitrievna, que morrera na capital

as considerações de interesse e de conselhos que lhe peço por parte dele. Estar-lhe-ei na mais alta obrigação, e encarrego o portador desta carta de lhe renovar a garantia de todos os sentimentos que lhe dedico já há muito tempo./Tuus ex animo/d'Alembert/Em 28 de setembro"] *Idem*, p. 341.

¹⁹² Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 270.

¹⁹³ Este último texto, conservado na Biblioteca Municipal de Braga, foi publicado em: David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. *Op. cit.*, p. 126-167.

francesa, em 1761¹⁹⁴. Dmitri Mihailovic Golicyn foi um dos protetores de Sanches, mantendo o pagamento de uma pensão que durou até a morte do médico português¹⁹⁵.

Para terminar este inventário das relações mantidas por Ribeiro Sanches, daremos agora atenção aos seus contatos portugueses que, segundo Georges Dulac, se desenvolvem a partir de 1750 devido à ascensão de Pombal ao poder, mas que, de fato, já podemos perceber no reinado de D. João V — principalmente com a relação mantida, como acima mencionamos, entre a Academia Imperial de São Petersburgo e a Academia Real de História Portuguesa. Dentre os contatos que o médico português estabeleceu com seus compatriotas, Dulac dá atenção somente a José Joaquim Soares de Barros (1721-1793) e Gonsalo Xavier d'Alcaçova. Soares de Barros, após ter estudado matemática na Holanda, instala-se em Paris com financiamento do governo português. Devido à publicação em francês de trabalhos seus, torna-se membro das academias de Paris e Berlim. Em 1761, após um breve retorno a Lisboa, Soares de Barros é enviado novamente à Paris, porém, dessa vez, encarregado de missão diplomática que fracassa. De volta a Portugal, dedica-se aos estudos econômicos, demográficos e estatísticos aplicados à vida humana. Gonsalo Xavier d'Alcaçova, por sua vez, começa a se corresponder com Ribeiro Sanches em princípios de 1750. Secretário da Academia Real de História de Lisboa, d'Alcaçova privilegiará em suas cartas a obtenção de notícias literárias, assim como receberá do médico português grande quantidade de livros e periódicos¹⁹⁶. Em 1757, o médico português recebeu uma carta de Diogo Barbosa Machado (1682 - 1772) pedindo uma notícia sobre sua vida e obra a ser publicada na *Bibliotheca Lusitana* (1759). De 26 de março de 1760, data ainda correspondência escrita por Ribeiro Sanches a Joaquim Pedro de Abreu, médico facultativo da casa real portuguesa e colaborador na confecção do *Método para aprender e estudar medicina* (1763)¹⁹⁷. Destaque deve ser dado ainda às relações que Ribeiro Sanches manteve com o doutor José Henriques Ferreira (1740 - ?), seu sobrinho e médico do vice-rei do Brasil, D. Luís d'Almeida Portugal Soares d'Alarcão Silva Mascarenhas (1729 - 1790), marquês do Lavradio. Ferreira, acompanhando o

¹⁹⁴ Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 266.

¹⁹⁵ David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. *Op. cit.*, p. 62.

¹⁹⁶ Georges Dulac. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". *Op. cit.*, p. 267 – 268.

¹⁹⁷ No entanto, o texto dessa missiva vem marcado como não enviado. Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Carta a Joaquim Pedro de Abreu* (26 de março de 1760). In: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Obras*, vol II. *Op. cit.*, p. 133-147.

recém nomeado vice-rei, fundara, em 18 de fevereiro de 1772, a Sociedade de História Natural do Rio de Janeiro. Como membro correspondente dessa academia brasílica, Ribeiro Sanches comunicou sua criação ao grande naturalista Carl von Linné (1707 - 1778), obtendo da Sociedade sueca de Upsala um diploma de fraternidade para a Sociedade do Rio de Janeiro¹⁹⁸. Em carta de 28 de março de 1773 enviada a Ribeiro Sanches por Ferreira, este se introduziu como sobrinho do médico cristão-novo e pediu proteção ao seu irmão, também membro da supracitada sociedade, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, com quem Ribeiro Sanches estabelecerá considerável troca de livros¹⁹⁹. A lista dos contatos portugueses do médico cristão-novo ainda conta com os seguintes nomes²⁰⁰: João da Matta²⁰¹, João Chevalier (1722 - 1801)²⁰², Abade Costa (1714? - 1780?)²⁰³, Pe. Teodoro de Almeida (1722 - 1804)²⁰⁴, Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio) (1734 - 1819)²⁰⁵, Félix de Avelar Brotero (1744 - 1828)²⁰⁶.

Quanto aos contatos com estadistas portugueses, Ribeiro Sanches teria estabelecido fortes relações com Gonçalo Manuel Galvão de Lacerda, Pedro da Costa de Almeida Salema e D. Vicente de Sousa Coutinho, todos representantes portugueses na capital francesa. Foi por intermédio de Salema que o médico cristão-novo obteve, em 1759, pensão pela produção do *Método de Aprender e Estudar Medicina* (1763) no valor de 360\$000 réis. Salema seria ainda o destinatário das *Cartas sobre a educação da Mocidade* (1760) e de uma carta de Ribeiro Sanches com o título *Missionarios aos*

¹⁹⁸ Lycurgo de Castro Santos Filho. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 1991, p. 364.

¹⁹⁹ José Lopes Dias. "Duas cartas inéditas do Dr. José Henriques Ferreira, comissário do físico-mor e médico do vice-rei do Brasil, a Ribeiro Sanches". In: *Separata da Imprensa Médica*, Lisboa, 1959.

²⁰⁰ As informações que se seguem são retiradas das análises empreendidas por Maximiano Lemos dos manuscritos de Sanches existentes na Biblioteca da Faculdade de Medicina de Paris, mais precisamente seu *Journal*, que começa a ser escrito em 1768 e conta com diversas minutas de cartas e referências a contatos que Sanches estabeleceu em Paris: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. Cit.*

²⁰¹ Cirurgião lisbonense que, em carta de 26 de janeiro de 1767, comunica a Sanches a notícia do *antac*, planta proveniente de Moçambique e que possuía valor medicinal. Segundo Lemos, as correspondências com da Matta teriam durado até 1777.

²⁰² Astrônomo oratoriano e membro da Royal Society, teria entrado em contato com Sanches durante passagem por Paris, em 1761, em companhia do Pe. Teodoro de Almeida

²⁰³ Músico português com o qual o médico português conviveu durante passagem por Paris.

²⁰⁴ Oratoriano autor das *Recreações Filosóficas* (obra em dez volumes, dos quais o primeiro foi publicado em 1751 e o último em 1800), consultara Sanches sobre alguns incômodos que sentia em carta de 16 de setembro de 1774. Teodoro informava ainda a seu compatriota quanto ao seu empenho na produção de instrumentos científicos, de cujos projetos se destaca uma carta geográfica em madeira, destinada ao uso por deficientes visuais.

²⁰⁵ Poeta português que se exila de Portugal devido à perseguição religiosa e instala-se em Paris, momento no qual se presume que tenha entrado em contato com Sanches. Em suas *Obras*, encontramos o poema *Ode ao doutor Antonio Ribeiro Sanches* e a tradução do *Éloges de Sanchez*, escrito por Vicq d'Azyr.

²⁰⁶ Botânico português que se exilou juntamente com Filinto Elísio, com quem Sanches presumivelmente entrou em contato em Paris.

países alheios, de 28 de maio de 1760. Privado de sua pensão em 1761, o médico cristão-novo encontrou auxílio somente com a chegada à Paris de D. Vicente de Sousa Coutinho. De 13 de fevereiro de 1769 data uma carta escrita por Sousa Coutinho na qual era pedido o restabelecimento da pensão do médico português. Em ofício de 28 de julho de 1769, D. Luís da Cunha (sobrinho do embaixador português de mesmo nome) ordenava que se continuasse a pagar a pensão mensal que Ribeiro Sanches recebia e que lhe fora suspensa devido a atritos pessoais com Salema.

Foi ainda durante o período em que se estabelecera em Paris que o médico português publicou a maior parte de seus escritos. Em 1750, saiu a obra através da qual Sanches adentrou a polêmica sobre a origem da sífilis, contrapondo-se à tese defendida pelo médico francês Jean Astruc (1684 - 1766) em seu *De morbis venereis*, de 1736. Em seu, *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne*, o médico português vai de encontro a afirmação de que a sífilis teve origem na América, sendo transportada para a Europa através das viagens de Colombo. Para Ribeiro Sanches, a sífilis já era conhecida no Velho Mundo, o que pode ser comprovado a partir das análises cronológicas dos diários de viagem de Cristóvão Colombo. A essa edição de 1750, de Paris, somam-se mais duas na mesma cidade (1752 e 1765), uma tradução inglesa, datada de 1751, e uma versão alemã publicada em 1775. Em 1774, saiu em Lisboa o *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie*, cuja tradução inglesa apareceu em 1795. Ambas as obras, a *Dissertation* e o *Examen*, seriam editados conjuntamente e publicados em Leiden, no ano de 1777, com prefácio de Hyeronimus David Gaubius.

Considerável repercussão também obteve sua obra *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756), na qual encontrava-se um apêndice sobre as causas dos terremotos, motivado pelo abalo sísmico que assolou Lisboa no 1º de novembro de 1755. O tratado foi traduzido para o espanhol em 1781 (Andry afirma existir uma edição espanhola de 1777), e as *Considerações sobre os terremotos* foi vertida para o italiano por Marcello Sanches, irmão de Antonio Nunes, em 1783. Segundo Santos Filho, o tratado de Sanches figurava entre os livros mais difundidos de medicina em Portugal e no Brasil na segunda metade do século XVIII²⁰⁷.

Assim como as obras acima citadas, Sanches teve publicados outros textos seus de cunho científico: para além do verbete na *Encyclopédie*, sobre o qual já

²⁰⁷ Lycurgo de Castro Santos Filhos. *História Geral da Medicina Brasileira*. Op. cit., p. 350.

comentamos, o médico beirão teve publicado sua *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie*, em 1779, na *Histoire de la société royale de médecine*²⁰⁸, e a *Dissertation sur l'affections de l'âme* (1787), cujo manuscrito data de 1753 e fora originalmente escrito em português²⁰⁹.

A mesma sorte não tiveram, porém, seus dois principais textos concernentes à reforma pedagógica portuguesa: as *Cartas sobre a educação da mocidade* (1760) e o *Método para aprender e estudar a medicina* (1763). No primeiro caso, foram impressas em Paris — e não em Colônia como consta no frontispício — 50 cópias para circulação limitada na corte portuguesa. A mediação entre Sanches, na capital francesa, e Lisboa foi concretizada através do empenho do embaixador português Costa Salema, como é demonstrado em trechos de um ofício do mesmo, datado de 7 de janeiro de 1760, no qual faz menção ao recebimento da obra, afirmando ser esta merecedora da atenção de D. José I. Em conjunto com as *Cartas*, Salema recebeu uma missiva (cuja data é a mesma do ofício acima citado) do médico português que confirma a concessão ao representante português em Paris dos manuscritos do dito texto e o pedido de que o mandasse imprimir²¹⁰. Menção de publicá-las só reaparecerá em finais do século XIX, a partir da iniciativa de Camilo Castelo Branco. De fato, saíram alguns trechos dessa obra de Sanches na revista *Ateneu* e em *Noites de Insônia*. Ainda no mesmo período, o texto foi publicado na *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, por iniciativa da mesma sociedade e em forma de folhetim, no decorrer de 1882 e no primeiro número de 1883, permanecendo incompleto²¹¹. As *Cartas sobre a educação da mocidade* só foram publicadas na íntegra em 1922, por iniciativa de Maximiano Lemos, seguindo-lhe a compilação dos textos de Sanches iniciada pelo professor Joaquim de Carvalho — os dois volumes intitulados *Obras*, o primeiro de 1959 e o segundo de 1966. No caso do *Método para aprender e estudar a medicina*, a primeira edição data de 1763 e a

²⁰⁸ O manuscrito desse texto, no entanto, já havia sido enviado para Beckoj junto a uma missiva datada de 30 de janeiro de 1760, e em 1779 aparece uma tradução russa da memória de Sanches. Ver: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Mémoire sur les bains de vapeur de Russie, considérés pour la conservation de la santé entre pour la guérison de plusieurs maladies*. In: *Histoire de la Société royale de médecine*. - Année 1779 - avec les *Mémoires de médecine et de physique médicale pour la même Année*, tirés des registres de cette société. Paris, 1782, pp. 233 – 280. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?05749x1782> Acessado em: 27 jul. 2009.

²⁰⁹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Affections de l'âme*. In : *Encyclopédie méthodique, médecine*, par une société de médecins, Paris, Panckoucke, 1787, vol. I A-ALI. pp.247 - 177. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?07410xM01> Acessado em: 27 jul. 2009

²¹⁰ Ambos os documentos estão publicados em: Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. *Op. cit.*, p. 345-346.

²¹¹ Maximiano Lemos. "Notícia Bibliográfica". In: Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Obras*. vol. 1. *Op. cit.*, p. 367-371.

segunda somente veio à luz em 1959 nas ditas *Obras* publicadas pela Universidade de Coimbra.

Conclui-se, portanto, que a partir do mapeamento da trajetória de Ribeiro Sanches acima empreendido podemos atinar com a dimensão prática de suas correspondências. No que diz respeito às redes científicas de Sanches, percebemos que há grande preocupação com o valor das informações veiculadas. Assim, a instauração de um comércio de conhecimento pelas malhas epistolares poderia ser interpretada como mais uma peça no processo de acúmulo de credibilidade²¹². A trajetória de Sanches demonstra-nos, por exemplo, que, quando do seu estabelecimento em Paris, o médico português já contava com uma rede bastante ampla de contatos, assim como poderia ser considerado, pelos seus “pares”, detentor de conhecimentos válidos seja para a prática médica, seja para o processo de legitimação da História Natural em meados do século XVIII. Aos poucos, Ribeiro Sanches ascende na hierarquia da comunidade científica europeia, podendo, em consequência, servir tanto a Portugal como à Rússia a partir de um dos maiores centros de compilação do saber científico do século XVIII, Paris.

Da mesma maneira, por fim, esse mapeamento permite-nos atentar às especificidades visíveis nas redes de contatos mantidas pelo médico cristão-novo. Como exemplo, podemos citar o fato de Ribeiro Sanches ter cultivado uma rota de correspondência que se estende bastante no espaço europeu — e até mesmo o transcende, como atestam suas missivas tanto aos missionários jesuítas em Pequim, como a José Henriques Ferreira, situado no Rio de Janeiro. Além disso, sua própria movimentação permite transparecer diversos momentos do circuito de produção de conhecimento empreendido pelos cientistas europeus. Da observação direta dos povos tártaros durante a campanha da Criméia ao seu estabelecimento em Paris, centro de produção e compilação de conhecimento, a trajetória de Ribeiro Sanches permite entrever as diversas etapas através das quais a comunidade científica europeia produzia o conhecimento que, uma vez editado e arquivado nos principais centros urbanos do Velho Mundo, voltava a se difundir, alcançando gradativamente espaços até então alheios aos processos de legitimação do modelo cognitivo ocidental.

²¹² Acredito que se trocarmos a expressão “acúmulo de credibilidade” por “obtenção de capital simbólico”, ou ainda “automodelação científica”, o significado da sentença permanecerá praticamente inalterado.

Capítulo 3: Saberes e reformismo

Vimos, portanto, que a trajetória de Ribeiro Sanches deve ser compreendida, para além de seu caráter biográfico, como indício das práticas comuns ao campo científico, práticas que permitem a legitimação e inserção dos homens de ciência não somente em um circuito europeu de transmissão de conhecimento, como também nas cortes europeias.

Neste capítulo, trataremos dos significados internos aos discursos do médico cristão-novo, com a intenção de definir suas concepções de ciência e progresso. No entanto, a exposição dos escritos que se segue não deve ser entendida como desvinculada do percurso de Ribeiro Sanches, uma vez que esses textos constituem, antes de mais nada, elocuções específicas que, além de fazerem parte de uma unidade maior de significado (uma certa base teórica que concatenaria as principais ideias do autor), submetem-se a momentos e contextos diferentes. Assim, o discurso também deve ser compreendido enquanto evidência de uma prática imersa no mundo, sendo fruto dos mesmos mecanismos de autolegitimação do homem de ciência aos quais fizemos referência no capítulo anterior.

3.1. Ciência em Portugal no século XVIII: abordagens

Para compreender o panorama da ciência no século XVIII português torna-se necessário partir do pressuposto de que a inteligência dos processos de produção de conhecimento em Portugal é, nesse momento, indissociável da problemática do reformismo Ilustrado e, consequentemente, das concepções vigentes na historiografia luso-brasileira que pretendem qualificar o Iluminismo português. Sendo assim, temas como “estrangeirados”, isolamento cultural e caráter pragmático da Ilustração lusitana vêm à tona como pontos cruciais da produção historiográfica sobre o período. Segundo Fernando Antonio Novais:

“Se examinarmos a posição dos países ibéricos, e especialmente Portugal, no quadro geral da Ilustração européia, o que desde logo ressalta é o descompasso entre ‘teoria’ e ‘prática’, isto é, entre a elaboração do pensamento e sua aplicação. [...] Para entendermos essas duas características (precocidade das reformas, importação das idéias) da Ilustração portuguesa,

torna-se necessário considerarmos um dos aspectos mais decisivos da história de Portugal na época moderna: o atraso econômico e o isolamento cultural"²¹³.

Também partidário da ideia do isolamento cultural e, consequentemente, do atraso português em relação aos novos modelos científicos europeus, Silva Dias admitirá que, a um período de pioneirismo português — que coincide com os descobrimentos ultramarinos —, segue-se a derrocada da ciência lusitana em finais do século XVI. A decadência, portanto, coincidiria, necessariamente, com a perda da independência portuguesa em 1580²¹⁴. Assim, o isolamento cultural delimitava-se através da aceitação das teorias portuguesas sobre a decadência, mormente as provenientes de uma ideologia liberal que compreendia o século XVIII como um período repleto de tentativas de reforma. Juntamente com o declínio econômico e político, portanto, a ciência em Portugal encontrava-se, em princípios do setecentos, legada ao peripatetismo defendido, principalmente nas instituições de ensino, pela Companhia de Jesus.

Tendo em vista a aceitação, por parte dessa tendência historiográfica, de um embrião renovador que se faz presente no século XVIII, a transposição dos obstáculos perpetrados pelo isolamento cultural português teria se dado, portanto, a partir da figura do “estrangeirado”, ou seja, através da importação das inovações europeias nos mais diversos campos do conhecimento e da ação governamental. Segundo o próprio Silva Dias, o grupo dos estrangeirados definia-se pela motivação comum no combate aos três principais obstáculos à modernização portuguesa: a Inquisição, a Escolástica e o provincianismo cultural e político²¹⁵.

No entanto, a controvérsia em torno da definição do conceito, assim como em relação à sua validade explicativa, fez do *estrangeirado* uma categoria cada vez mais polissêmica e de difícil apreensão. Em 1974, por exemplo, com a publicação do texto de Jorge Borges de Macedo intitulado “Estrangeirados', um conceito a rever”, o termo em questão passa por um forte ataque. Segundo o autor, a origem dessa categoria

²¹³ Fernando Antônio Novais. O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos”. *Op. cit.*, p. 105.

²¹⁴ “Por volta de 1580, quando perdemos a independência, já as linhas mestras do Barroco estavam nitidamente traçadas e sólidamente estabelecidas. Daí até quase aos fins do século XVII, não houve mais filosofia nem mais ciência em Portugal — pode dizer-se — que a dos tratadistas escolásticos. E pode dizer-se também que não houve contactos fecundos com a inteligência de além Pirinéus. O país viveu então um longo período de isolamento cultural — facto que parece não ter passado sem deixar consequências na sua história. Tanto quanto se pode concluir do presente estudo, os altos da nossa vida mental coincidem muito de perto com os períodos e mais intensa convivência da lusa gente com o pensamento europeu”. José Sebastião da Silva Dias. Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI - XVIII). *Op. cit.*, 1952, p. 456.

²¹⁵ *Idem*, p. 302.

limita-se, somente, ao embate político de princípios do século XX, mais especificamente na figura de António Sérgio e de seu combate ao movimento nacionalista do século anterior. Dessa maneira, o *estrangeirado* é apresentado como "corretor exógeno" da cultura portuguesa e apresenta, pois, um visível caráter superior perante a população nacional. Provido de caráter primordialmente militante — possivelmente associado ao exílio experimentado por António Sérgio —, o termo envolveria uma "concepção da história como tribunal", delimitando a diferenciação entre sociedades avançadas e atrasadas. Nessa linha de raciocínio, Macedo admite que "Neste contexto, há estrangeirados, quando criticam a cultura da sua terra, em função de modelos procurados fora dela e, para serem significativos, não precisam de ter 'razão': seja qual for a sua validade, são característicos para conhecer as opções de cada época"²¹⁶. Anos depois, opinião parecida ainda fazia parte da discussão sobre o termo, como se vê em *A Cultura das Luzes* (2003), de Ana Cristina Araújo. Nesse escrito podemos ler:

“Identificado o pano de fundo em que se desenrola a actividade intelectual dos protagonistas das Luzes, não faz sentido analisar o processo da modernidade em termos exautorantes, expoliatórios e dicotómicos, mobilizando para tal categorias abstractas, ideologicamente substantivadas, como as de ‘estrangeirados’ e ‘castiços’. Trata-se de um erro de perspectiva grave do ponto de vista historiográfico, que assenta, como salientou Jorge Borges de Macedo, em 1974, no princípio de que as sociedades sujeitas a influências externas são por força avançadas, ou melhor, que as sociedades se dividem em atrasadas ou avançadas, justamente em função da abertura que manifestam ao exterior, tal como pretendia fazer crer António Sérgio”²¹⁷.

Essa leitura, no entanto, principalmente no caso do texto de Jorge Borges de Macedo, deve ser encarada com cuidado. Segundo Tiago Costa Miranda, as ressalvas feitas no fim do texto de Macedo — das quais citamos, acima, um pequeno trecho — não deve iludir o caráter puramente negativo que o autor atribui ao uso do *estrangeirado* enquanto categoria explicativa. Assim, se para os que sentiam a perda da "vitalidade nacional" as influências exteriores configuravam uma ameaça, para os que buscavam denunciar os problemas de Portugal os primeiros *estrangeirados* constituíam

²¹⁶ Jorge Borges de Macedo “Estrangeirados’, um conceito a rever”. In: *Rev. Bracara Augusta*. Braga: vol. XXVIII, n.º 65-66, p. 201.

²¹⁷ Ana Cristina Araújo. *A Cultura da Luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p. 21.

verdadeiros precursores de uma atitude crítica. Mesmo assim, o conceito sofre de certa impossibilidade de uma definição homogênea. Dessa forma, a cautela faz-se necessária. Para Miranda

"O homem moderno cultivou o prazer de entrar em contato com os vizinhos d'além-fronteiras, onde apreciava outros costumes e podia reavaliar a opinião quanto aos do seu próprio Reino. Nesse sentido, é claro que houve 'estrangeirados' em Portugal, tanto como no resto da Europa. Mais difícil de admitir é que eles integrassem um grupo definido e orgânico, monopolizando as críticas ao 'sistema' ou que de alguma maneira quisessem tirar o país de um isolamento asfixiante, em benefício de um 'projeto' vindo de fora. Por outro lado, também não é fácil sustentar que os povos peninsulares se mostrassem especialmente adversos ao estrangeiro, ou que ignorassem as novidades científicas e filosóficas ao norte dos Pirineus. As evidências já conhecidas, aliás, ajudam a enfatizar que as idéias estão no tempo..."²¹⁸

Se testemunharmos, com o passar dos anos, a revisão do conceito de "estrangeirado"²¹⁹, assim como a resignificação do conceito de Iluminismo português — seja na linha da afirmação de um "Iluminismo católico"²²⁰, seja sob a ótica que o entende como uma transformação nas esferas de sociabilidade e de circulação da produção textual²²¹ —, não encontramos, todavia, a dissociação entre Iluminismo e ciência e, conseqüentemente, entre o caráter pragmático das Luzes portuguesas e a produção, ou importação, do conhecimento científico. Segundo Lorelai Kury:

"Desse modo, reavaliar o Iluminismo luso-americano no que se refere à produção científica realizada no Brasil convida a uma reflexão cuidadosa das próprias atividades científicas, pois ciência não é só de idéias 'verdadeiras', ou seja, tidas como legítimas na atualidade. O campo científico autolegitimado foi um dos corolários das Luzes européias, em um processo que envolveu, pelo menos, duas gerações de homens de ciência e, sobretudo, contou com o engajamento dos Estados para sua efetiva valorização. Tal

²¹⁸ Tiago Costa Pinto dos Reis Miranda "'Estrangeirados'. A questão do isolacionismo português nos séculos XVII e XVIII". In: *Revista de História*. São Paulo: nº. 123/124, 1990/1991, p. 69.

²¹⁹ Ainda sobre o tema dos estrangeirados, ver a tentativa de uma prosopografia dos homens de ciência portugueses do século XVIII em: Ana Carneiro; Ana Simões; Maria Paula Diogo. "The Estrangeirados and Their Communication Networks". In: *Social Studies of Science*, Vol. 30, Nº. 4. Sage Publications, Ltd., 2000, p. 591-619.

²²⁰ Pedro Calafate (dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol. III: As Luzes. Lisboa: Editorial Caminho, 2001; Pedro Calafate. *A ideia de natureza no século XVIII em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

²²¹ Ana Cristina Araújo. *A Cultura da Luzes em Portugal: temas e problemas*. Op. cit., 2003; Lorelai Kury "Homens de Ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780 – 1810)". In: *História, Ciência, Saúde — Manguinhos* Vol. 11 (suplemento 1), 2004, p. 109 – 129.

processo não ocorreu de maneira sistemática no Brasil, naquela época. As políticas de incentivo às atividades científicas existiram, porém não foram acompanhadas por transformações profundas e amplas nas esferas da administração, das sociabilidades, das instituições, da economia e da cultura"²²².

A necessidade de uma efetiva valorização das práticas científicas pelo Estado, como afirma Kury, assumiu, em Portugal, um forte caráter utilitarista, principalmente a partir do governo de D. José I. Contudo, o período joanino não se viu desprovido de iniciativas semelhantes.

No que diz respeito à História, vale a pena destacar as primeiras experiências de mobilização da comunidade letrada em prol do projeto imperial. Como exemplo, podemos nos referir à instituição da Academia Real de História Portuguesa, em 1720. A criação de uma academia dedicada à história de Portugal e seus domínios evidencia uma preocupação reformista no reinado de D. João V. Segundo Íris Kantor:

“Para compreender o significado da iniciativa régia, cabe traçar as coordenadas gerais da concorrência entre os Estados europeus e circunstâncias geopolíticas que estimularam a construção de um discurso historiográfico em defesa da nacionalidade portuguesa no âmbito da Academia Real”²²³.

Dessa forma, renovação dos métodos de investigação histórica e conjuntura política convergiam para a formação de um regime novo de produção intelectual: a construção coletiva da história nacional portuguesa, posta sob a tutela de D. João V, propiciava a integração e a socialização das elites dirigentes leigas e eclesiásticas²²⁴.

Esse característico pragmatismo de Estado em relação à difusão da ciência moderna faz-se perceber também na introdução da História Natural no reino. Na década de 1770, segundo Rômulo de Carvalho, ganha força a questão da História Natural devido, principalmente, à reforma pombalina dos estudos superiores²²⁵. A temática natural não só é introduzida como curso, mas também através da criação de museus de

²²² Lorelai Kury. “Homens de Ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780 – 1810)”. *Op. cit.*, p. 125.

²²³ Íris Kantor. “A Academia Real de História Portuguesa e a defesa do patrimônio ultramarino: da paz de Westfália ao Tratado de Madri (1648 – 1750). In: Maria Fernanda Bicalho; Vera Lúcia Amaral Ferlini (org.). *Modos de Governar: idéias e práticas políticas no Império Português séculos XVI a XIX*. São Paulo: Alameda, 2005, p. 259.

²²⁴ Íris Kantor. *Esquecidos e Renascidos: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1729)*. São Paulo: Hucitec, 2004.

²²⁵ Rômulo de Carvalho. *A História Natural em Portugal no século XVIII. A História Natural em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

história natural e jardins botânicos. O estudo dos três campos da natureza (mineral, vegetal e animal) tinha vínculos com o projeto estatal português, como atenta Maria Odila Leite da Silva Dias. Segundo ela, os pedidos de estudo da flora e fauna brasileira tinham como finalidade o levantamento de gêneros comerciáveis que jaziam, até então, inexplorados ou ignorados²²⁶.

O caráter utilitarista faz-se presente ainda, associado a um processo de difusão de um novo escopo de “disciplinas”, na difusão de textos voltados, principalmente, para a reforma dos estudos básicos e superiores. O exemplo das *Cartas sobre a educação da mocidade* (1760) é, neste caso, especial. Para além de um currículo delimitado pela utilidade pública, o escrito apresenta, como introdução, uma história do ensino na Europa que afirma a soberania do monarca sobre as instituições pedagógicas²²⁷.

Vê-se, portanto, a relação intrínseca que se estabelece entre a Coroa e os homens de ciência. No entanto, entendê-la somente sob a ótica de uma dependência econômica não parece, a meu ver, abranger a complexidade das práticas estabelecidas. Segundo Maria Helena Carvalho dos Santos:

“A independência econômica (quer se viva na abundância do Senhor de Ferney, quer se aceite a pobreza do Cidadão de Genève) é algo desconhecido dos homens de letras portugueses. Eles reclamam que lhes sejam pagos (pelo Poder) os escritos, os poemas ou os conselhos, porque é ao Poder que eles se dirigem e é ele o seu interlocutor a quem inculcam, muitas vezes, a tradução do pensamento alheio”²²⁸.

Que os pedidos de pagamento de tenças e mercês existam, não se pode negar. No entanto, somente a dependência econômica não explica o fenômeno de forma satisfatória. As reformas no âmbito cultural e a fundação de academias científicas e de belas-letras permitem, para além de uma relação puramente econômica, a imersão do intelectual na lógica social do Antigo Regime — hierarquizada e marcada pelos privilégios de classes — através da política de concessão de tenças e mercês²²⁹. Como afirma Lorelai Kury: “De qualquer modo, as práticas científicas, mesmo que não fossem reconhecidas internacionalmente, cumpriam, muitas vezes, funções locais de

²²⁶ Maria Odila Leite da Silva Dias. “Aspectos da ilustração no Brasil”. *Op. cit.*.

²²⁷ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Cartas sobre a educação da mocidade*. In: _____ *Obras*. Vol I. *Op. cit.*, p. 201-366.

²²⁸ Maria Helena Carvalho dos Santos. “Poder, intelectuais e contra-poder”. *Op. cit.*, p. 124.

²²⁹ Vincenzo Ferrone. “L’homme de science”. In: Michel Vovelle (org.). *L’homme des Lumières*. Paris: Éditions du seuil, 1996, p. 214.

manutenção de laços sociais e reconhecimento de relações de proteção, subordinação e homenagem²³⁰”.

3.2. *Os saberes em Ribeiro Sanches*

A questão do pragmatismo português no campo das ciências, associado a uma política estatal de fomento da produção de conhecimento que legitime a Coroa e que lhe seja útil do ponto de vista político e econômico, mostra-se de suma importância para a compreensão dos escritos que Ribeiro Sanches dedica a Portugal. No entanto, ao cotejarmos esses textos com suas concepções reformistas referentes à realidade do Império Russo, percebemos o utilitarismo como traço comum a ambos os discursos. Dessa forma, pode-se afirmar que as reformas pedagógicas propostas pelo médico português — assim como, conseqüentemente, a disposição sistemática dos saberes que fazem parte desses “novos currículos” — obedecem, primeiramente, não a uma lógica unicamente instrutiva, mas sim aos preceitos de pragmatismo estatal. Como afirma Antonio Rosa Mendes, trata-se de uma *educação política* “(...) e política porque considerada sob o aspecto de a respectiva direcção compêlir ao Estado civil, que deve integrar na sua esfera de atribuições um sector dominante para a intervenção na vida social e que até então escapara à sua alçada, o que implica uma orientação ideológica civilista na formação moral e intelectual de cidadãos socialmente comprometidos, úteis a si mesmos e à comunidade em que se inserem.”²³¹

No início das *Cartas sobre a educação da mocidade*, sob a ótica desse pragmatismo político, podemos ler: “Esta ley, Illustrissimo Senhor, incitou o meu animo, ainda que pelos achaques abatido, a revolver no pensamento o que tinha ajuntado da minha lectura sobre a Educação civil e politica da Mocidade, destinada a servir á sua patria tanto no tempo da paz como no da guerra”²³². Tendo em vista o recém-promulgado alvará de 28 de junho de 1759, no qual são abolidas as classes e os colégios dos jesuítas, o médico cristão-novo discorre sobre as necessidades do reino quanto à educação de seus súditos. Dessa forma, as reformas pedagógicas possuem, segundo ele, a finalidade de formar não só os futuros detentores de cargos

²³⁰ Lorelai Kury. “Homens de Ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780 – 1810)”. *Op. cit.* P. 116.

²³¹ Antonio Manuel Nunes Rosa Mendes. *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal: intelectuais e poder no absolutismo esclarecido*. *Op. cit.*, p. 141.

²³² Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Cartas sobre a educação da mocidade*. *Op. cit.*, p. 203.

administrativos, como também mercadores, dentre outros. Vejamos, portanto, o trecho em que esse argumento se torna explícito:

“Aquelle benignissimo Alvará nos dá a conhecer que só a Educação da Mocidade, como deve ser, he o mais effectivo e o mais necessario. Porque S. Magestade, que Deos guarde com alta providencia, considera que lhe são necessarios Capitaens para a defensa; Conselheyros doutos e experimentados; como taõbem Juizes, Justiça, e Administradores das rendas Reais; e mais que tudo na situação em que está hoje a Europa, Embayxadores, e Ministros publicos, que conservem a harmonia de que necessitaõ os seus Estados; esta Educação não seria completa se ficasse somente dedica á Mocidade Nobre; Sua Magestade tendo ordenado as Escolas poublicas, nas Cabeças das Comarcas, quer que nellas se instruaõ aquelles que haõ de ser Mercadores, Directores das Fabricas, Architectos de Mar e Terra, e que se introduzaõ as Artes e Sciencias”²³³.

Dessa maneira, ao pensar os “Estudos Mayores, ou Collegios Reais”, Ribeiro Sanches demonstra quais são “todas as Sciencias de que necessita hum Reyno christão nos nossos tempos”, dividindo-as entre três “Escolas”. Neste caso, a referência é aos estudos superiores, e sua divisão em três faculdades separadas, que ensinariam as seguintes disciplinas:

“Na *primeyra*. Toda a Historia da Natureza Universal, da Natureza Humana; as produçoens que resultaõ da combinação de varios Corpos; as suas propriedades e virtudes; e a applicação dellas para uzo e utilidade da vida humana, e vida civil

Nesta escola se ensinaria a Historia natural, a Botanica, a Anatomia, a Chimica, a Metallurgia, e a Medecina com todas as suas partes. Mas como sou obrigado escrever do methodo de ensinar e aprender a Medecina, então he que tratarei mais particularmente desta Escola.

Na *segunda Escola*. Todos os conhecimentos que necessita o Estado Politico e Civil para governarse e conservarse, e viverem os subditos naquella felicidade a que pode conduzir a intelligencia humana.

Nesta se ensinaria a Historia Universal, Profana e Sagrada; a Philosophia Moral, o Direito das Gentes, o Direito Civil, as Leis Patria: a economia civil, que se reduz ao Governo interior de cada Estado.

²³³ *Idem*, p. 204 – 205.

Na terceyra Escola. Todas as couzas que pertinem á Sagrada Religião e ao seu exercício"²³⁴.

Com esse viés pragmático, Ribeiro Sanches trata as ciências em suas *Cartas* não tanto pelo seu conteúdo, mas principalmente pelas funções por elas desempenhadas na produção da virtude individual e na conservação do “Estado Político e Civil”. Vejamos, pois, como ele caracteriza e elenca, de forma processual, as ciências necessárias à “mocidade” no período que antecede o ingresso na universidade.

Segundo ele, nesta idade deve-se, principalmente, cultivar a memória. Para tal finalidade, a primeira sorte de ensino seria a História em conjunto com suas disciplinas auxiliares: a Geografia e a Cronologia. Essa História, porém, não deve somente incluir “quantos Reis teve hua Monarchia; quantas vezes foi conquistada, e quantos Reynos conquistou”, mas sim “o conhecimento das couzas naturais que contem naquella obra de Plinio Segundo: entramos em hum Gabinete de Couzas Naturais”²³⁵. Portanto, em adição à Geografia, neste campo do conhecimento é necessária também a Astronomia.

Em seguida, ainda para que floresça a memória, afirma a necessidade da “História Natural” (Botânica, Zoologia e Mineralogia) “e como he taõ natural saber para que servem estas produçoens da *Natureza*, o Mestre lhes dirá as propriedades e seu uso na Medicina e nas artes mechanicas e liberais”²³⁶. Repara-se como, além da finalidade mnemônica atribuída às ciências naturais, existe uma preocupação com a utilização dos resultados destas ciências no campo das chamadas “artes mechanicas e liberais”, associadas aqui principalmente à agricultura. Por último, o discípulo deve ter contato com os princípios da Física (Ótica, Mecânica, Estática), pois, além de servir para o cultivo da memória, possui função importante no processo de secularização da educação e das ciências:

“a curiosidade que he taõ natural á puerícia dotada de boa indole, o incitará a perguntar a cauza d’aquelles effeitos, que ve obrar por aquelles instrumentos, e ficará informado a não ter por milagres o que são effeitos da natureza”²³⁷.

Mas essas ciências não bastam para a vida civil, pois “necessitamos para ser exactos *pezarmos, midirmos e contarmos* tudo aquilo que temos adquirido pela *observaçam*,

²³⁴ *Ibidem*, p. 321.

²³⁵ *Ibidem*, p.327.

²³⁶ *Ibidem*, p. 327.

²³⁷ *Ibidem*, p. 328.

*lectura e ensino*²³⁸. Eis justificada a necessidade do ensino, durante essa educação preparatória para o ingresso nos estudos superiores, da Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria Plana. A este ensino soma-se, ainda, a necessidade da “arte de *dizer e representar por palavras, e pela escriptura*, o que queremos que outros saibam, e fiquem persuadidos, tanto pela parte de excitar as payxoens da alma, como pela perspicuidade, elegancia e urbanidade do discurso”²³⁹. Assim se justifica o ensino da Retórica e da Poesia. Nesses estudos também figuram a Lógica e a Metafísica “porque o seu objecto he de discorrer com methodo e ordem; ter uma ideia clara tanto das palavras e das couzas, distinguindo e separando o que nellas ha de commum, com as outras, e de particular; [...] Não se entende aqui por Logica e Metaphysica, aquella das Escolas; ja se tem por absurdo gastar tres annos em aprendellas”²⁴⁰.

Percebemos, portanto, que a representação de cada conhecimento que Ribeiro Sanches menciona tem, como argumento favorável, um função utilitária prevista tanto na esfera civil quanto na esfera individual. No entanto, quando comparamos essa classificação presente nas *Cartas sobre a educação da mocidade* com a sistematização dos saberes em *Sur la culture des sciences et des beaux-arts dans l'empire de Russie*²⁴¹ (1765), — texto escrito para Ivan Ivanovic Beckoij, favorito de Catarina II — percebemos que, neste segundo texto, a instrumentalização dos saberes diante da utilidade estatal torna-se muito mais evidente. Segundo Sanches: “*Après avoir trouvé les sciences nécessaires pour administrer les affaires de l'Empire; comme aussi les moyens et par quels secours ces sciences devoient être naturalisé en Russie*”²⁴². Os saberes necessários ao Império Russo, dessa maneira, são divididos da seguinte maneira: “Ciências Civas” — Moral, Direito Natural, Direito das Gentes, Direito Público, Leis municipais, Economia dos Estados; “Ciências Elementares ou Instrumentais” — Lógica, Matemáticas Elementares, Física Geral, História, Geografia, Cronologia; “Línguas doudas e modernas” — Língua Eslava, Alemão, Francês e Latim (em casos específicos); “Ciências Úteis” — Física Geral, Astronomia, Geografia,

²³⁸ *Ibidem*, p. 328.

²³⁹ *Ibidem*, p. 328.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 329.

²⁴¹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. “Sur la culture des sciences et des beaux arts dans l’empire de Russie”. In: David Willemse. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie. Op. cit.*, p.126-167. O manuscrito original desse texto encontra-se na Coleção do Conde da Barca (“Coleccção de autographos ineditos do celebre medico portuguez Antonio Ribeiro Sanches”, Ms. 640), na Biblioteca Pública de Braga.

²⁴² [“Após ter encontrado as ciências necessárias para administrar os negócios do Império; como também os meios e por quais auxílios essas ciências devem ser naturalizadas na Russia”] *Idem*, p. 128.

Náutica, História Natural, Química, Física Experimental, Matemáticas, Mecânica, Engenharia, Medicina²⁴³.

A aprendizagem dessas ciências obedece, como ocorre nas *Cartas sobre a educação da sociedade*²⁴⁴, a uma concepção hierarquizada da população. Segundo Ribeiro Sanches, os *Roturiers* não deveriam ficar excluídos do projeto educacional russo. No entanto “*L’Empire ne doit pas faire la moindre dépense avec les Roturiers pour apprendre les sciences civiles; cette classe de sujets est destinée seulement pour servir l’Empire dans les Sciences utiles et dans les arts, et seulement dans ces connoissances est que l’Empire doit faire des dépenses*”²⁴⁵. Dessa forma, se aos plebeus restringe-se o ensino das Ciências Úteis, que descrevemos acima, à nobreza delega-se a aprendizagem das Ciências Cívicas, necessárias para a administração estatal, e das Ciências Instrumentais, que são os meios pelos quais se compreende as ditas Ciências Cívicas.

Os exemplos supracitados permitem, a meu ver, compreender o discurso de Ribeiro Sanches quanto à ciência sob dois aspectos específicos: em primeiro lugar, nos textos reformistas, a ciência assume um papel estritamente pragmático, subordinada a um ideal de utilitarismo régio baseado no princípio de “Conservação”²⁴⁶; em segundo lugar, o aspecto prático do discurso de Ribeiro Sanches nos permite inseri-lo não só nos reformismos português e russo, como também evidencia-se como método de ascensão e acúmulo de legitimidade perante as instâncias estatais que controlam os mecanismos de legitimação científica²⁴⁷.

²⁴³ *Ibidem*, p. 128.

²⁴⁴ As *Cartas sobre a educação da mocidade* debruçam-se, principalmente, para o ensino da nobreza portuguesa, assim como das camadas úteis da população (médicos, comerciantes, etc.). A educação não considera toda a população, argumento que se justifica pelo abandono da agricultura caso todos pudessem estudar.

²⁴⁵ “[O Império não deve ter a mínima despesa com os plebeus para que aprendam as ciências civis; esta classe de sujeitos está destinada somente a servir o Império nas Ciências úteis e nas artes, e somente nesses conhecimentos é que o Império deve ter despesas.”] Antonio Nunes Ribeiro Sanches “Sur la culture des sciences et des beaux arts dans l’empire de Russie”. *Op. cit.*, p. 129.

²⁴⁶ Segundo o próprio Ribeiro Sanches, a Conservação seria uma faculdade natural, presente tanto no indivíduo, quanto nas sociedades civis. “Depois da Criação e do nascimento a lei mais universal que experimenta no Universo é a da Conservação. Todo o Estado ou República é obrigado a prover a esta primeira e principal obrigação[;] assim o pai de famílias é obrigado de sustentar a sua família.” Antonio Nunes Ribeiro Sanches. “Sobre a Agricultura”. In: _____. *Sobre a Agricultura, Alfândegas, Colônias e Outros textos*. Faustino Cordeiro (org); António Borges Coelho (prefácio). Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 2000.

²⁴⁷ No caso russo, o episódio da suspensão da pensão de Ribeiro Sanches em 1747 demonstra como a dinâmica dos quadros da Academia Imperial de Ciência de São Petersburgo obedece à lógica das intrigas cortesãs. No caso português, mesmo com a ausência de uma instituição de tamanho renome quanto à de São Petersburgo, é possível constatar que as relações cortesãs também delimitam o acesso à legitimidade. Para legitimar essa afirmação, basta lembrar que Ribeiro Sanches, em 1759, obtém uma pensão do Estado

3.3. A polêmica da Sífilis

“— Ah! — exclamou Cândido. — Eu conheci esse amor, esse rei dos corações, essa alma da nossa alma: jamais me rendeu mais que um beijo e vinte pontapés por detrás. Como foi possível que essa linda causa produzisse, na sua pessoa, tão detestável efeito?

Pangloss respondeu com as seguintes palavras:

— Ó meu estimado Cândido! Você conheceu Paquette, a bonita criadinha da nossa venerada baronesa; desfrutei em seus braços as delícias do paraíso, que causaram em mim estes tormentos do inferno de que me vê consumido; ela estava infectada e talvez tenha morrido disso. Paquette havia recebido esse presente de um franciscano muito erudito, que havia remontado à fonte, já que o adquirira de uma velha condessa, que o recebera de um pajem, que o tomara de um jesuíta que, quando noviço, havia-o herdado em linha reta de um dos companheiros de Cristóvão Colombo. Quanto a mim, não o passarei para ninguém, pois estou moribundo.

— Ó Pangloss — exclamou Cândido. — Que estranha linhagem! A cepa não terá sido o diabo?

— Que nada! — retrucou o grande homem. — Era uma coisa indispensável no melhor dos mundos, um ingrediente necessário: pois, se Colombo não tivesse sido contaminado, em uma ilha da América, por essa doença que envenena a fonte de geração, e que é claramente o inverso do grande objetivo da natureza, nós não teríamos nem chocolate nem cochinilha; é preciso considerar que até hoje, no nosso continente, esta doença nos é própria, como a polêmica. Os turcos, os hindus, os persas, os chineses, os siameses, os japoneses ainda não a conhecem; mas há uma razão suficiente para que a conheçam, por sua vez, em alguns séculos. Enquanto isso, ela vai fazendo um maravilhoso progresso entre nós, e sobretudo nesses grandes exércitos compostos de dignos mercenários, tão polidos que decidem a respeito do destino das nações; pode-se ter certeza de que, quando 30 mil homens combatem em formação contra tropas iguais em número, há cerca de 20 mil contaminados em cada lado”²⁴⁸.

Neste reencontro entre Cândido e seu mestre otimista Pangloss, ocorrido em algum lugar da Holanda, Voltaire menciona diversos termos da “polêmica” sobre a origem da sífilis no continente europeu. Dentre estes, o que mais nos interessa no

português após negociação com D. Luís da Cunha Manuel. No entanto, em 1761 sua remuneração é suspensa, sendo restituída somente em 1769. Segundo Maximiano Lemos, a suspensão da pensão teria sido motivada por desentendimentos entre Ribeiro Sanches e o embaixador português em Paris durante o período, Pedro da Costa de Almeida Salema. Maximiano Lemos. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. Porto: Editor Eduardo Tavares Martins, 1911.

²⁴⁸ VOLTAIRE. “Cândido ou O Otimismo”. In: *Contos*. Tradução: Roberto Domênico Proença. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, pp. 149-150.

momento é a reprodução daquela que podemos chamar de “tese americana”, a mais difundida durante o século XVIII. Esta tese, que tem como principal obra difusora o *De Morbis Venereis* (1736), escrito pelo médico francês Jean Astruc (1684-1766), afirma que a sífilis chegou à Europa com as embarcações que retornaram da América quando da primeira expedição de Colombo, ou seja, os espanhóis teriam sido contaminados através de relações sexuais com os povos do Novo Mundo.

Dentre as vozes que participaram, no Século das Luzes, do debate sobre a *lues venerea*, destacamos aqui o papel assumido pelo médico português António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783). São várias suas publicações sobre o tema: em 1750, sai a *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* (reeditada em 1752 e 1756 em Paris, e em 1751 em Londres); de 1774 data sua segunda publicação, denominada *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe*, supostamente editada em Lisboa; em 1778 essas duas obras são reunidas pelo médico e amigo de Sanches, Hieronymus David Gaubius (1705-1780), com publicação em Leiden; postumamente, em 1785, são publicadas as *Observations sur les maladies vénériennes* com a chancela da Sociedade Real de Medicina de Paris.

Quanto à origem da sífilis na Europa, é constante na obra de Ribeiro Sanches a refutação da tese de Jean Astruc, tendo em vista demonstrar a presença do mal venéreo no Velho Mundo antes das viagens de Colombo. Para tal fim, o médico português baseia-se no acúmulo de documentos que comprovam a impossibilidade de relacionar o contexto dos Descobrimentos com a geografia e com a cronologia da disseminação europeia da sífilis²⁴⁹.

Porém, a referência textual com a qual começamos, o romance de Voltaire, nos remete também a um outro fator quanto à polêmica sobre a origem da sífilis: demonstra que a discussão sobre a história da disseminação da doença na Europa ultrapassa as fronteiras do debate dentro do grupo médico europeu. Dessa forma, creio ser interessante analisar a presença dessa temática, de forma breve, na *History of America*²⁵⁰ de William Robertson (1721-1793) e na *Historia Antigua del Mexico*²⁵¹ de Francisco Xavier Clavijero (1731-1787).

Começemos pelo texto de Robertson.

²⁴⁹ Ana Cristina Araújo. “Medicina e Utopia em António Nunes Ribeiro Sanches”. *Op. cit.*.

²⁵⁰ William Robertson. *History of America*. Paris: Baudry at the Foreign Library, 1828. Versão digital: <http://books.google.com/> Acessado em: 18/09/2009.

²⁵¹ Francisco Javier Clavijero. “Disertacion IX”. In: *Historia Antigua de Megico*. Vol. 2. Londres: R. Ackerman, strand, 1826. Versão Digital: <http://books.google.com/> Acessado em: 16/09/2009.

A questão da sífilis na *History of America* de 1777 é mencionada de forma bastante breve no final das considerações sobre as características físicas dos habitantes do Novo Mundo. Em um parágrafo, Robertson discorre sobre o mal venéreo de forma a reiterar a tese de Jean Astruc, ou seja, a “tese americana”. Segundo ele, as doenças americanas não são, como as europeias, causadas pela luxúria, mas sim pelas árduas condições da vida selvagem²⁵². Porém, ao caracterizar a sífilis, Robertson a vincula necessariamente ao prazer, definindo-a da seguinte forma: “*One dreadful malady, the severest scourge with which, in this life, offended heaven chastens the indulgence of criminal desire, seems to have been peculiar to the Americans*”²⁵³.

Não vamos nos prender aqui à possibilidade de apontar uma contradição interna à *History of America*²⁵⁴, mas sim à comunhão nela presente entre características físicas — neste caso uma especificidade patológica — e aspectos morais, ou comportamentais. Para reforçar essa ideia, cito outra passagem que atesta essa linha interpretativa: “*The beardless countenance and smooth skin of the American seems to indicate a defect of vigour, occasioned by some vice in his frame. He is destitute of one sign of manhood and of strength*”²⁵⁵.” Nessas linhas fica clara a caracterização do selvagem como um ser fraco devido à ausência dos “sinais de virilidade” presentes no homem europeu.

Dessa forma, podemos afirmar que o tratamento conferido às características do povo americano dá-se sob um enfoque comparativo, no qual o habitante da Europa serve como modelo ideal de humanidade e civilidade. Essa metodologia, devedora da ideia de progresso (neste caso, da teoria dos “estágios de desenvolvimento humano”), torna-se ainda mais evidente com as afirmações de Robertson quanto à necessidade de se estudar a realidade ameríndia:

²⁵² “None of the maladies, which are the immediate offspring of luxury, ever visited them; and they have no names in their languages by which to distinguish this numerous train of adventitious evils. (...) If luxury engenders and nourishes distempers of one species, the rigour and distresses of savage life bring on those another.” [“Nenhuma das doenças, as quais são o imediato fruto da luxúria, jamais os visitaram; e eles não possuem nomes em suas línguas pelos quais distinguem este numeroso encadeamento de malefícios acidentais. (...) Se a luxúria engendra e alimenta doenças de uma espécie, o rigor e os perigos da vida selvagem provocam outras.”] William Robertson. *History of America. Op. cit.* p. 162.

²⁵³ [Uma terrível doença, a mais severa praga com a qual, nesta vida, o céu ofendido puniu a indulgência do desejo criminoso, parece ter sido peculiar aos americanos.”] William Robertson. *History of America. Op. cit.* p. 162.

²⁵⁴ Ou seja, uma doença relacionada intrinsecamente ao desejo e à luxúria ser peculiar a um estágio humano que desconhece, pelas palavras do autor, os malefícios causados pela libido.

²⁵⁵ [“A face imberbe e a pele lisa do Americano parecem indicar um defeito de vigor, ocasionado por algum defeito em sua estrutura. Ele é destituído de um sinal de virilidade e força.”] William Robertson. *History of America. Op. cit.* p. 154.

*"In order to complete the history of the human mind, and attain to a perfect knowledge of its nature and operations, we must contemplate man in all those various situations wherein he has been placed. We must follow him in his progress through the different stages of society, as he gradually advances from the infant of civil life towards its maturity and decline. (...) But the discovery of the new world enlarged the sphere of contemplation, and presented nations to our view, in stages of their progress, much less advanced than those wherein they have been observed in our continent. (...) That state of primeval simplicity, which was known in our continent only by the fanciful description of poets, really existed in the other. The greater part of its inhabitants were strangers to industry and labour, ignorant of arts, imperfectly acquainted with the nature of property, and enjoying, almost without restriction of control, the blessings which flowed spontaneously from the bounty of nature"*²⁵⁶.

Na citação acima evidencia-se, de um lado, a utilização do conceito de humanidade, ou seja, toma-se a espécie humana como um todo homogêneo; por outro lado, demonstra-se a possibilidade de hierarquizar os grupos humanos a partir do estágio de desenvolvimento no qual se encontram. Para tal tarefa, toma-se a sociedade do analista como parâmetro de comparação, por ser esta a mais desenvolvida na longa marcha humana. Analisa-se, portanto, o estágio selvagem a partir dos valores vigentes na sociedade europeia, ou seja, os habitantes do Novo Mundo são avaliados de acordo com a capacidade que possuem de compreender a natureza da propriedade, de desenvolverem as artes e as ciências, etc.

É exatamente contra esse discurso — que opera uma oposição entre a sociedade do Velho Mundo (sinônimo de civilização e tida como mais alto estágio do progresso humano) e os habitantes da América (inferiorizados como representantes da primeira etapa do desenvolvimento humano) — que se insurge a voz de Francisco Xavier Clavijero. Em sua *Historia Antigua del Mexico* (1780-1781), o padre jesuíta nascido na

²⁵⁶ ["Com o intuito de completar a história da mente humana, e atinar com o perfeito conhecimento de sua natureza e operações, nós devemos contemplar o homem em todas aquelas várias situações onde ele foi colocado. Nós devemos segui-lo no seu progresso através dos diferentes estágios da sociedade, enquanto ele gradualmente avança da infância da vida civil em direção ao sua maturidade e declínio. (...) Mas a descoberta do novo mundo aumentou a esfera de contemplação, e apresentou nações a nós em estágios de seus progressos muito menos avançado do que aqueles que foram observados em nosso continente. (...) Aquele estado de simplicidade primitiva, que em nosso continente foi conhecida somente pela descrição fantasiosa dos poetas, realmente existiu no outro. A maior parte de seus habitantes eram estranhos à indústria e ao trabalho, ignorante das artes, imperfeitamente familiarizados com a natureza da propriedade, e aproveitavam, quase sem controle, as bênçãos que emanavam espontaneamente da graça da natureza."] *Idem*. pp. 149-150.

América utiliza-se do paradigma teórico das Luzes, em conjunto com uma vasta erudição, para combater a imagem degenerada do Novo Mundo.

Porém, se durante a maior parte de seu texto a contenda trava-se, principalmente, contra De Pauw (1739 - 1799), Buffon e Robertson, em sua *Disertacion IX* Clavijero ataca a “tese americana” de Jean Astruc, de modo a invalidar seus argumentos, seja através da comparação entre América e Europa, seja de acordo com estudos históricos que deslegitimam a hipótese do médico francês que diz respeito à possibilidade de a epidemia europeia ter sido ocasionada pela viagem de Colombo.

Discorramos de maneira mais detida sobre as formas utilizadas por Clavijero no combate à “tese americana”.

Primeiramente, devemos atentar para a utilização de argumentos calcados numa erudição bastante ampla, que demonstra domínio sobre uma bibliografia relativa ao “mal venéreo”. Estes argumentos, por sua vez, podem ser divididos em três grupos distintos, cada um com um propósito único no texto.

O primeiro grupo de documentos por ele resgatado é composto pelas menções à tradição médica sobre a epidemia de sífilis em Nápoles, no ano de 1495. Segundo o próprio autor: *“Todos los que escribieron antes de 1525, y aun algunos de los que escribieron despues lo atribuyen a diversas causas, cuyo eenumeracion exitará sin duda en nuestros lectores a veces la compasion, y a veces la risa”*²⁵⁷. Logo após esta afirmação segue uma lista de causas possíveis ao mal que assolou Nápoles. Citando de motivos astrológicos a episódios relacionados à invasão francesa em território napolitano no ano de 1494, Clavijero demonstra a dificuldade de se traçar a real causa da disseminação da doença na Europa, além de evidenciar o caráter hipotético no qual se insere tal discussão: *“Como no es posible saber quien fue el primero que padecio el mal en Europa, tampoco se puede saber su causa: veamos pues, no lo que sucedio, sino lo que pudo suceder.”*²⁵⁸

Um segundo grupo de argumentos é utilizado *“Para demonstrar que el mal venereo pudo comunicarse por via de contagio a Europa, de otros paises del mismo continente.”*²⁵⁹. Para tal fim, Clavijero demonstra a possibilidade de rastrear a existência

²⁵⁷ [Todos os que escreveram antes de 1525, e alguns dos que escreveram depois o atribuem a diversas causas, cuja enumeração excitará sem dúvida, em nossos leitores, às vezes a compaixão, e às vezes o riso"] Francisco Javier Clavijero. “Disertacion IX”. *Op. cit.* p. 432.

²⁵⁸ [”Como não é possível saber quem foi o primeiro que padeceu desse mal na Europa, tão pouco se pode saber sua causa: vejamos, pois, não o que se sucedeu, senão o que pode suceder.”] *Idem.* p. 433.

²⁵⁹ [”Para demonstrar que o mal venéreo pôde comunicar-se à Europa através do contágio a partir de outros países do mesmo continente.”] *Ibidem.* p. 433.

da sífilis em outros continentes que não a América. Assim, utiliza-se da tese de André Thevet (1516 - 1590) para afirmar que o mal venéreo era endêmico nas províncias africanas; ou ainda utiliza-se do conhecimento sobre a China de P. Foureau, para afirmar a possível existência desse mal no Oriente. A partir destes argumentos, Clavijero invalida a argumentação de Astruc quanto à impossibilidade de disseminação da sífilis através do comércio com os continentes africano e asiático, demonstrando a existência de complexas relações comerciais entre Ásia, África e Europa.

O terceiro e último grupo de argumentos, baseado em relatos sobre a invasão de Nápoles, leva à constatação da incompatibilidade cronológica entre as viagens de Colombo e a epidemia napolitana. De acordo com Clavijero, o primeiro texto a mencionar a origem americana da sífilis foi o *Sumario de la Historia General de las Indias* (1525), escrito por Gonzalo Hernandez de Oviedo (1478 - 1557). Essa declaração de Oviedo teria sido, portanto, a base da “tese americana” defendida por Astruc.

É essa afirmação de Oviedo que Clavijero contesta. Eis no que consiste, segundo o jesuíta mexicano, a proposição que causa discórdia:

“En el lib. ii, capitulo 14, de la Historia General de las Indias, dice que los Españoles que volvieron a España con el almirante Colon el año de 1596, de su segundo viaje al Nuevo Mundo, trageron de Haiti el mal venereo, juntamente con las muestras de oro, de las famosas minas de Cibao; que algunos de ellos, ya contagiados, pasaron a Italia, con el gran Capitan Gonsalo Fernandez de Cordoba, y contagiaron, por medio de las Italianas, a los Franceses que habian venido con el rei Carlos VIII a tomar el reino de Napoles”²⁶⁰.

Para Clavijero, tal cronologia parece impossível. Colombo teria chegado à Espanha de sua segunda viagem em 3 de junho de 1496, enquanto que a Europa já estaria infestada pela sífilis desde o ano anterior, como informa diversos outros testemunhos. Dessa forma, através de análises profundas da cronologia da guerra e dos relatos difundidos sobre a invasão de Nápoles, Clavijero sustenta que as datas propostas por Astruc, possivelmente inspiradas por Oviedo, não correspondem à realidade.

Em segundo lugar, cabe ressaltar que aos argumentos baseados em uma tradição bibliográfica sobre a difusão da sífilis soma-se uma discussão que possui como

²⁶⁰ [“No lib. II, capítulo 14, da *Historia General de las Indias*, diz que os Espanhóis que voltaram para a Espanha com o almirante Colombo no ano de 1596, de sua segunda viagem ao Novo Mundo, trouxeram do Haito o mal venéreo, juntamente as amostras de ouro das famosas minas de Cibao; que algunos deles, já contaminados, passaram para a Itália, com o grande Capitão Gonsalo Fernandez de Cordoba, e que contaminaram, por meio das Italianas, o Franceses que tinham vindo com o rei Carlos VIII para tomar o reino de Nápoles.”] *Ibidem*, p. 442.

principal método a inversão das hipóteses climáticas e alimentares sustentadas por Astruc.

Para o autor do *De Morbis Venereis*, o desenvolvimento da sífilis no organismo dos habitantes americanos se dá, primeiramente, pela alimentação à qual estão submetidos. A carência de milho e de mandioca na *isla Española* restringiu a dieta dos povos do Novo Mundo a gêneros como aranhas, minhocas e morcegos. Em segundo lugar, o clima quente dos trópicos alterava a menstruação feminina, tornando-a mais acre e virulenta, principalmente quando associada à má alimentação. Ambos os aspectos, por fim, encontram a condição ideal de disseminação da sífilis na promiscuidade inerente à mulher indígena.

Tidas por Astruc como peculiaridades do continente americano, as características acima são, por Clavijero, tomadas por possíveis também na Europa. Segundo ele: “(...) *pero suponiendo que todo ello sea cierto, sostengo lo que he dicho antes, es decir que lo mismo que él refiere de la isla de Haiti pudo suceder en Europa*”²⁶¹.

Para demonstrar que a sífilis poderia ter se desenvolvido normalmente no continente europeu, Clavijero chega até mesmo a discutir a maneira de disseminação do “mal venéreo”, afirmando ser possível adquirir a doença por outras formas que não a contaminação:

“Esto supuesto, es necesario saber que casi todos los medicos son de opinion que la enfermedad de que vamos hablando no puede provenir si no es por contagio, (...) Mas yo, com permiso de estos señores, sostengo que el mal venereo pude absolutamente engendrarse en el hombre sin ningun contagio o comunicacion con los contagiados; por que puede engendrarse en un individuo del mismo modo que en el primero que lo padecio”²⁶².

Dessa forma, refutando as teses supracitadas, o jesuíta mexicano menciona ainda três argumentos de Astruc que são julgados como puramente arbitrários:

“Dice en primer lugar que los Indios de la Española comian arañas, gusanos, y otras inmundicias; mas esto pudo suceder algunos años despues del

²⁶¹ [“(…) mas supondo que tudo isto seja certo, sustento o que disse antes, é dizer que o mesmo que ele afirma da ilha do Haiti pôde acontecer na Europa.”] *Ibidem*, p. 437.

²⁶² [“Isto dito, é necessário saber que quase todos os médicos são da opinião que a enfermidade que vamos falando não pode provir senão por contágio, (...) Mas eu, com permissão destes senhores, sustento que o mal venéreo pode engendrar-se absolutamente no homem sem nenhum contágio ou com comunicação com os contagiados; por que pode engendrar-se num indivíduo do mesmo modo que no primeiro que dele padeceu.”] *Ibidem*. p. 435.

descubrimiento de la isla, cuando los Americanos huyendo del furor de los conquistadores Españoles, andaban dispersos, y errantes por los bosques. (...) En segundo lugar asegura que em la isla española 'nemo se a menstruatibus mulieribus continebat: pero yo quisiera que este dato se fundára em la autoridad de algun escritor antiguo: yo no lo encuentro, antes bien, entre las cosas singulares que los viajeros Europeos notaron entre las tribus mas barbaras fue que aquellos hombres se abstenian de sus mugeres durante la evacuacion periodica. (...) En tercer lugar Mr. Astruc representa a los hombres, y a las mugeres de Haiti extraordinariamente estimulados por una luxuria rabiosa, y violenta. Mr. de Paw, y el Conde de Buffon dicen por el contrario que los Americanos son friisimos, y insensibles a los estímulos del amor. ¿Qué quiere decir esta contradiccion sino que aquellos autores sistematicos pintan a los Americanos con los colores que mas les convienen? Cuando quieren probar la apatia, y la insensibilidad de los Americanos, dicen que son friisimos: cuando quieren desacreditar sus costumbres, y atribuirles el origen del mal venereo, dicen que son extraordinariamente libidinosos²⁶³."

Por fim, a argumentação levada a cabo por Clavijero não só lhe permite descartar a possibilidade de a epidemia europeia ter sido originada na América, como lhe faz pensar o contrário: que os europeus foram responsáveis pela disseminação do “mal venéreo” no Novo Mundo. Para confirmar sua tese, menciona a inexistência de referências à sífilis nas memórias de Colombo ou de Pedro Martir (autor contemporâneo ao descobridor da América), além de se referir à maior difusão do “mal venéreo” no continente europeu quando em comparação com o americano. Segundo Clavijero, a hipótese que lhe parece mais provável é a disseminação da sífilis a partir da nação portuguesa, que teria sido contaminada através do contato com os povos da África.

Com isso, a partir da leitura dos textos de Robetson e de Clavijero, podemos afirmar que o debate sobre a origem da sífilis constitui mais uma linha em meio à polêmica do Novo Mundo. A imputação da disseminação do mal venéreo à população

²⁶³ ["Disse em primeiro lugar que os Índios da Espanhola comiam aranhas, larvas, e outras imundícies; mas isto pôde suceder-se alguns anos depois do descobrimento da ilha, quando os Americanos fugindo do furor dos conquistadores Espanhois, andavam dispersos, e errantes pelos bosques. (...) Em segundo lugar assegura que na ilha espanhola 'nemo se a menstruatibus mulieribus continebat': mas eu gostaria que este dato se fundara na autoridade de algum autor antigo: eu não o encontro, antes bem, entre as coisas singulares que os viajantes Europeus notarão entre as tribos mais bárbaras foi que aqueles homens se abstinham de suas mulheres durante a evacuação periódica. (...) Em terceiro lugar Mr. Astruc representa os homens e as mulheres do Haiti extraordinariamente estimulados por uma luxúria raivosa e violenta. Mr. de Paw, e o Conde de Buffon dizem pelo contrário que os Americanos são friíssimos, e insensíveis aos estímulos do amor. O que quer dizer esta contradição senão que aqueles autores sistemáticos pintam os Americanos com as cores que mais lhes convêm? Quando querem provar a apatia, e a insensibilidade dos Americanos, dizem que são friíssimos: quando querem desacreditar seus costumes, e atribuir-lhes a origem do mal venéreo, dizem que são extraordinariamente libidinosos."] *Ibidem*. pp. 439-440.

americana participa, como notamos, do processo de caracterização do estágio selvagem no qual esta se encontrava. Se, por um lado, o conceito de humanidade presente no pensamento iluminista caracteriza-se, muitas vezes, por certa homogeneidade de condições entre as mais diversas “nações”, por outro, a desigualdade atestada no desenvolvimento humano permite a hierarquização desses grupos, processo este em nada isento de valorações.

Essa descrição sobre as condições do selvagem compete à construção de uma identidade europeia e à exaltação de valores comuns às sociedades mais desenvolvidas. Associados, por sua vez, ao ideal de um progresso humano como programa filosófico, os valores europeus constituem a matriz sobre a qual se basearia a difusão da civilização europeia.

Dessa forma, a temática da sífilis pode nos remeter ao problema da função da história no discurso iluminista, no momento em que essa disciplina comunica-se constantemente com uma prática filosófica que não repousa somente na contemplação do mundo, mas que intenta a modificação deste a partir do conhecimento e da razão.

Por fim, o estudo da polêmica sobre a origem da sífilis na Europa remete-nos a uma discussão recorrente a respeito da interpretação da “migração de ideias”. Como vemos, o debate sobre o “mal venéreo” — no qual se insere a voz do personagem de minha dissertação e pelo qual se torna este reconhecido na “República da Ciência” — é apropriado de diversas formas, de acordo com propósitos diferentes.

No caso de Robertson, a “tese americana” difundida por Astruc reitera a assimetria entre Europa e América a partir da associação da sífilis com o estágio selvagem em que os americanos se encontravam, disseminando por sua vez uma filosofia moralizante, comumente associada à função social do médico no século XVIII²⁶⁴. Enquanto isso, a voz de Clavijero insurge-se em defesa da América, contrapondo-se à visão recorrente do continente americano como atrasado em comparação com aos outros estágios do desenvolvimento humano e ao qual são impostas interpretações que, utilizando-se de uma retórica científica, reforçam o subdesenvolvimento do Novo Mundo. E é com o intuito de combater essa visão eurocêntrica que o jesuíta mexicano se utiliza do debate sobre a origem do “mal venéreo”, defendendo outra forma de difusão deste mal na Europa.

²⁶⁴ Ana Cristina Araújo. “Medicina e Utopia em Ribeiro Sanches”. *Op. cit.*, p. 72.

Assim, tomando em consideração somente o conteúdo da defesa de Clavijero, torna-se quase irresistível associá-lo ao ataque operado por António Nunes Ribeiro Sanches contra a tese de Jean Astruc, pressupondo talvez que o primeiro teria lido o segundo. Neste caso específico, para nossa sorte, temos a possibilidade de analisar o primeiro parágrafo do texto de Clavijero e, principalmente, sua primeira nota de rodapé.

As primeiras linhas do texto introduzem de forma evidente o intuito de Clavijero:

“En la presente disertacion no tengo que disputar tanto solo com Mr. de Paw, si no com casi todos los Europeos, entre los cuales está mui propagada la opinion de que el mal venereo debe su origen al Nuevo Mundo: recurso que tomaron las naciones de Europa, como de comum acuerdo, despues de haberse estado echando en cara unas a otras, por espacio de treinta años el origen de tan vergonzosa enfermedad. Yo incurriria sin duda en la nota de temerario, al querer combatir una creencia tan general, si los argumentos de que voi a echar mano, y el egemplo de dos Europeos modernos no justificasen en alguno modo mi osadia²⁶⁵.”

Dessa forma, afirma Clavijero que seu ataque à “tese americana” justifica-se através de seus argumentos e a partir da posição de dois europeus modernos, que são citados na nota de rodapé exposta abaixo:

“Estos dos autores antiguos son Guillermo Becket, cirujano ingles, y Antonio Ribero Sanchez. Becket escribio tres disertaciones para probar que el mal venereo era ya conocido em Inglaterra desde el siglo XIV. Ribero escribio una disertacion, impresa en Paris, em 1765, con este titulo: ‘Disertacion sur l’origine de la Maladie Venerienne, dans la quelle on prouve qu’elle n’a point ete portée de l’Amerique’. Habiendo leido este titulo en el catalogo de los libros y MSS Españoles del tomo iv de la Historia de Robertson, he buscado la obra en muchas ciudades de Europa; y no he podido encontrarla: ni sé si el autor es Español o Portugues, como lo indica su apellido, o nacido en Francia de padres Españoles o Portugueses²⁶⁶.”

²⁶⁵ [“Na presente dissertação não tenho que disputar tão somente com Mr. de Paw, senão com quase todos os Europeus, entre os quais está muito propagada a opinião de que o mal venéreo deve sua origem ao Novo Mundo: recurso que tomaram as nações da Europa, como de comum acordo, depois de haver-se estado jogando uma na cara das outras, pelo espaço de trinta anos a origem de tão vergonhosa enfermidade. Eu incorreria sem dúvida no tom de temerário, ao querer combater uma crença tão geral, se os argumentos que vou deitar mão, e o exemplo de dois Europeus modernos não justificassem de algum modo minha ousadia.”] Francisco Xavier Clavijero. “Disertacion IX”. *Op. cit.*, p. 431.

²⁶⁶ [“Estes dois autores antigos são Guillermo Becket, cirurgião inglês, e Antonio Ribero Sanches. Becket escreveu três dissertações para provar que o mal venéreo já era conhecido na Inglaterra desde o século XIV. Ribero escreveu uma dissertação, impressa em Paris, em 1765, com este título: ‘Disertacion sur l’origine de la Maladie Venerienne, dans la quelle on prouve qu’elle n’a point ete portée de l’Amerique’. Tendo lido este título no catálogo dos livros e MSS Espanhois do tomo IV da *Historia* de Robertson, busquei a obra em muitas cidades da Europa; e não pude encontrá-la: nem sei se o autor é Espanhol ou

Clavijero, portanto, afirma em seu texto não ter lido a obra de Ribeiro Sanches. Porém não só afirma conhecê-la como dela se utiliza para justificar sua posição, quase temerária, de combater a “tese americana”. E isso não é só: Clavijero toma conhecimento da obra de Sanches a partir da análise dos textos citados por Robertson em sua *History of England*, na qual a dissertação do médico português é mencionada duas vezes: uma no *Catalogue of Spanish books and manuscripts*²⁶⁷, e outra na nota L, referente ao parágrafo no qual reitera a “tese americana”:

“Antonio Sanchez Ribeiro, a learned and ingenious physician, published a dissertation in the year 1765, in which he endeavours to prove that this disease was not introduced from America, but took its rise in Europe, and was brought on by an epidemical and malignant disorder. Did i choose to enter into a disquisition on this subject, which I should not have mentioned, if it had not been intimately connected with this part of my inquiries, it would not be difficult to point out some mistakes with respect to the facts upon which he founds, as well as some errors in the consequences which he draws from them. The rapid communication of the disease from Spain over Europe, seems, however, to resemble the progress of an epidemic, rather than that of a disease transmitted by infection”²⁶⁸.”

3.4. Progresso e conservação

Ao tentar definir esse conceito, John Bagnell Bury, em 1920, delega às ideias um considerável poder sobre a prática dos homens. Segundo ele

“When we say that ideas rule the world, or exercise a decisive power in history, we are generally thinking of those ideas which express human aims and depend for their realisation on the human will, such as liberty, toleration, equality of opportunity, socialism. Some of these have been partly realised, and there is no reason why any of them should not be fully realised, in a society or in the world, if it were the united purpose of a society or in the world to realise it. They are approved or condemned because they are held to be good or bad, not because they are true or

Português, como indica seu sobrenome, ou nascido na França de pais Espanhois ou Portugueses.”] *Idem*, p. 431.

²⁶⁷ Willian Robertson. *History of America*. *Op. cit.* p. XIII.

²⁶⁸ [“Antonio Sanchez Ribeiro, um estudado e engenhoso médico, publicou uma dissertação no ano de 1765, na qual ele empenha-se em provar que esta doença não foi introduzida a partir da América, mas teve seu surgimento na Europa, e surgiu por meio de uma disfunção epidêmica e mortal. Não teria entrado na discussão sobre este assunto, o qual eu não deveria ter mencionado, se ele não estivesse intimamente conectado com esta parte de minhas investigações, e não seria difícil apontar alguns erros no que diz respeito aos fatos sobre o qual ele se fundamenta, assim como alguns erros nas consequências que ele infere desses fatos. A rápida comunicação da doença a partir da Espanha para a Europa parece, no entanto, assemelhar-se com o progresso de uma epidemia, e não de uma doença transmitida por infecção.”] *Idem*. p. 550.

false. But there is another order of ideas that play a great part in determining and directing the course of man's conduct but do not depend on his will — ideas which bear upon the mystery of life, such as Fate, Providence, or personal immortality. Such ideas may operate in important ways on the forms of social action, but they involve a question of fact and they are accepted or rejected not because they are believed to be useful or injurious, but because they are believed to be true or false.

The idea of progress of humanity is an idea of this kind, and it is important to be quite clear on the point. (...) But though all increases of power and knowledge depend on human effort, the idea of the Progress of humanity, from which all these particular progresses derive their value, raises a definite question of fact, which man's wishes or labours cannot affect any more than his wishes or labours can prolong life beyond the grave²⁶⁹".

Para o historiador irlandês das ideias, portanto, a concepção de progresso pode ser definida como uma ideia que desempenha um grande papel na determinação da conduta do homem, mas independe da vontade humana para a sua realização: não importa quanto a humanidade trabalhe, suas ações não podem constatar ou determinar o ritmo do progresso. A afirmação de que o conceito de progresso aproxima-se da ideia de Providência por ser uma questão de fé provém, necessariamente, da impossibilidade de julgarmos com antecedência o resultado desse movimento em direção a um futuro melhor: *"In short, it cannot be proved that the unknown destination towards which man is advancing is desirable. The movement may be Progress, or it may be in an undesirable direction and therefore not Progress²⁷⁰".* Além disso, o ponto final alcançado por essa trajetória não necessariamente depende da vontade humana, pois

²⁶⁹ ["Quando dizemos que as ideias dominam o mundo, ou exercem um poder decisivo sobre a história, estamos pensando, geralmente, naquelas ideias que expressam objetivos humanos e dependem, para sua realização, da vontade humana, como a liberdade, a tolerância, ingualdade de oportunidade, socialismo. Algumas delas foram parcialmente realizadas, e não há razão nenhuma para que não sejam totalmente realizadas, na sociedade ou no mundo, uma vez que seja vontade única da sociedade ou do mundo realizá-las. Elas são aprovadas ou condenadas porque são tidas como boas ou más, não porque são verdadeiras ou falsas. Mas existe um outra ordem de ideias que desempenha um grande papel em determinar e dirigir o curso da conduta humana mas que não dependem de sua vontade — ideias que se relacionam com o mistério da vida, como o Destino, Providência, ou imortalidade pessoal. Essas ideias podem operar de maneira importante sobre as formas da ação social, mas elas envolvem uma questão de fato e são aceitas ou rejeitadas não porque se acredita que são úteis ou prejudiciais, mas porque se acredita que são verdadeiras ou falsas./ A ideia de progresso da humanidade é uma ideia deste tipo, e é importante deixar isso claro. (...) Mas ainda que todo aumento de poder e conhecimento dependa do esforço humano, a ideia de Progresso da humanidade, da qual todos esses progressos particulares derivam seu valor, implica uma clara questão de fato, a qual os desejos dos homens ou seu trabalho não podem afetar assim como desejos e trabalhos não podem prolongar a vida além da morte."] John Bagnell Bury. *The Idea of Progress*. 2ª ed. London: Macmillan and Co., 1921, p. 1-2.

²⁷⁰ ["Em suma, não pode ser provado que o destino desconhecido ao qual o homem avança seja desejável. O movimento pode ser Progresso, ou pode ser uma direção indesejável e, portanto, não ser Progresso."] *Idem*, p. 2.

podemos alcançar um momento no qual nenhum esforço parece transpor os obstáculos impostos. Dessa maneira, Bury conclui que, como a ideia de Providência, o conceito de progresso é verdadeiro ou falso e, ao mesmo tempo, não pode ser provado nem verdadeiro, nem falso. "*Belief in it is an act of faith*²⁷¹".

Se o progresso, enquanto ideia, não pode ser julgado como um fato verdadeiro, sua definição acaba por depender, exclusivamente, de suas características específicas. Para Bury, portanto, a ideia do progresso humano é uma teoria que encerra uma síntese do passado e uma profecia do futuro, baseando-se numa interpretação da história que enxerga a humanidade avançando aos poucos em uma direção desejável e em ritmo sempre contínuo. Esse caminhar para o futuro, no entanto, deve ser visto como um resultado direto da natureza psíquica e social do homem, opondo-se a qualquer intervenção de vontades externas. Tendo, enfim, concluído sua definição do progresso, Bury passa a tratar da história desse conceito que, para ele, só tomará a forma esperada — o aspecto de uma crença cega na continuidade do avanço humano em direção de estágios sempre mais felizes — com o discurso de Condorcet, no final do século XVIII.

Para Georges Gusdorf, em seu *Les principes de la pensée au siècle des lumières*, a ideia de progresso é condição necessária para a compreensão do sentido das Luzes, uma vez que estas, segundo o autor, só podem ser compreendidas enquanto um movimento do espírito humano na direção de um aumento de conhecimentos e, conseqüentemente, de sabedoria. Dessa maneira, assim como Bury, Gusdorf constata a necessidade de uma concepção linear do tempo para que se defina a concepção desse avanço incondicional da humanidade:

"Le thème du progrès est lié à une prise de conscience de la réalité humaine comme constituant une entité autonome dans la perspective d'un développement temporel. Le présent ne doit pas être jugé en soi-même et par soi-même, comme formant un absolu, ni par référence à un ordre transcendant. Le présent est conçu comme un moment, qui fait l'objet d'une évaluation par rapport à des états antérieurs et à des états futurs; on admet qu'il y a progrès lorsque cette succession temporelle correspond à un mouvement vers un surplus de puissance et de richesse dans l'ensemble de la réalité humaine. Pour les modernes cette temporalisation de l'existence est passée en habitude; plans, graphiques, programmes et statistiques

²⁷¹ ["Acreditar é um ato de fé."] *Ibidem*, p. 4.

*nous font spontanément considérer la situation actuelle, en son détail ou dans son ensemble, en termes de moins-value ou de plus-values*²⁷²”.

Além da necessidade de uma concepção de história que considera o presente como objeto a ser julgado, e o futuro enquanto espaço de possíveis realizações de um movimento sempre positivo, Gusdorf afirma que a noção moderna de progresso implica a emancipação do devir humano em relação a qualquer forma de transcendência, marcando assim uma ruptura com as concepções medievais concernentes à linearidade da História Profana. Dessa forma, a ideia de progresso corresponde à imanência, e o principal momento onde o homem se atribui a vocação criadora, que lhe permite distanciar-se da esfera transcendente, é o Renascimento europeu. Além de se basear em uma nova apreensão do tempo e do devir do homem no mundo, a teoria do progresso encontra sua principal esfera de aplicação no domínio do conhecimento e da técnica. Ao contrário da história literária que privilegiaria, segundo Gusdorf, uma interpretação cíclica das produções artísticas, o desenvolvimento das ciências modernas não apresentam aspectos de eterno retorno: *"elle décrit un axe privilégié pour l'accumulation des richesses acquises"*²⁷³.

Essa relação entre a teoria do progresso e a história do conhecimento será invertida, no entanto, por Paolo Rossi em *Sobre as origens da ideia de progresso*²⁷⁴. Para o autor italiano, a imagem moderna de ciência não só é fator constitutivo da ideia de progresso, como aquela não pode ser concebida como independente da concepção do avanço do conhecimento:

"A imagem 'moderna' da ciência a que se fez referência aqui desempenha um papel decisivo e determinante na formação da ideia de progresso. Ela implica de fato: 1. a convicção de que o saber científico é algo que aumenta e cresce, que atua mediante um processo para o qual contribuem, uma após outra, diferentes gerações; 2. a convicção de que esse processo, em qualquer uma de suas etapas ou de seus

²⁷² ["O tema do progresso está ligado à uma tomada de consciência da realidade humana como constituindo uma entidade autônoma na perspectiva de um desenvolvimento temporal. O presente não deve ser julgado em si mesmo e por si mesmo, como formando um absoluto, nem por referência à uma ordem transcendente. O presente é concebido como um momento, que se faz objeto de uma avaliação em relação aos estados anteriores e aos estados futuros; admite-se que há progresso quando esta sucessão temporal corresponde a um movimento de acréscimo de poder e de riqueza na totalidade da realidade humana. Para os modernos esta temporalização da existência torna-se hábito; planos, gráficos, programas e estatísticas fazem-nos considerar espontaneamente a situação atual, no seu detalhe ou no seu todo, em termos de menos-valia ou de mais-valia."] Georges Gusdorf. *Les principes de la pensée au siècle des lumières*. Paris: Payot, 1971, p. 311.

²⁷³ ["Ela descreve um eixo privilegiado para a acumulação de riquezas adquiridas."] *Idem*, p. 325.

²⁷⁴ Paolo Rossi. "Sobre as origens da ideia de progresso". In: _____. *Naufrágio sem espectador: a ideia de progresso*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

momentos, jamais é completo: ou seja, que não necessita de sucessivos acréscimos, revisões ou integrações; 3. enfim, a convicção de que existe de certo modo uma tradição científica que tem características específicas (refiro-me aqui às instituições mais do que às teorias) e dentro da qual se colocam as contribuições individuais. Já disse que a imagem moderna da ciência tem um papel importante na formação da idéia de progresso. Acrescentarei agora que a idéia de progresso não é marginal, mas constitutiva da imagem moderna da ciência. Dos primeiros anos do século XVII até a segunda metade do século XIX, a idéia de um crescimento, de um *avanço do saber* acompanha todos os vários e diferentes programas científicos, constituindo, por assim dizer, seu fundo comum²⁷⁵."

Se, num primeiro momento, a ideia de progresso vê-se condicionada, então, pela concepção moderna de ciência, em um segundo momento essa mesma concepção expande-se para outras esferas da ação humana. Dessa maneira, esse *advancement of learning* aos poucos foi se transformando em uma *teoria* que se constituía, basicamente, sobre três princípios: a perfectibilidade do homem e sua natureza modificável; uma concepção de história universal da humanidade; e os discursos sobre a passagem da barbárie à civilização, sobretudo com a afirmação de "leis naturais" que operam no processo histórico. Surge, portanto, na segunda metade do século XVIII, a fé na ideia de progresso que afirma a relação intrínseca entre avanço técnico-científico e desenvolvimento político, econômico e social. Além disso, a crença no progresso também possui consequências sobre a prática no interior das sociedades, pois

"Quem crê no progresso, todavia, geralmente não se contenta com escolhas efetuadas no reino da imaginação. Não tende à fuga da história. Conta ou julga poder contar com possibilidades reais ou que interpreta como reais. Vê presentes na história algumas possíveis confirmações das suas esperanças, julga que ela procede — nem que seja nos tempos longos — segundo uma e não outra direção. Considera em todo caso que tem sentido operar no mundo com base em projetos regidos pela esperança num futuro desejável, melhor que um presente cujos limites e insuficiências são visíveis²⁷⁶."

Tal concepção da atuação humana proveniente da crença no progresso, assim acredito, permite-nos vislumbrar um dos pontos fulcrais das propostas reformistas que se espalharam pelo Ocidente no século das Luzes.

²⁷⁵ *Idem*, p. 49.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 52.

Que a ideia de progresso é proveniente da concepção moderna de ciência também afirma Maria das Graças de Souza²⁷⁷. Segundo a autora, no entanto, não é no século XVIII, como afirma Rossi, que uma preocupação com as esferas social e política une-se com a teoria do avanço científico. Para ela, desde Bacon, um dos fundadores dessa concepção moderna de ciência, que o desenvolvimento dos conhecimentos é considerado como solidário às melhorias de campos extracientíficos. Assim,

"Para Bacon, portanto, o progresso das ciências está associado ao desenvolvimento institucional, a decisões políticas, a um deslocamento do ponto de vista dos interesses e mesmo a uma certa mudança nas opiniões a respeito do lugar que o conhecimento deve ocupar na vida dos homens. Assim, se se pode dizer que a idéia de progresso se delineia a partir da noção de avanço do saber científico, como querem Rossi e Dagen, de outro lado, deve-se acrescentar que, desde Bacon, este mesmo avanço da ciência é considerado como tributário do processo de desenvolvimento de outros domínios da ação"²⁷⁸.

Já quanto aos aspectos constitutivos da ideia de progresso, Maria das Graças de Souza reforça a necessidade de uma concepção linear da história e, acima de tudo, da certeza da existência de uma "lei" da história, a qual delimita que a humanidade passa por diversos estágios de desenvolvimento, marcados por uma certa regularidade. Ainda como característica central da ideia de progresso encontra-se o julgamento do presente, afirmando-o como superior às épocas passadas.

Por fim, para além das interpretações que fizemos referência aqui e que repousam sobre uma tentativa de delimitar uma definição homogênea da ideia de progresso em meio a uma gama diversa de discursos de filósofos naturais e *philosophes*, Maria das Graças trabalha com a concepção de história e progresso em três figuras centrais do Iluminismo francês — Voltaire, Rousseau e Condorcet —, demonstrando a existência de peculiaridades discursivas quanto à definição da teoria do progresso. Dessa maneira,

"A idéia de progresso, que ordena as representações do devir histórico no Iluminismo, é, em primeiro lugar, um instrumento crítico contra as formas diversas de obscurantismo. Esta é a vertente voltairiana. Na via rousseauísta, a confrontação da idéia de progresso com a sociedade concreta também é instrumento crítico: a cumplicidade inevitável entre o progresso e a desigualdade na distribuição de seus

²⁷⁷ Maria das Graças de Souza. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.

²⁷⁸ *Idem*, p. 31.

benefícios mostra o caráter ilusório do progresso entendido como avanço dos 'conhecimentos e destrezas'. Em Condorcet, a categoria de progresso aplicada aos acontecimentos revolucionários integra o avanço do conhecimento e o estabelecimento de relações sociais e políticas fundadas na igualdade e na liberdade. O acontecimento revolucionário é sinal indicativo de progresso, é ele que dá lugar à esperança de que 'finalmente as coisas melhorem, e de que enfim os homens possam tomar alento'²⁷⁹".

Em 2006, em seu *O mito do progresso*, o sociólogo Gilberto Dupas retoma a discussão apresentada por John Bagnell Bury em 1920, afirmando que

"As idéias representam anseios humanos e exercem um poder decisivo na história. Algumas delas — como justiça, tolerância, igualdade, mercado, livre-concorrência e socialismo — dependem de uma elaboração intelectual mais refinada. Outras como é o caso de fé, Providência divina e imortalidade, são adotadas pelos homens como verdades reveladas e correspondem, muitas vezes, a uma maneira de eles suportarem a angústia, a incerteza e a dor. Idéias são aceitas ou rejeitadas não por serem verdadeiras ou falsas, mas por serem consideradas adequadas ou não para descrever algo em que temporariamente se acredita. *Progresso* é dessas idéias-força que podem estar em uma ou outra das categorias mencionadas, dependendo de serem vistas como resultado de uma ação coletiva dos homens ou encaradas como um processo inexorável. Em termos gerais, *progresso* supõe que a civilização se mova para uma direção entendida como benévola ou que conduza a um maior número de existências felizes. Mas, visto assim, o problema se recoloca que vem a ser *felicidade*'²⁸⁰".

Se Bury enxergou a ideia de progresso somente como produto da fé humana, Dupas permite que esse conceito se refira à primeira categoria apresentada pelo historiador irlandês. Com isso, o progresso poderia ser, dependendo do discurso em que se enquadra, tanto a representação de um objetivo a ser alcançado, quanto a afirmação de um processo sobre o qual o gênero humano não influi e que segue o seu próprio ritmo sem sofrer interrupções. Mesmo com essa divergência entre ambos os autores, Dupas reconhece que o progresso tem como característica afirmar-se enquanto movimento em direção a um "maior número de existências felizes". Além disso, o sociólogo brasileiro recorre à aproximação entre desenvolvimento técnico-científico e a ideia de progresso, como fica evidente na sua reconstrução das origens da ideia de

²⁷⁹ *Ibidem*, p. 204-205.

²⁸⁰ Gilberto Dupas. *O mito do progresso*; ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora Unesp, 2006, p. 29-30.

progresso, onde esse conceito é analisado, mormente em relação ao século XX, na mesma chave dos discursos irracionalistas que indicam o fracasso do avanço científico enquanto via de melhorias sócio-políticas, como é o caso do discurso de Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*.

O que, a meu ver, singulariza a inserção do livro de Gilberto Dupas nesta apreciação sobre a ideia de progresso provém, evidentemente, do subtítulo dado ao seu texto "o progresso como ideologia". Para o autor, o Iluminismo, ao buscar a autonomia da razão e do pensamento crítico através da desconstrução de ideologias, acabou por criar os fundamentos para uma ideologia do progresso que se baseou na primazia da ciência e da técnica. Entendido como ideologia, portanto, o conceito aqui analisado designaria uma posição de dualidade: por um lado, enquanto baseado na ciência, o progresso "valoriza a experiência do conhecimento"; do outro, enquanto ideologia, constitui-se como obstáculo para apreensão da verdade, uma vez que serve para a construção de discursos de dominação, mais especificamente aquele criado no interior das sociedades industriais capitalistas.

Esse conceito de progresso, visto enquanto dependente de uma visão linear da história, que considera o movimento humano em direção a estágios sempre melhores que os anteriores, e necessariamente proveniente de uma concepção moderna de ciência faz parte do discurso de António Nunes Ribeiro Sanches, principalmente no que concerne a avaliação do percurso histórico português. Pouco presente nos textos impressos pelo autor no século XVIII, a ideia de progresso fica clara na carta que o médico português endereçou, de Paris, a Joaquim Pedro de Abreu, médico da corte portuguesa:

"Para aprender estes conhecimentos intuitivos he que propôs e V. M. proporá taõbem, que necessitaõ aquelles que haõ de ser Mestres da Medicina, e suas partes, sahirem fóra; ainda que tenhaõ ja a sciencia para ensinarem; por que em Portugal não havendo escolas scientificas, como V. M. me dis da Universidade, onde o methodo de ensinar he tão contrario ao progresso das ciências he impossivel que la se possaõ aprender²⁸¹".

No trecho acima vemos, primeiramente, o uso da expressão "progresso das ciências" no que se refere, neste caso, à reforma dos estudos médicos da Universidade de Coimbra. Em segundo lugar na missiva citada, Ribeiro Sanches faz referência ao

²⁸¹ Antonio Nunes Ribeiro Sanches. *Carta a Joaquim Pedro de Abreu* (26 de março de 1760). *Op. cit.*, p. 141.

obstáculo que se impõe ao progresso das ciências pela estrutura da instituição universitária coimbrã. Como meio de transpor esse obstáculo, o médico português propõe que os futuros professores de medicina sejam educados nas melhores escolas médicas da Europa, ou seja, que entrem em contato com outras instituições de ensino consideradas por Ribeiro Sanches como superiores às portuguesas.

E é a partir desse problema da relação entre Portugal e Europa que se pode constatar uma outra característica da ideia de progresso. Na verdade, só encontramos uma possível solução para essa questão quando nos debruçamos sobre a contraparte do conceito de progresso, que constitui tema recorrente na historiografia portuguesa sobre o século XVIII.

Segundo Joel Serrão, no verbete "decadência" do *Dicionário Histórico Português*

"Se, na pegada de Lalande, o definirmos como 'sequência de transformações em sentido inverso das que constituem o progresso'(...), seremos imediatamente colocados ante os embaraços suscitados pela noção de *progresso*, sem a qual a ideia de decadência não alcança sentido algum. Com efeito, só se torna legítimo afirmar que *algo decaí* após se ter postulado previamente, em que consiste o subir, ou progredir para dada meta, justificada pelos valores que ela representa ou se lhe atribuem. Isto vem a significar, afinal, que qualquer ideologia respeitante à decadência de um povo ou de uma civilização assenta directamente na perspectiva cultural e social de quem a formula e, em última instância, num confessado ou tão-só implícito conjunto de fins de teor e de fundamentação metafísicos²⁸²".

Dessa maneira, compreender o progresso como categoria relativa, como conceito que depende da comparação entre duas experiências diversas — seja entre dois períodos distintos, ou entre governos diferentes —, permite-nos acentuar o aspecto ideológico da ideia de progresso. Assim, ao perguntarmos no que consiste o progresso de um povo, podemos encontrar diversas respostas:

"(...), poderá responder-se, numa primeira abordagem, por modos diversos: na fartura de sua produção de bens de consumo; no elevado nível médio da sua formação cultural; no sentido e na prática de dados valores morais; na hegemonia política que exerça relativamente a povos vizinhos ou remotos, etc. Ora, consoante a resposta à questão anterior se encaminhar por uma das vias sugeridas, abstraídas das demais, ser-se-á levado a uma formulação especial do problema da decadência; e daí

²⁸² Joel Serrão. "Decadência". In: Joel Serrão (org.) *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 6 vol. , 1992.

a dificuldade maior da empresa, pois a vida de um povo terá de ser apreendida, não dicotomicamente, mas no seu conjunto orgânico, ou seja na interpenetração de vários aspectos considerados²⁸³”.

O caráter relativo da ideia de progresso também é patente na argumentação de Fernando António Novais para explicar o caráter de importação de ideias da Ilustração portuguesa:

“Na medida em que o ‘atraso’ era visto em relação à Europa de além-Pirineus, é claro que se entendia que, para explicá-lo, impunha-se a mobilização da nova filosofia, dos países adiantados — daí o caráter de importação das idéias, de atualização; e por outro lado, as reformas eram vistas não apenas como a ‘promoção das Luzes’, mas também como uma maneira de superar o atraso, tirar a diferença e portanto mais urgentes, donde a precocidade com que são atacadas²⁸⁴”.

Para o nosso intuito, portanto, considerar o caráter comparativo da ideia de progresso e, consequentemente, de decadência, permite-nos, em primeiro lugar, compreender a composição da alegoria do "reino cadaveroso" em contraposição à Europa moderna. No caso das *Cartas sobre a educação da mocidade*, Ribeiro Sanches utiliza-se, na primeira parte, do discurso histórico com finalidade de reafirmar a doutrina contratualista como modelo a ser seguido, contrapondo-a com as leis góticas do reino de Portugal, representantes de um passado de conquistas e de dominação religiosa que se encontram em descompasso em relação à ascensão do comércio e do trabalho. Em segundo lugar, essa maneira de compreender a ideia de progresso possibilita indicar que o caráter comparativo nas obras de Ribeiro Sanches faz-se presente, ainda, na prescrição de modelos explícitos encontrados nos países que o médico português percorrera em sua trajetória, com é o caso das constantes referências às medidas de Pedro, o Grande, para a modernização da Rússia, ou a proposta de instaurar um porto franco na foz do Tejo a exemplo do que foi construído em Livorno.

²⁸³ *Idem.*

²⁸⁴ Fernando Antonio Novais. “O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos”. *Op. cit.*.

Conclusões

Assim, após a análise da figura intelectual de Ribeiro Sanches, alguns traços conclusivos são possíveis. Em primeiro lugar, sua trajetória permite recolocar a pergunta sobre a coerência de um "Iluminismo português", uma vez que reafirma o caráter heterogêneo das experiências cosmopolitas pelas quais passou a maioria das "figuras estrangeiradas" portuguesas. Assim, em um primeiro momento, esse impasse nos leva a concordar com a tese de Jaime Cortesão, que enxerga a figura de Ribeiro Sanches como um "estrangeirado" que se estrangeirou demais, perdendo a compreensão da realidade portuguesa no que diz respeito as estruturas sociais lusitanas²⁸⁵.

Em segundo lugar, concluímos também que as posições desempenhadas por Ribeiro Sanches no decorrer de sua trajetória permite-nos repensar a elaboração do conhecimento ilustrado através da concepção de redes proposta por Bruno Latour. Para este, os conhecimentos científicos obedecem a uma divisão geográfica do trabalho intelectual que obedece à lógica centro/periferia. Dessa forma, as observações produzidas nas periferias da expansão ocidental retornam para os principais centros produtores e condensadores de conhecimento (as centrais de cálculo) para, enfim, alcançarem novamente as franjas dessas redes como conhecimento institucionalizado e instrumento de dominação da natureza. Não propomos, aqui, que este modelo seja totalmente incongruente com a análise que fizemos da trajetória de Ribeiro Sanches. No entanto, devemos considerar que o médico português, durante sua vida, participa de todas as etapas de produção de conhecimento, uma vez que atuou como intermediário nas trocas de bens culturais e naturais entre Pequim e a Europa, serviu como testemunha ocular na campanha da Criméia (de onde provém suas observações quanto aos tártaros, que serão publicadas por Buffon), assim como produziu tratados de referência no que concerne às doenças venéreas. Testemunha, mediador e produtor de cálculos, Ribeiro Sanches atenta à necessidade de concebermos as redes de maneira muito mais fluida e maleável, nas quais se torna explícito o caráter de mobilidade presente em seus interiores.

²⁸⁵ "Hebreu de sangue e estrangeirado pela demorada formação e renovação intelectual nesses países, êle não compreendia, nem podia compreender o seu país de origem. E o que sucedia com êle, acontecia com muitos outros estrangeirados". Jaime Cortesão. *O Tratado de Madrid*. Brasília: Senado Federal, tomo 1, 2001, p. 91.

Apêndice 1: Transcrição de três missivas de Ribeiro Sanches

1ª Carta: Ribeiro Sanches a Manuel Pacheco Sampaio Valladares — 18 de Janeiro de 1733

I. M. I.

*Parcus Deorum cultor et infrenquens /
dum sapientiae / consultus erro.*

Meu Senhor. Nam he por ostentação, que tresladey essas palavras de Horacio, foy somente por animar a V.M. a que lesse esta minha retractação das opinioens de judaismo, as quaes não sey se V. M. foy dellas sabedor, ou de outras que não erão catholicas de qualquer modo: declaro, e afirmo do modo mais expressivo, e valiozo, que sou Christão Catholico Romano que creyo tudo aquilo que cre, e ensina a Santa Igreja Catholica Romana, em cuja fé e Religião verdadeyra prometo de morrer, e viver.

Julguey que devia dar conta a V.M. deste meu estado, que faça o mesmo a todos aquelles a quem V.M. comonicou algua das minhas cartas; a V.M. escandalizey, pesso-lhe como verdadeyro amigo, como christão verdadeyro, que me perdoe pelo mau exemplo e escandalo.

Sahi de Inglaterra, e vi Hollanda, França e atravecey duas vezes, vi Italia, Alemanha, e vim a esta Corte chamado por Medico do Senado e Cidade, com paga de S. Mag. Imperial de 500 rublos por anno, e pratica livre, ganharey por anno tres mil cruzados pouco mais, ou menos, tudo gasto por ser obrigado a ter coche cavallos cinco, criados quatro; aqui vivo há quinze mezes bem molestado sempre do scorbuto pelos grandes frios: aqui houve hum Portugues chamado Antonio Manoel Luis Vieyira, que foy generalissimo primeyro de mar, e ao depois Regedor das Justiças, casou com uma irman de hum Principe deste Imperio de Alemanha, há 4 annos, que [?] Portuguez foi desterrado para sempre para os confins da China em Ziberia por pouco fiel a S. Magestade. Eu sou o segundo que aqui se conhece: necessitava hum livro para dizer o que tenho visto, no que tenho viajado, e os grandes homens, o principal foi hum Italiano o M. R. João Alberto Soria a quem devo com o auxilio Divino o claro entendimento de

que gozo de minhas opinioens. Este quarto de papel me custa somente a meter na posta para Lisboa dous mil reis, e não posso dizer muyto. Meu irmão esta em Paris bom cirurgião, e fará honra à patria, [?], grande Catholico Romano, como teve a fortuna de achar hum protector Frances, Ser homem, por que os Cirurgioens em França são mais na estimação que os Medicos, ainda quiser a ver huma de V.M. e noticia de toda a sua amada familia, e do Senhor Francisco.

A religião deste imperio he a grega, todas tem liberdade, e nós temos aqui hum pequeno Convento de Capuchos. com a proteção do Imperador dos Romanos. Moscovia 18 de Janeyro de 1733.

Muyto Captivo, e fiel servidor de V.M.

Antonio Ribeiro Sanches.

2ª Carta: Ribeiro Sanches a Manuel Pacheco Sampaio

Valladares — 20 de Março de 1735

Meu Senhor. Recebi a de V.M. de 24 de junho de 1734 haverá dois meses com tanto gosto por saber que V.M. vive em companhia de sua amada familia, e muy venerada de mim mesmo principalmente porque vossos senhores Francisco Pacheco estava para tomar o seu grau de que felicito a V.M., e a elle tambem porque creyo, que me há de considerar como seu amante, e fidelissimo servo, não só pelo amor que lhe tive, mas porque he prenda tão chegada a Vossa mercê. Se eu sempre venerey a Vossa mercê com razam pelo seu grande talento, agora o admiro mais pelas materias de que me falla na sua de tal modo tocadas, que não tenho mais que lhe dar parabens, e a mim tambem: para satisfazer ao que Vossa Mercê me pede já tenho tresladado o projecto para nessa se estudar Medicina acrescentado com notas, que puz pelas margens: fico escrevendo o outro acerca, dos Christãos novos, que bem farão com a historia da vida de hum christão novo oyto, ou nove folhas de papel: tudo mandarey Deo dante por Navio pela Primavera que aqui começa no mês de Mayo, e as vezes a 20 do mesmo, tempo em que se abrem os Rios, e o mar para a navegação; alguns annos se abrem a 15 de Abril. Invio esta pela posta com hua Letra de perto de 100 [?] ao senhor João Campanelli para que me compre os livros abaixo, e que o resto, que mo mande a Penamacor a meu Pay para que sayba que vivo: pesso a Vossa mercê que fassa com este seu amigo que queira ser meu

correspondente, e ainda que elle não ganhará couza alguma Comigo, asseguro que não perderá: os Academicos, o Secretario da Academia Imperial desta me tem prometido, que enviarão hum presente de Livros desta à nossa Real de Lisboa para entre elas aver correspondencia; eu ainda nem falley com o Presidente, que he hum Gram Senhor, mas supponho que consentirá com a Academia; o prezente eu o consignarey ao R. P. Lima, ou ao senhor Martinho de Mendoça a quem conheço; e o mandarey directado ao Senhor Campanolli; eu proverey esta correspondencia por que o amor da Patria obriga a muyto. Eu ordeno ao senhor Campanolli, que fiquem quem no seu poder 15 [contos de réis?] do dinheyro que lhe mando, dos quais quero que me compre primeiramente huma[?]; em segundo lugar "Noticias da Universidade de Coimbra pelo R. P. Seitas Pereyra, 1º, e 2º tomo se tiver sahido "Mais a Navarrete varios Tratados das Couzas China" Vossa mercê me falla deste Autor, que he hum volume em folio; mas pairesse-me que ha ainda o segundo, se acaso se achar, que venhão, quando não, o primeiro "A vida ou Historia del Rey D. João o 2º de Portugal. que ouvi dizer, que sahira há pouco impresso em dous, ou tres volumes em 4º . Ao P. Andrade Iter Hebetence, ou Hebetum, escripto em Português, ou castelhano. E se acazo não bastarem os 15 [contos de réis] para comprar estes Livros, não será necessário mandar-me a Historia del Rey D. João o 2º, e no cazo, que se não achem estes Livros, pesso a Vossa mercê que me mande aquelles que sejam de Historia que lhe parecer que meressem ser lidos. Se o Senhor Doutor Francisco Pacheco estiver em Lisboa, espero da sua bondade, e da herdada, que se há de encarregar de me comprar o que pesso humildemente. Vivo muy occupado escrevendo huma Pharmacopea que faço por ordem, para que por ella se fassão todos os remedios que se consomem neste Imperio: he hum grande trabalho. Deos ajude, e que seja para seu serviço. Na seguinte que escrever serey tão difuzo nella, como sou socinto nesta. A toda a Familia de Vossa mercê recomendo humildemente, e Deos guarde a Vossa mercê muitos annos como lhe dezejo. São Petersburgo de Março 20 de 1735.

Muy fiel venerador e servidor de Vossa mercê

Antonio Ribeiro Sanches.

Bem me fará a graça de me mandar a Nota dos Livros ou ao Senhor Campanolli para que os compre ou a outra qualquer pessoa, e lhe dará o dinheiro que for

necessario, como lhe avizo a elle somente encomendo, que me compre huma meya violla boa, a Vossa mercê pessa-lhe o mais. Perdoe Vossa mercê.

3ª carta: Cod. CX/1-13 a fl. Dita de Antonio Ribeiro Sanches a (Gonçalo;) Xavier d'Alcaçova.

Paris, 2 de novembro de 1772.

Ilustríssimo Senhor

Fico na mayor consternação por não haver recebido carta e V Senhoria Ilustríssima são passados tres mezes: tenho escrito a 10 de Agosto, e a 31. & a 5 de Outubro. O que me move mandar esta ao Dr. Sachetti para entregala a V Ill.ma que pesso a Deos recebela com a saude [e felicidades -- imperfeição do documento] que lhedezejo. Nesta pesso humildem.te a V Ill.ma não so dar-me noticias suas, mas aresposta que lhe pesso, para finalizar de h~ua ves esta Compra dos meos livros, [deteriorado] rejeitada de h~ua ves e he o cazo.

Anteontem meveyo fallar hum Livreyro estabelecido com credito nesta [deteriorado] mado Mokini (ç) Rue de l'Harpe, meu conhecido particularmente, para saber [deteriorado] =ria vender a mª Bibliotheca (assim a batizou Elle) por que hum S.nr desta cidade ó encarregàr desta comissão, de quem não declararia O nome por haverlhe sido assim encarregado. Que ditto compraria a renda vitalicia, gozando eu della por mª vida [por -- deteriorado], transação authentica.

Bem poderá V Ill.ma considerar qual seria amª resposta. Mas não fasso intenção de darlha, pesso a V. Ill.ma mui humildemente dar-me todos os meynos para cumprir apalavra que dei ao dtº Livreiro: Estes consistirão, ou que S. E. o Snr. Martinho de Mello ou outra Pessoa qualquer, aquem V. Ill.ma tiver proposito a Compra dos d.os Livros, rejeitem a tal compra, ou que dem Ordem e procuração à pessoa que escolherem para fazer o contratto por Notario, Comigo sobre a mesma compra as Condições Seguintes.

Primeyra: Que gozarei por minha vida dos d.tos meus Livros e Manuscrittos.

Segundo: Que dittos Livros e Manuscritos e Cartas Geographicas, Cartas e papeis impressos e Manuscritos me Serão pagos de dois modos que proponho finalmente. O primeiro Vinte mil Libras tornois em tres || Pagamentos dentro de hum

anno, a contar daquelle dia no qual for feito ó con=tratto da ditta venda. O Segundo: o (¿) ou pago de tres mil livres tournoises em renda vitalicia, cada anno por minha vida, a contar do dia em que for feito o Contrato, pagandoseme o primeiro anno adiantado naquelle (mesmo) dia. e em Consequencia em Cada dia Semelhante no vindouro por minha vida.

Terceira: Que seria obrigado continuar ossequito(¿) das obras periodicas contidas no Catalogo que mandei a ordem de V. Ill.ma por minha vida.

Quarta: Que esperarei receber a determinação que V. Ill.ma for servido mandarme até o fim do mes de Janeiro 1773: e no cazo que não receber até o d.to dia a ditta resolução, que daquelle mesmo dia para diante, fico des=obrigado (e livre) de dispôr dos dittos Livros e Manuscrittos, como melhor me parecer, sendo delles Legitimo possuidor.

Bem vê V Ill.ma pella Segunda Condição quanto quizera que d.tos Livros, e principalmente os meos Manuscrittos, e de outros Autores que tenho, ficassem em Portugal depois da minha morte: pois que [deteriorado] carta do 31 de Agosto proximo passado pedia Cinco mil livres em renda vitalicia por [deteriorado], e que prezentemente, me contento, nesta intenção, somente com tres mil livres tournoises.

Qualquer reposta que V. Ill.ma for servido dar-me conforme a minha humilde petição, me será tão agradável, com a necessaria, e pello q mostrarei em quanto viver a V. Ill.ma o mais vivo e sincero agradecimento:

Esta remetto por via do Doutor Sachetti Barbosa, e tão bem por via de João da Matta, Chirurgião p.a ver se por alguas destas vias chegará esta carta à maons de V. Illustrissima, de quem dezejo receber não so as noticias da sua perfeita saude, mas tão bem as suas ordens que executarei com o mayor respeito: pedindo a Deos guarde a mui Illustre Pessoa de V. Sehnhoria Ill.ma por muitos annos. Paris 2 de 9bro 1772.

V. Senhoria Illustrissima

Mui obedinte e mui fiel Creado

Antonio Ribeiro Sanches.

A Monsieur

Monsieur Xavier de Alcaçova Secretaire Perpetuel de L'Academie R.lle de l'Histoire Portugaise

Lisbonne

A Sto. Amaro.

Bibliografia:

Abreviaturas

BNP: Biblioteca Nacional de Portugal

BPE: Biblioteca Pública de Évora.

1. Fontes

1.1 Fontes manuscritas

BNP. F. 381. *Mon Journal*. Microfilme. — Trata-se do diário mantido por Ribeiro Sanches em Paris.

BNP. COD. 10896 — *Cartas sobre a educação da mocidade portuguesa*. — Corresponde a exemplar manuscrito, sem data, da primeira parte do que viria a ser as *Cartas sobre a Educação da Mocidade*.

BPE. Cod. CX/ 1-13 — Cartas a Manuel Pacheco Sampaio Valadares. — Trata-se de três cartas endereçada ao Dr. português Manuel Pacheco Sampaio Valadares, escritas por Ribeiro Sanches quando de sua estadia no Império Russo (Moscou, 18 de janeiro de 1733; São Petersburgo, 20 de março de 1735; São Petersburgo, 15 de julho de 1735.

BPE. Cod. CX/1-13 — Dita de Antonio Ribeiro Sanches a (Gonçalo) Xavier d'Alcaçova. Paris, 2 de novembro de 1772.

1.2. Fontes impressas

CLAVIJERO, Francisco Javier. "Disertacion IX". In: *Historia Antigua de Mexico*. Vol. 2. Londres: R. Ackerman, strand, 1826. Versão Digital: <http://books.google.com/> Acessado em: 16/09/2009.

d'AZYR, Félix Vicq. "Éloge de Sanchèz". In: *Oeuvres de Vicq d'Azyr*; org: Jacques L. Moreau, Paris: chez L. Duprat-Duverger, T. 3, 1805, p. 217-257. Disponível em: www.europeana.eu Acessado em: 27 jan. 2011.

NASCIMENTO, Francisco Manuel do. *Versos de Filinto Elysio*. Tomo V. Paris: Typographia de Luis Desveux, 1806.

ROBERTSON, William. *History of America*. Paris: Baudry at the Foreign Library, 1828. Versão digital: <http://books.google.com/> Acessado em: 18/09/2009.

- SANCHES**, António Nunes Ribeiro. *Cartas sobre a educação da mocidade*. In: _____ *Obras*. Org. CARVALHO, Joaquim de. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2 vol., 1959 – 1966.
- _____. *Ribeiro Sanches: dificuldades que tem um reino velho para emendar-se e outros textos*. Org. SÁ, Victor de. Lisboa: Livros Horizontes, 2ª ed., 1980.
- _____. *Memoire sur les bains de vapeur de Russie, considérés pour la conservation de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies*. In: *Histoire de la Société royale de médecine.- Année 1779 - avec les Mémoires de médecine et de physique médicale pour la même Année, tirés des registres de cette société*. Paris, 1782, pp. 233 – 280. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?05749x1782> Acessado em: 27 jul. 2009.
- _____. *Affections de l'âme*. In : *Encyclopédie méthodique, médecine, par une société de médecins*, Paris, Panckoucke, 1787, vol. I A-ALI. pp.247 - 177. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?07410xM01> Acessado em: 27 jul. 2009
- _____. *Dissertação sobre as paixões da alma*. Covilhã, 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/dissertacao_paixoes_alma.pdf Acessado em: 15 fev. 2009.
- _____. *Método para aprender e estudar a Medicina*. Covilhã, 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/metodo_aprender_estudar_med.pdf Acessado em: 2 ago. 2009.
- _____. *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756). Covilhã, 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/tratado_saude_povos.pdf Acessado em: 15 fev. 2009.
- _____. *Origem da denominação de christão-velho e christão-novo em Portugal* (8 de novembro de 1748). Covilhã, 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/cristaosnovos_cristaosvelhos.pdf Acessado em: 15 fev. 2009.

- _____. *Apontamentos para estabelecerse hum tribunal & collegio de medicina* (1763). Covilhã, 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/apontamentos_tribunal_colegio_medicina.pdf Acessado em: 15 fev. 2009
- _____. *Apontamentos para fundar-se uma Universidade Real na cidade do Reino que se achasse mais conveniente* (maio de 1763). Covilhã, 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/aponts_universidade_reino_conveniente.pdf Acessado em: 15 fev. 2009
- _____. *Carta a Joaquim Pedro de Abreu* (26 de março de 1760). Covilhã: 2003. Disponível em: http://www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/carta_joaquim_abreu.pdf Acessado em: 15 fev. 2009.
- Catalogue des livres de feu M. Ant. Nuñez Ribeiro Sanchès*. Paris: Chez de Bure, 1783. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5500059t.r=Ribeiro+Sanches.langPT> Acessado em: 13 set. 2009.
- _____. *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une epidémie*. Paris: chez Durand et Pissot, 1752. Disponível em: <http://books.google.com> Acessado em: 24/05/2011.
- _____. *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie*. Lisboa, 1774. Disponível em: <http://books.google.com> Acessado em: 24/05/2011.
- _____. *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une epidémie. Suivie de l'examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie par Monsieur A. R. Sanches*. Leiden: chez Henri Hoogenstraaten, 1778. Disponível em: <http://books.google.com>.

2. Obras de referência.

SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 6 vol. , 1992.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, e Chronologica, na qual se comprehende a notícia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*. Tomo IV, Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759. Disponível em: <http://books.google.com>. Acessado em: 23/09/2011.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. 22 vol.. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/> Acessado em: 23/09/2011.

3. Livros e artigos

ARAÚJO, Ana Cristina (coord.). *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000.

_____. "Medicina e Utopia em Ribeiro Sanches". In: *Ars Interpretandi — Diálogo e Tempo*. Homenagem a Miguel Baptista Pereira. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 35-85.

_____. "Ilustração, pedagogia e ciência em António Nunes Ribeiro Sanches". In: *Revista de história das idéias*. Coimbra. vol. 6, 1984, pp. 377 – 394.

_____. *A Cultura da Luzes em Portugal: temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

_____. "Ribeiro Sanches e o desastre de Lisboa". In: ARAÚJO, Ana Cristina; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; ROSSA, Walter; SERRÃO; José Vicente (organizadores). *O Terramoto de 1755: Impactos Históricos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, p. 309-322.

AZEVEDO, João Lúcio de. *O Marquês de Pombal e a sua época*. São Paulo: Alameda, 2004.

BECKER, Carl Lotus. *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale University Press, 2ª ed., 2003.

- BIAGIOLI**, Mario. *Galileu cortesão: a prática da ciência na cultura do Absolutismo*. Porto: Porto Editora, 2003.
- BOURDIEU**, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- _____. "L'illusion biographique". In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol.62-63, junho 1986, p. 69-72.
- _____. *Meditações Pascalianas*. Tradução: Sergio Miceli. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOXER**, Charles Ralph. "An enlightened portuguese: Dr. Ribeiro Sanches". In: _____. *Opera Minora*. Vol. III. Org.: CURTO, Diogo Ramada. Lisboa: Fundação Oriente, 2002, p. 203 - 213.
- BURY**, John Bagnell. *The Idea of Progress* 2ª ed. London: Macmillan and Co., 1921.
- CALAFATE**, Pedro (dir.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Vol. III: As Luzes. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- _____. *A ideia de natureza no século XVIII em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- CARNEIRO**, Ana; SIMÕES, Ana; DIOGO, Maria Paula. "The Estrangeirados and Their Communication Networks". In: *Social Studies of Science*, Vol. 30, Nº. 4. Sage Publications, Ltd., 2000, p. 591-619.
- CARVALHO**, Laerte Ramos de. *Reformas Pombalinas de Instrução Pública*. São Paulo: Edusp, 1978.
- CARVALHO**, Rómulo de. *Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1979.
- _____. *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.
- _____. *História da fundação do Colégio dos Nobres de Lisboa*. Coimbra: Atlantide, 1959.
- CASSIRER**, Ernst. *The philosophy of the Enlightenment*. Tradução: Fritz C. A. Koelln; James P. Pettegrove. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- CASTELO BRANCO**, Camilo. *Perfil do Marquês de Pombal*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1982.
- CASTRO**, Zília Osório de. "O Estado e a Igreja pensamento de António Nunes Ribeiro Sanches". In: *Estudos em homenagem a Luis António de Oliveira Ramos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 399-406.

- CIDADE**, Hernâni. *Lições de cultura e literatura portuguesa*. Vol. 2. Coimbra: Coimbra Editora, 1940.
- CORTESÃO**, Jaime. *Alexandre de Gusmão e O Tratado de Madrid*. Brasília: Senado Federal, 2001.
- CUNHA**, Norberto Ferreira da. *Elites e acadêmicos na cultura portuguesa setecentista*. Lisboa: Imprensa nacional, 2000.
- DARNTON**, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DELON**, Michel (dir.). *Dictionnaire européens des Lumières*. Paris: Quadrige/PUF, 1997.
- DIAS**, José Sebastião da Silva. "O Eclectismo em Portugal no século XVIII: génese e destino de uma atitude filosófica", separata da *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano VI, Coimbra, 1972.
- _____. "Portugal e a cultura europeia (sécs. XVI - XVIII). In: *Biblos*, nº. XXVIII, 1952, p. 204 - 498.
- DIAS**, Maria Odila Leite da Silva. "Aspectos da ilustração no Brasil". In: *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005, pp.39-126.
- DIAS**, José Lopes. "Duas cartas inéditas do Dr. José Henriques Ferreira, comissário do físico-mor e médico do vice-rei do Brasil, a Ribeiro Sanches". In: *Separata da Imprensa Médica*, Lisboa, 1959.
- DULAC**, Georges. "Deux réseaux au service de l'académie des sciences de saint-petersbourg: autour de Ribeiro Sanches et de Johann Albrecht Euler". In: *Dix-huitième siècle: revue annuelle*. nº. 40, 2008, p.193-210.
- _____. "Science et politique: Les réseaux du dr. António Ribeiro Sanches (1699-1783)". In: *Cahiers du Monde russe*, 43/2-3, Avril-septembre, 2002, pp. 251-274, disponível em: <http://monderusse.revues.org/docannexe3970.html> Acessado em: 13 jan. 2009.
- FALCON**, Francisco José Calazans *A Época Pombalina*. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- FERRÃO**, António. "O Poeta, Crítico e Moralista Francisco de Pina e de Melo (1695 - 1773): apontamentos para a sua biografia". Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vol. XX. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1938.

- _____. "Ribeiro Sanches e Soares de Barros: novos elementos para as biografias desses académicos: três cartas inéditas de Ribeiro Sanches (1758-1760) e vários documentos acerca do grande cientista José Joaquim Soares de Barros (1760-1761)". Separata do *Boletim de Segunda Classe*, vol. XX. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1936.
- FLECK**, Ludwik. *Genesis and development of a scientific fact*. Tradução: Fred Bradley, Thaddeus J. Trenn. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- FURTADO**, Júnia Ferreira. "Colecionismo e gosto: As compras portuguesas de livros e estampas nos Países Baixos meridionais". In: THOMAS, Werner; STOLS, Eddy. (Org.). *Un mundo sobre papel. Libros, grabados y mapas de Flandres en los impérios español y portugués (siglos XVI-XVIII)*. Un mundo sobre papel. Libros, grabados y mapas de Flandres en los impérios español y portugués (siglos XVI-XVIII). Louvain: Acco, 2009, v. , p. 411-425.
- GAY**, Peter. *The Enlightenment: The Rise of Modern Paganism*. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1995.
- _____. *The Enlightenment. The Science of Freedom*. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1996.
- GERBI**, Antonello. *O novo mundo: história de uma polêmica (1750 - 1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GUSDORF**, Georges. *Les principes de la pensée au siècle des lumières*. Paris: Payot, 1971.
- _____. *Dieu, la nature, l'homme au siècle des lumières*. Paris, Payot, 1972.
- GUSMÃO**, Francisco Antonio Rodrigues de. "Um invento portuguez". In: *Archivo Pitoresco*, tomo XI, Lisboa, 1868, p. 139-140 e 147.
- HARTOG**, François. "Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo". In: *Revista de História*, n. 148. São Paulo: Humanitas, 2003.
- HAZARD**, Paul. *Crise da consciência europeia*. Tradução: Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1948.
- _____. *La Pensée Européenne au XVIII siècle*. Paris: Hachette Literatures, 2006.
- ISRAEL**, Jonathan Irvine. *Enlightenment Contested: Philosophy, Modernity and the Emancipation of Man 1670-1752*. New York: Oxford University Press, 2008.

- _____. *Radical Elighthenment: Philosophy and the Making of Modernity 1650-1750*. New York: Oxford University Press, 2002.
- KANTOR**, Íris. “A Academia Real de História Potuguesa e a defesa do patrimônio ultramarino: da paz de Westfália ao Tratado de Madri (1648 – 1750). In: BICALHO, Maria Fernanda; FERLINI, Vera Lúcia Amaral (org). *Modos de Governar: idéias e práticas políticas no Império Português séculos XVI a XIX*. São Paulo: Alameda, 2005, pp. 257 – 276.
- _____. *Esquecidos e Renascidos: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759)*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- KOSELLECK**, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução: Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KURY**, Lorelai Brilhante. “Homens de Ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780 – 1810)”. In: *História, Ciência, Saúde — Manguinhos*” Vol. 11 (suplemento 1), 2004, p. 109 – 129.
- LEMO**S, Maximiano. *Ribeiro Sanches: A sua vida e a sua obra*. Porto: Editor Eduardo Tavares Martins, 1911.
- LATOUR**, Bruno. *Ciência em Ação*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- MACEDO**, Jorge Borges de “Estrangeirados’, um conceito a rever”. In: *Rev. Bracara Augusta*. Braga: vol. XXVIII, n.º 65-66, p. 201-203.
- MACHADO**, Fernando Augusto. *Educação e Cidadania na Ilustração Portuguesa: Ribeiro Sanches*. Porto: Campo das Letras, 2001.
- MAXWELL**, Kenneth. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed. 1997.
- MENDES**, António Manuel Nunes Rosa. *Ribeiro Sanches e o Marquês de Pombal: intelectuais e poder no absolutismo esclarecido*, Cascais, Patrimónia, 1998.
- MIRA**, Matias Ferreira de. *História da Medicina Portuguesa*. Lisboa: Edição da Empresa Nacional de Publicidade, 1947.
- MIRANDA**, Tiago Costa Pinto dos Reis. “‘Estrangeirados’. A questão do isolacionismo português nos séculos XVII e XVIII”. In: *Revista de História*. São Paulo: n.º. 123/124, 1990/1991, pp.35-70.
- NOVAIS**, Fernando Antônio. “O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos”. In: *Revista Brasileira de História*, nº 7, 1984, p. 105-118.

- _____. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Editora Hucitec, 7ª ed., 2001.
- PORTER**, Roy (org.). *The Cambridge History of Science*. Vol. IV: The Enligthenment Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- QUENTAL**, Antero de. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*. Lisboa: Editorial Nova Ática, 2005.
- RAMINELLI**, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governos à distância*. São Paulo: Alameda, 2008.
- ROCHA**, Andrée Crabbé. “Um epistolário vienense de Ribeiro Sanches”. In: *Separata Biblos*, LVI, Coimbra, 1980.
- ROCHE**, Daniel *Les républicains des lettres: gens de culture et Lumières au XVIII siècle*. Paris: Fayard, 1988.
- RODRIGUES**, Manuel Augusto. "A Biblioteca de António Nunes Ribeiro Sanches". *Separata de Actas das Congregações da Faculdade de Medicina*, vol. 2. Coimbra: Coimbra editorial, 1986. Disponível em: www.estudogeral.sib.uc.pt Acessado em: 20 mar. 2011.
- ROGER**, Jacques. *Les sciences de la vie dans la pensée française au XVIIIème siècle*. Paris: Albin Michel, 1993.
- ROSSI**, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- _____. *Naufrágio sem espectador: a idéia de progresso*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- _____. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução: Antonio Angonese. Bauru, SP: Edusc, 2001.
- SANTOS**, Maria Helena Carvalho dos Santos (coord.). *Pombal Revisitado*. Lisboa: Editorial Estampa, 2 vol, 1984.
- _____. “Ribeiro Sanches e a questão dos judeus”. In: *Revista de história das idéias*. Coimbra. Vol. 4, tomo I, 1982.
- SANTOS FILHO**, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 1991.
- SÉRGIO**, António. “O reino cadaveroso ou o problema da cultura em Portugal”. In: *Ensaio*. Lisboa: Publicações Europa-América, v.2, 2ª ed., 1957, p.41-83.
- SHAPIN**, Steven; **SCHAFFER**, Simon. *Leviathan and the Air-pump: Hobbes, Boyle and the experimental life*. Princeton: Princeto Universtiy Press, 1985.

- SILVA**, Abílio Diniz. *Instruções Políticas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- SOUZA**, Maria das Graças de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.
- TORGAL**, Luís Reis; **MENDES**, José Amado,; **CATROGA** Fernando,. *História da História de Portugal: séculos XIX - XX*. Lisboa: Temas e Debates, 1998, 2 volumes.
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA** (ed.). *História da Universidade em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol.1, tomo 2, 1997
- VENTURI**, Franco. *Utopia e Reformismo no Iluminismo*. Tradução: Modesto Florenzano. Bauru: Edusc, 2003.
- VIEGAS**, Arthur. "Ribeiro Sanches e os Jesuítas". In: *Revista de História*. Lisboa: vol. 9, 1920, p. 81-87, 227-231, 256-270.
- _____. "Ribeiro Sanches e o Pe. Polycarpo de Sousa, terceiro bispo de Pequim". In: *Revista de História*. Lisboa: vol. 10, 1921, pp. 241 – 263.
- VOVELLE**, Michel (dir.). *L'homme des Lumières*. Paris: Éditions du seuil, 1996.
- WEBER**, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. Tradução: Leonidas Hegenberg; Octany Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 9ª Ed, 1993.
- WILLEMSE**, David. *António Nunes Ribeiro Sanches - Élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*. Suplemento da Revista Janus, vol VI. Leiden: E. J. Brill, 1966.